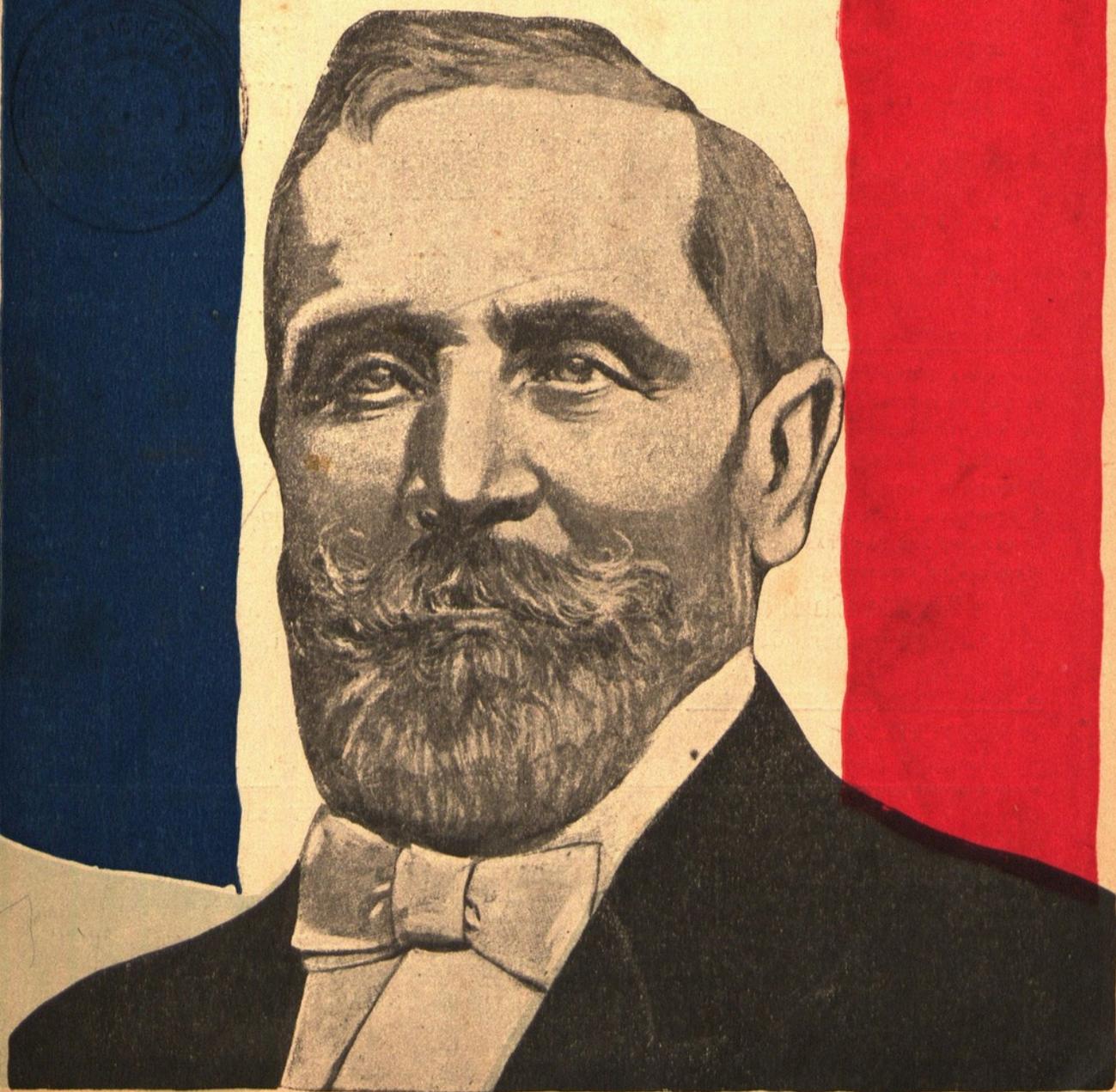


COMPRA  
a Abbr. 10/10

# SERÕES

Outubro de 1905

N.º 4



# Summario

## MAGAZINE

	PAG
GUERRA JUNQUEIRO — Phototypia Biel — No frontespicio (12 <i>illustrações</i> ) por JULIO BRANDÃO .....	281
O EXERCICIO NACIONAL DOS JAPONEZES — JIU-JITSU (8 <i>illustrações</i> ) .....	293
A ILHA DA MADEIRA (17 <i>illustrações</i> ) por JORGE SANTOS .....	297
CASTELLOS DE AR (4 <i>illustrações e 1 vinheta</i> ) por JOHN MILLS. ....	309
A CASA PORTUGUEZA — 3. <sup>a</sup> parte (4 <i>illustrações</i> ) de ROCHA PEIXOTO .....	318
O REAL OBSERVATORIO ASTRONOMICO DE LISBOA (TAPADA) (12 <i>illustrações</i> ) por A. RAMOS DA COSTA .....	323
AMAR (2 <i>illustrações</i> ) Poesia, por ALFREDO DA CUNHA .....	332
SE A MOCIDADE SOUBESSE... — III (2 <i>illustrações</i> ) por AGNES E EGERTON CASTLE .....	334
CANTIGAS DA NOSSA TERRA (1 <i>vinheta</i> ) poesia de VICENTE PINHEIRO ARNOSO .....	342
A UNIVERSIDADE DE COIMBRA (12 <i>illustrações</i> ) por MANOEL DA SILVA GAYO .....	343
OS SERÕES DOS BÉBÉS — A PRINCEZA QUE NÃO PODIA RIR (3 <i>illustrações e 1 vinheta</i> ) .....	351
QUEBRA-CABEÇAS (3 <i>illustrações</i> ) .....	357
JOGO DE DAMAS (2 <i>diagrammas</i> ) por JOSÉ SYDER .....	358
ACTUALIDADES (27 <i>illustrações</i> ) .....	359

## OS SERÕES DAS SENHORAS (39 *illustrações*)

CHRONICA GERAL DE MODAS .....	pag. 53	PELOS ALTOS .....	pag. 61
MODAS DE INVERNO .....	» 56	LAVORES FEMININOS .....	» 62
OS NOSSOS FIGURINOS .....	» 56	BAROMETRO VIVO .....	» 63
CHAPEUS DA ESTAÇÃO .....	» 57	PRECOCIDADE MUSICAL .....	» 64
A NOSSA FOLHA DE MOLDES .....	» 59	OVOS MARAVILHOSOS .....	» 65
A ETIQUETA NA CONVERSAÇÃO .....	» 60	AUTOMOBILISMO DAS SENHORAS .....	» 66
O PARAISO DAS BARATAS .....	» 60	CONSULTORIO DE LUIZA .....	» 70
MANEIRA DE CONSERVAR AS PELLAS .....	» 60	NOTAS DA DONA DE CASA .....	» 71

### Uma folha solta de moldes

Grande numero de pequenos artigos de hygiene domestica, receitas caseiras, advertencias uteis, etc.

## A MUSICA DOS SERÕES

### HISTORIETA

Musica de JULIO NEUPARTH .....

4 paginas

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

### Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil	Estrangeiro	
Anno .....	2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)	
Semestre .....	1\$200	Moeda fraca .....	Frs .....	15,00
Trimestre .....	600			

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

# Correspondencia dos Serões

## MAGAZINE

Continuamos a ser obsequiados com um grande numero de artigos, photographias, musicas, etc., destinados a inserção na nossa revista.

Nem todas essas contribuições, que aliás muito agradecemos, poderão figurar nas paginas dos *Serões*; umas por não se moldarem á indole da nossa publicação, outras por deixarem algo a desejar pelo que respeita tanto á forma como á essencia. As que são accetaveis irão entrando á proporção que para ellas haja cabimento. Como já dissemos no numero anterior, nem que a revista fosse semanal haveria espaço para publicar todas immediatamente. É esta a resposta que damos, em circular, aos nossos amaveis collaboradores que por escripto ou verbalmente manifestam a sua impaciencia pela demora na publicação dos seus trabalhos. Se os escriptores, cuja collaboração temos sollicitado, teem que esperar ensejo para que os seus artigos appareçam nas nossas paginas, não admira que a collaboração espontanea e adventicia tenha que soffrer os mesmos percalços, pois não é verdade?

Muitas e penhorantes cartas temos recebido de animação e sympathia, que cordialmente nos lisonjeam e nos estimulam a proseguir n'uma empresa, bafejada pelo favor publico.

É prova d'este favor o exgotamento da 1.<sup>a</sup> edição do 1.<sup>o</sup> numero, que nos forçou a imprimir 2.<sup>a</sup>, e acharem-se muito proximas a exhaurir-se as edições dos dois outros.

As palavras de incitamento são muitas vezes acompanhadas de conselhos e suggestões que tomaremos em conta.

A secção de photographias, por exemplo, que um nosso assignante de Cidadelhe nos suggere, será inaugurada, como já tencionavamos, no n.<sup>o</sup> 5, com o resultado do nosso concurso, que teve um exito excepcional. As monographias de cidades e povoações do paiz, que o mesmo assignante nos aconselha, apparecerão a seu tempo, como no prospecto promettemos.

Outras indicações, referentes á escolha de collaboradores, serão devidamente consideradas.

*Um leitor* alvitra que incluamos nos *Serões das Senhoras* a secção que intitulámos *Serões dos Bebés*.

A ideia é razoavel. Veremos se, ao encetarmos o 2.<sup>o</sup> volume d'esta nova serie, a tornam exequivel as condições da impressão, que temos de respeitar.

Queixa-se *um guloso* de que querendo executar uma receita nossa, de uma gulodice, já se vê, a encontrou incompleta. Que quer? Foram os typographos que enguliram os ovos e o assucar, e o revisor, que não é guloso, não deu pela falta. Providenciaremos de futuro, para que não se deem desastres semelhantes.

### A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

Foram reproduzidos d'este esplendido album artistico, editado pelos srs. Emilio Biel & C.<sup>a</sup>, do Porto, algumas photographias com que illustrámos o artigo *Universidade de Coimbra*, do nosso collaborador e presado amigo Manoel da Silva Gayo.

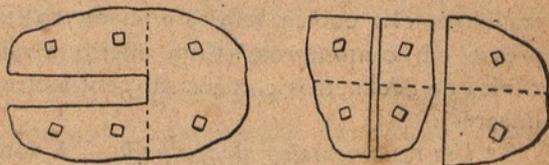
Aos srs. Biel & C.<sup>a</sup> agradecemos profundamente a gentileza da sua concessão.

### A ILHA DA MADEIRA

N'este artigo, publicado no presente numero e a pagina 307, sae uma gravura a que pozemos a indicação *Tipoia*, quando esse termo é applicado simplesmente em Africa. Trata-se d'uma viagem em rede, tão usual na Ilha da Madeira.

### QUEBRA-CABEÇAS

1.<sup>o</sup> *As secções da batata*. — A maneira de dar os dois cortes na batata vê-se pela figura junta.



2.<sup>o</sup> *Diametro da esphera*. — Eis a maneira de lhe determinar o diametro, sem a riscar nem fazer uso do compasso:

Pesa-se a esphera no ar e depois mergulha-se em agua; a differença dos pesos será o peso de um volume igual ao da esphera, de agua (destilada). Ora o peso é o producto do volume pela densidade

$$P = V d$$

mas aqui a densidade, visto que se trata d'agua destilada, é a unidade

$$d = 1$$

logo

$$P = V$$

O numero que exprime o peso referido á unidade kilogramma, é o mesmo que exprime o volume referido á unidade decimetro cubico, visto que um decimetro cubico d'agua destilada pesa um kilogramma : mas o volume da esphera é

$$\frac{4}{3} \pi R^3 = V$$

e

$$R = \frac{D}{2} \quad R^3 = \frac{D^3}{8}$$

Substituindo

$$\frac{4}{3} \pi \frac{D^3}{8} = V = P$$

ou

$$\frac{\pi D^3}{6} = P$$

ou

$$D^3 = \frac{6}{\pi} \times P$$

$$D = \sqrt[3]{\frac{6}{\pi} \times P}$$

Ora  $\frac{6}{\pi}$  é, com uma approximação muito sufficiente, igual a  $\frac{21}{11}$ ; logo:

Tendo achado a differença do peso da esphera no ar e na agua, tomando  $\frac{21}{11}$  d'essa differença (expressa em kilogrammas) e extractando a raiz cubica, tem-se o diametro expresso em centimetros. (Com effeito a raiz cubica de decimetros cubicos são centimetros lineares).

3.º *Um testamenteiro atrapalhado.* — A vontade do testador é que a mãe tenha metade do que tiver o filho, e o dobro do que tiver a filha; a maneira mais conducente com esta vontade, será dividir a fortuna em 7 partes, e

dar  $\frac{4}{7}$  ao filho,  $\frac{2}{7}$  á viuva e  $\frac{1}{7}$  á filha. É a solução que mais satisfaz; em todo o caso, juridicamente não será absolutamente admissivel, visto que o caso não estava previsto no testamento.

4.º *Qual é o partido?* — Uma vez que Antonio dá a Bernardo 30 ás 50, é porque Bernardo só faz a differença, 20, em quanto Antonio faz as 50; logo o jogo de Bernardo está para o de Antonio na relação  $\frac{20}{50} = \frac{2}{5}$ . A mesma relação existe entre a força ao jogo de Carlos e de Bernardo. Logo o jogo de Carlos é  $\frac{2}{5}$  de  $\frac{2}{5}$

ou  $\frac{4}{25}$  ou  $\frac{8}{50}$  do de Antonio; o que quer dizer que enquanto Antonio faz 50, Carlos faz apenas 8. O partido deve pois ser igual á differença para que o jogo se equilibre,  $50 - 8 = 42$ .

5.º *Onde irá parar?* — Este problema do nosso 1.º numero ainda não obteve solução satisfatoria, comquanto alguns curiosos tentassem resolvel-o.

Será melhor portanto que fique ainda em aberto, pelo menos até á publicação do nosso numero 6, se até lá não apparecer uma solução que plenamente satisfaça. Convidamos os mathematicos e os nauticos a meditem um pouco sobre elle. Não se nos affigura difficil encontrar a derrota descripta pelo navio na superficie da esphera. O difficil — lá vae um clarão — é encontrar-lhe o ponto de chegada.

*Reclus...* manquéé cremos que se enganou a este ultimo respeito.

\*

Decifraram todos os problemas do n.º 2: *Matuto, X. T., Newton II, Sphynge, R. A.*

O 2.º foi resolvido pelo sr. José Martins Barbosa. Mas em compensação resolveu todos, menos este, o *Saloio de Belem e Y.*

\*

Agradecemos por ultimo a collaboração que para esta secção nos tem sido amavelmente enviada, e incitamos todos os nossos leitores a darem brilho e interesse ao *Quebra-cabeças*, não só meditando na solução dos problemas propostos, mas tambem em o enriquecerem com outros, curiosos e originaes, de qualquer especie.



## CENACULO SILVEIRA, DE PERNAMBUCO

---

Inserimos hoje, n'esta pagina, os retratos dos principaes membros do Cenaculo Silveira, de Pernambuco, como justa homenagem aos seus meritos e ao valer intellectual d'esse nucleo, que honra o Brazil.

No 1.º plano, da esquerda para a direita, figura o sr. dr. **Beitor Maia**, lente cathedratico de topographia da Escola de Engenharia de Pernambuco e inspirado cultor das musas. Segue-se o sr. dr. **Arthur de Albuquerque**, redactor do *Diario de Pernambuco*, advogado nos auditorios do Recife, e auctor da *Vida da Imprensa*, um scintillante livro de critica, que revela o brilhante talento do seu auctor. Depois, o sr. **Machado Dias**, poeta lyrico de real merecimento e jornalista de valor, fundador da *Revista do Norte*, onde, com Martins Junior, Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando e outros, deu grande alento á litteratura brasileira. Tem o seu nome ligado á propaganda abolicionista e tem cooperado no movimento republicano. Segue-se o sr. **Arthur Bahia**, distincto funcionario publico, jornalista e primoroso poeta, auctor dos *Nimbos*, da *Volta do Lupanar* e outras producções reveladoras d'um superior talento. Em ultimo logar, figura o sr. **Rodolpho Garcia**, tão primoroso poeta, como abalisado critico e jornalista.

No segundo plano, egualmente da esquerda para a direita, vemos em primeiro logar o sr. dr. **Oswaldo Machado**, lente de logica do Gymnasio Pernambucano, redactor-chefe do *Jornal do Recife*, advogado nos auditorios da capital, auctor d'um livro soberbo, *Na Imprensa e na Tribuna*, trabalho em que se encontram chronicas e discursos que evidenciam o seu bello talento. Segue-se o sr. dr. **Aprigio Garcia**, director da secretaria da camara dos deputados, 1.º secretario do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano e jornalista de grande merecimento. Dedicase com amor a estudos de direito publico e constitucional, em que revela grandes conhecimentos. Depois, o sr. dr. **Phaelante da Camara**, lente cathedratico de direito criminal da faculdade de Recife, cavalheiro de grande renome nos circulos litterarios e juridicos do Brazil. E' auctor de varios livros, que a critica tem saudado com grande enthusiasmo, merecendo iustos louvores, tanto da imprensa do seu paiz como estrangeira. D'entre elles destacaremos *Duello e Infanticidio*, *Memoria Historica da Faculdade de Direito*,

*Maciel Monteiro, Rei Suicida e Verdades ao sol*, não fallando em muitos artigos publicados na imprensa diaria e periodica. E' poeta e jornalista de pulso, e o seu nome está ligado ás grandes causas que nos ultimos tempos teem agitado o seu paiz. Segue o sr. **Domingos Magarinos**, poeta, comediographo e jornalista, auctor dos *Tropheos*, formoso livro de versos, de varias revistas de theatro que teem recebido das platéas pernambucanas grandes applausos, e vigoroso representante da imprensa, onde se tem revelado um denodado combatente. O ultimo, do 2.º plano, é o sr. dr. **Beamor de Medeiros**, lente de francez do Gymnasio Pernambucano, advogado nos auditorios do Recife, romancista e poeta, auctor dos *Contos mal contados*, *Fraquesas do proximo* e do poemeto historico *Lasthenia*, além de outros trabalhos diffundidos pela imprensa do Recife.

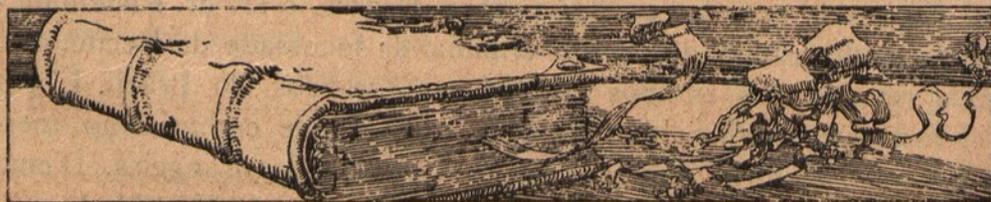
Falta-nos o retrato do sr. **Arthur Moniz**, cavalheiro tambem de muito valor e prestigio em Pernambuco. Não o podémos obter, porém, a tempos de o publicar no presente numero.

Rendendo a nossa homenagem aos distinctos cavalheiros que estão á frente do Cenaculo Silveira, agradecemos-lhes ao mesmo tempo a fórma dedicada como elles teem cooperado para o lisongeiro acolhimento que a revista *Os Serões* teem tido no vasto imperio brasileiro, ao qual nos ligam as tradições.



## O Concurso Photographico dos Serões

A affluencia notavel de concorrentes a este nosso primeiro certamen, combinada com os complexos affazeres de uma publicação d'esta ordem, inibem-nos de darmos n'este numero, como era nosso intento, o resultado do concurso aberto no nosso numero 2. No proximo numero o faremos, felicitando-nos desde já, e aos concorrentes, pelo exito excepcional d'este primeiro concurso.





## MARMORINE

Patente n.º 4:858

Pavimento sem fendas em cores variadas, impermeavel e incombustivel, proprio para casas de banho, sanatorios, hospitaes, cosinhas, etc., e todo e qualquer piso que se deseje tornar impermeavel; excellente cobertura para soalhos velhos de 600 a 1\$500 réis o metro quadrado em qualquer cor. Secca em 24 horas.

**GOARMON & C.<sup>A</sup>** ☪ 21, T. do Corpo Santo ☪ **LISBOA**

Ferreira & Oliveira, Lim.<sup>da</sup> — Livreiros Editores

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

---

Acaba de publicar-se:

# A VIDA SEXUAL

1.<sup>a</sup> Parte — PHYSIOLOGIA

PELO

Doutor EGAS MONIZ

Lente de Medicina da Universidade de Coimbra

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

Um volume in-8.<sup>o</sup> de 350 paginas com gravuras, brochado 1\$000 réis

Encadernado 1\$250 réis

Pelo correio, franco de porte

---

**A primeira edição d'este livro esgotou-se em mezes. O assumpto é tratado d'uma fórma accentuadamente scientifica e ao mesmo tempo de facil comprehensão para todos os leitores.**

---

DO MESMO AUTOR:

# A VIDA SEXUAL

Pathologia

1 vol. de 324 pag. in-8.<sup>o</sup> br. 1\$000 rs. com encad. especial 1\$250

=== **A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS** ===

Pelo correio, franco de porte

---

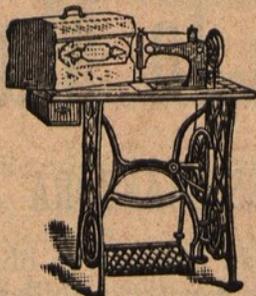
A PUBLICAR BREVEMENTE

**BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA**

Boletim mensal do movimento de imprensa e livraria do paiz  
Distribuição gratuita aos clientes da Livraria Ferreira

# MEMORIA

SÃO AS MELHORES



SÃO AS MELHORES

É a machina de costura mais perfeita, mais solida, mais silenciosa, mais elegante e mais veloz que veiu a Portugal.

Mais de 30 modelos diferentes.

**Machinas desde 6\$000 réis para cima**

Vendas a dinheiro com grandes reduções.

Vendas a prestações de **500 réis** por semana

Enviam-se a quem pedir catalogos gratis com os desenhos



**BICYCLETES**  
**Clement Gritzner**

E OUTRAS MARCAS

Desde **45\$000 réis**

A minha casa é a mais antiga do paiz na venda de bicyclettes

Nenhuma casa, pois, pôde competir em qualidade e preços.

Peçam listas de preços e condições, que as envio gratis.



**7**  
Largo  
da Rua do  
Principe,  
**7**  
LISBOA

Casa  
Memoria  
Santos  
Beirão

**VIERLING & C.<sup>A</sup>**  
LIMITADA

Cambio e papeis de credito  
Compram e vendem moedas estrangeiras

Praça do Municipio, 1, 2 e 3  
Rua do Arsenal, 44 e 46

**Retrozaria DAVID**  
(Sobrinho)

Sempre as mais recentes  
NOVIDADES

76, Rua Nova do Almada, 78

# OBRAS PRIMAS

BIBLIOTHECA DOS MELHORES LIVROS DE TODAS AS LITTERATURAS ANTICAS E MODERNAS

## Dom Quichote de la Mancha

por MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA

Fundando esta Bibliotheca, foi nossa intenção publicar as obras que immortalisaram os nomes de Shakespeare, Molière, Goethe, Shiller, La Fontaine, Dickens, Thackeray, Gorky, Wells, Rod, Prévost, Maupassant, Hervieu, Pereda, Galdós, Ibáñez, etc., creando em redor d'esses nomes uma reputação universal.

Desnecessario nos parece enumerar a utilidade educativa e o recreio honesto que da leitura de taes escriptores podem advir, tanto mais que teremos todo o escrupulo na escolha, para que os livros da nossa Bibliotheca possam entrar em todos os lares e andar, em todas as mãos. A parte litteraria merecer-nos-ha o maior desvello, sendo os trabalhos de traducção confiados a escriptores de reconhecido merito.

Com taes intuitos, não podiamos escolher obra melhor para inaugurar a nossa Bibliotheca do que o **Dom Quichote de la Mancha**, critica mordaz e incisiva aos antigos tempos da cavallaria, que tornou o nome de Cervantes conhecido em todo o mundo, e lhe deu a immortalidade ao lado dos maiores escriptores de todos os tempos.

O **Dom Quichote** está hoje editado em todas as linguas. Todos os povos cultos o conhecem. E as edições succedem-se umas ás outras, divulgando a obra magistral de Cervantes. Depois da *Biblia*, nenhuma obra ainda se difundiu tanto por todas as camadas sociaes. Na sua leitura, o espirito retemperase-nos, a alma eleva-se-nos na agudeza da critica e o encanto d'aquellas paginas falla-nos ao coração.

A obra de Cervantes não deve deixar de figurar em todas as estantes. Uma lacuna d'essa ordem representa um crime de lesa bom-gosto. Por isso, fizemos uma edição primorosa, impressa em bom papel, composta em typo novo, e que, no emtanto, á belleza artistica da execução, allia o seu custo economico.

A obra está já toda publicada, constando de **3 volumes**, que em brochura importam em

**600 RÉIS**

e n'uma elegante encadernação de percalina com ferros especiaes

**900 RÉIS**

Pedidos a

**FERREIRA & OLIVEIRA** — Livreiros-Editores

132 — RUA DO OURO — 138

**LISBOA**

# OBRAS PRIMAS

Bibliotheca dos melhores livros de todas as litteraturas antigas e modernas

## VIAGENS DE GULLIVER

POR

Jonathan Swift

Depois de editado o **Dom Quichote de la Mancha**, procurámos uma obra que, desconhecida ainda no nosso meio litterario, fosse tambem d'um notavel valor. E nenhuma se nos apresentou, reunindo melhores condições, do que as **Viagens de Gulliver**, de Swift.

O nome de Jonathan Swift é quasi desconhecido ainda no nosso meio litterario. Apenas aquelles que se comprazem em estudar a litteratura antiga e moderna, e acompanham passo e passo os progressos da litteratura estrangeira, conhecem a obra do celebre pamphletario e escriptor satyrico inglez, que immortalisou o seu nome não só nas **Viagens de Gulliver**, como no **Conto do Tonnel**, na **Profecia de Windsor**, e outras obras em que o seu espirito scintillante se evidencia. Mas lá fóra, nos paizes que caminham na vanguarda do movimento intellectual, o nome de Swift é justamente apreciado e collocado a par dos melhores escriptores inglezes. Ainda não ha muito, o distincto membro da Academia Franceza, Prévost-Paradol, publicou um estudo relativo a Swit e á sua obra fecunda.

As **Viagens de Gulliver** é um trabalho primoroso, d'nma litteratura que encanta. A fórma como o auctor descreve a viagem ao paiz mysterioso de Lilliput, producto da sua fertil imaginação, as mil peripecias que ali se succedem, a ininterrupta successão de factos, que o auctor narra com a sua inacreditavel veia espirituosa, tudo faz das **Viagens de Gulliver** o que, sem favor, se póde dizer um bom livro.

Sendo necessario conservar perfeitamente as bellezas do original, confiámos a traducção a um distincto escriptor, perfeito conhecedor da lingua ingleza, que n'ella revelará mais uma vez o seu comprovado merito.

As **Viagens de Gulliver**, que já se encontram no prélo, são editadas nas mesmas condições do que as demais edições das **Obras Primas**, e que são as seguintes:

Cada volume de 200 a 400 paginas	{	Em brochura.....	200
		Com elegante encadernação de percalina com ferros especiaes .....	300

### Acceitam-se assignaturas

Por série de 5 volumes	{	Em brochura.....	900
		Cartonados .....	1\$400
Cada série de 10 volumes	{	Em brochura .....	1\$800
		Cartonados .....	2\$700

# SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Romances, Viagens, Sciencias, Historia, Artes, Musica,  
Conhecimentos uteis, Modas, etc.



## *Plano da publicação*

Uma vez por mez dão os **Serões** aos seus leitores um elegante volume, de 100 a 150 paginas, impresso em fino papel de arte, profusamente illustrado, com collaboração escrupulosamente escolhida, para que possa ser recebido com inteira confiança nas familias.

Cada numero compõe-se:

1.º Do magazine propriamente dito, de 80 a 120 paginas, semelhante ás publicações congéneres do estrangeiro, mas com um plano mais vasto, abrangendo todas as manifestações da intelligencia humana, e comprehendendo:

- a) romances, novellas e contos dos melhores auctores portuguezes e estrangeiros, cuidadosamente escolhidos;
- b) narrativas de viagens, descripções geographicas, artigos de sciencia, tudo apresentado sob a fórma mais amena e pittoresca;
- c) artigos elucidativos sobre a geographia, a ethnographia, a vida social, politica e domestica em Portugal, sobre todas as manifestações da intellectualidade portugueza, os nossos artistas, os nossos homens de letras, descripções interessantes dos nossos monumentos, das nossas industrias, das nossas paisagens, das nossas romarias, das nossas feiras, das nossas cidades; as nossas alegrias e as nossas tristezas;
- d) monographias historicas, sempre revestindo uma fórma anecdotica e incisiva, especialmente referidas á fecunda e épica historia do nosso paiz;
- e) uma secção de **Actualidades**, dando conta de todo o movimento social, litterario e artistico do mundo, subdividida por varios titulos, como: **Grandes topicos**, noticias dos grandes acontecimentos politicos e sociaes que interessam a humanidade; **Vida na arte**, contendo a analyse summaria dos livros mais interessantes publicados entre nós e no estrangeiro, ideia do movimento theatral, com a

- critica succinta das mais notaveis peças, noticia das mais importantes obras de arte apparecidas, exposições, galerias, etc., procurando por esta fórma acompanhar todo o movimento artistico que se opéra em todo o mundo; **Vida na Sciencia e na Industria**, com informações sobre os inventos mais uteis, as descobertas mais curiosas, os factos scientificos e industriaes de maior monta; **Vida no sport**, noticias do movimento sportivo, yachting, automobilismo, tauromachia, atletismo, gymnastica, etc.; **Vida nos campos**, resenha de todos os trabalhos a realizar durante o mez; **Variedades**, miscellanea de noticias sobre todos os assumptos que não caibam nos titulos antecedentes, aneddotas de interesse de momento, etc.
- f) uma secção denominada **Quebra-cabeças**, com problemas de indole scientifica, paradoxos interessantes, jogo de damas, etc.
- g) artigos especiaes sobre jogos, exercicios de differente natureza, assumptos de sport, etc.
- h) **Os Serões das creanças**, contendo historietas para a infancia, cuidadosamente escolhidas nas colleccões estrangeiras, ou devidas á penna de escriptores nacionaes experimentados no genero, e profusamente illustradas como é proprio das publicações d'esta indole.

**2.º Os Serões das Senhoras**, suplemento constante de 10 a 24 paginas, numeradas em separado, contendo:

- Chronica geral de modas**: Figurinos e modelos de vestidos e chapéus, etc., com a maneira mais economica e facil de os executar;
- Uma folha de moldes**, expressamente desenhada para traje e roupas de senhoras e creanças, e ainda homens, facilitando e simplificando o trabalho domestico;
- Lavores femininos**, explicação, com desenho á vista, de trabalhos de costura, bordado, renda, crochet, pintura, etc., todos os trabalhos caseiros, emfim, com a maneira mais simples e economica de os executar;
- Chronica do movimento da sociedade portugueza**, casamentos, baptisados, soirées, bailes, etc.
- Notas da dona de casa**, receitas simples de culinaria, hygiene domestica, applicações da sciencia ao conforto e vida economica de familia, *menus*, etc.

Ainda para servir as suas leitoras, os **Serões** estão organisando uma agencia que se encarregará de compras de toda a natureza em Lisboa e no estrangeiro sem retribuição alguma.

**3.º A Musica dos Serões**, outro suplemento de 4 a 8 paginas, com trechos faceis para piano, ou piano e canto, dos melhores compositores portuguezes e estrangeiros, ou reproducção dos mais bellos trechos de musica.

---

Desejando que os **Serões** sejam uma representação, quanto possivel fiel, de todas as forças vivas da mentalidade portugueza, procuraremos a collaboração dos homens de maior nomeada entre nós, nas sciencias, nas lettras e nas arte, se

acolheremos com alvoroço toda a especie de collaboração que se nos offereça, comtanto que, pelo interesse do assumpto e pela singeleza da linguagem, se possa adequar aos moldes em que planeamos esta revista. Incitamos os nossos leitores e leitoras a fornecer-nos elementos de collaboração litteraria ou artistica, como por exemplo curiosidades locais, tradições, contos figurados, photographias curiosas, etc., etc., ainda que não venham revestidos de fórma litteraria, mas sejam apenas suggestões, ideias, lembranças sobre assumptos de geral interesse, etc.

Alem d'isso, os **Serões** abrirão frequentemente concursos de litteratura, de arte, de photographia, de sciencia, etc. O de photographia, por nós aberto, e encerrado ha dias, foi um acontecimento no nosso acanhado meio artistico.

Toda a collaboração accete será paga.

Por este modo procuram os **Serões** corresponder á sua ambição: a de se tornar um agente efficaz e sincero do desenvolvimento nacional e a de promover o amor pela nossa terra e pela nossa arte, ensinando a apreciar o muito que temos de bom e interessante.

Em resumo: os **Serões** são uma publicação indispensavel a todos que queiram saber o que se faz e o que se pensa em todos os ramos do saber humano e tem uma leitura tão variada que todas as classes de leitores encontrarão em cada numero ou um conselho, ou um conhecimento, ou uma leitura amena e honesta.

Justificam plenamente esta nossa affirmacão os quatro numeros já publicados. Póde-se dizer que de numero para numero a nossa revista se aperfeiçoa, modificando sempre os seus moldes, de fórma a corresponder cada vez mais ao sentimento artistico que norteou a sua publicação. E assim tambem, as adhesões ao nosso trabalho nos chegam de todos os lados, francas e expontaneas. De todos os pontos do paiz recebemos innumeradas provas de amizade e de sympathia, conselhos uteis e aproveitaveis, offerecimentos generosos, cooperação dedicada. O Brazil, onde contamos tantos irmãos que fallam a nossa mesma lingua, para quem a patria de muitos dos que ali vivem é a nossa propria patria, tambem nos tem dado estimulos vigorosos para que o nosso emprehendimento se radique e os **Serões** cheguem a ser uma revista artistica, semelhante ao que de melhor se publica no estrangeiro.

### Condições de publicação

Cada numero dos **Serões**, de 100 a 150 paginas, com 2 supplementos e de 100 a 200 illustrações, magnificamente impresso em papel couché, e com uma capa artistica

**200 réis avulso em todo o paiz**

Para se avaliar do quanto é reduzido este preço, basta que se diga que cada numero dos **Serões** tem mais materia que a de um volume vulgar de 200 a 300 paginas formato in 8.º

Cada anno formarão os **Serões** 2 volumes, contendo

**mais materia que doze volumes vulgares de formato in-8.º**

custando cada um **1\$200 réis em brochura e 1\$600 réis encadernado** com capa de ferros especiaes.

**ASSIGNATURAS: (Pagamento adiantado)**

Para Portugal, Ilhas, Colonias e Hespanha

Por anno (12 numeros).....:... 2~~7~~200 réis

Os assignantes de um anno recebem assim um numero de graça

Por semestre (6 numeros)..... 1~~7~~200 réis

Por trimestre (3 numeros)..... 600 »

Para o Brazil

Por anno (12 numeros) moeda fraca.. 12~~7~~000 réis

Para o estrangeiro

Por anno (12 numeros) ..... 15,00 frs.

O preço de numero avulso no Brazil e estrangeiro será marcado pelos nossos correspondentes.

**Assigna-se em todas as livrarias e nas repartições do Correio**

---

Temos ainda uma pequena quantidade da 1.<sup>a</sup> série dos *SERÕES* completa.

Esta série fórma 4 volumes, cheios de interessantes artigos de diversas indoles, collaborados por varios escriptores e artistas do nosso paiz, sob a direcção intelligente e carinhosa de um homem, cuja nome, tanta é a sua modestia, era desconhecido da maioria dos assignantes. Commetteremos agora a indiscrição de o revelar, como por exemplo de quanto póde a perseverança unida a uma vasta erudição e a um requintado gosto Foi elle o sr. Adrião de Seixas, já sobejamente conhecido no mundo das letras, e cujo nome ficará ligado aos *SERÕES*, como seu primeiro inspirador e fundador.

**O preço dos quatro volumes é:**

**Em brochura..... 4\$800**

**Encadernado..... 6\$400**

Para os assignantes da nova série dos *SERÕES* vendemos a antiga série a *pagamentos mensaes de 800 réis*.

A nova série dos *SERÕES* continuará brevemente a publicação de alguns interessantes trabalhos interrompidos, entre os quaes avulta a obra do dr. Haupt sobre Architectura Portugueza.

---

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**

**Ferreira & Oliveira L.da, Editores**

LIVREIROS DE S. M. EL-REI

DEPOSITARIOS DAS PUBLICAÇÕES DO ESTADO

**Rua Aurea, 132 a 138 — Lisboa**

## Especialidade nos seguintes vinhos:

*Collares Branco — Collares tinto*

*Bucellas — Moscatel — Bastardinho*

### VINHOS DE MEZA

*Samouco — Cartaxo — Torres*

*Santarem — Vinho verde*



**Vinho, Azeite, Vinagre  
e Aguardente**

PARA CONSUMO E EXPORTAÇÃO

ARMAZENS

**POÇO DO BISPO**

Endereço telegraphico: ADEGA

**Pereira, SILVA & C.<sup>o</sup>**  
 ESCRITORIO: 108, RUA DA PRATA, 1.<sup>o</sup> — LISBOA

## TRATADO DO COTILLON

POR

**Affonso de Pinho**

Fabricante, fornecedor de marcas de Cotillon  
 de Suas Magestades e Altezas, de todos os Casinos e Clubs de Lisboa, Praias  
 e Estações d'Agua, etc.

Um elegante volume, contendo 114 novas marcas figuradas,  
 muito util e indispensavel a quem dança o cotillon

**Preço 300 réis — Á venda em todas as livrarias**

— E NA —

**Casa de Novidades — 145, Rua do Ouro, 149**

**LISBOA**

# Livraria Ferreira & Oliveira

R. do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

---

Esta livraria, fundada em 1846, não só tem editado grande numero de obras que teem causado certa sensação no mundo litterario, como é hoje uma das mais bem sortidas do paiz.

## Livros

Temos um grande sortimento de livros de todas as especialidades em todas as linguas. Fornecemos com sollicitude todos os livros que nos sejam encommendados, e com muito prazer damos gratuitamente todos os esclarecimentos bibliographicos que nos sejam pedidos.

## Assignaturas de jornaes

Tomamos assignaturas para todos os jornaes portuguezes e estrangeiros, aos melhores preços.

## Material escolar

Encarregamo-nos de fornecer toda a qualidade de material escolar, mobiliario, mappas, espheras, aparelhos de physica, chimica, etc., e damos gratuitamente todos os esclarecimentos sobre preços e qualidades que nos sejam pedidos.

## Artigos de desenho e pinturas

Estamos montando uma secção especial d'estes artigos, de que distribuiremos em breve catalogos pela nossa clientella.

## Encadernações

Nas nossas officinas de encadernações encarregamo-nos de todos os trabalhos simples e de luxo.

## Trabalhos typographicos

Encarregamo-nos de todos os trabalhos typographicos, taes como livros, jornaes, theses, etc.

## Livros oficialmente approvados para o ensino primario

Estamos habilitados a satisfazer todas as requisições que se nos façam n'este genero. Possuimos os livros de leitura, pautas e exemplares calligraphicos, livros de desenho, agricultura, chorographia e historia, moral e doutrina christã, educação civica, e arithmetica, além de todos os livros auxiliares do ensino.

A nova edição do nosso catalogo dos livros de ensino, e que é muito desenvolvida, está em distribuição, encarregando-nos de a remettermos a quem a requisitar.

Livro indispensavel a todos os professores

## O AUXILIAR DO PROFESSOR PRIMARIO

Por **M. MIRANDA** — Professor official

1 volume brochado, 150 réis

Livraria Ferreira & Oliveira Lim.<sup>da</sup> — Editores

RUA DO OURO, 132 A 138 — LISBOA

---

A PUBLICAR BREVEMENTE

**BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA**

Boletim mensal do movimento de imprensa e livraria do paiz  
Distribuição gratuita aos clientes da Livraria Ferretra

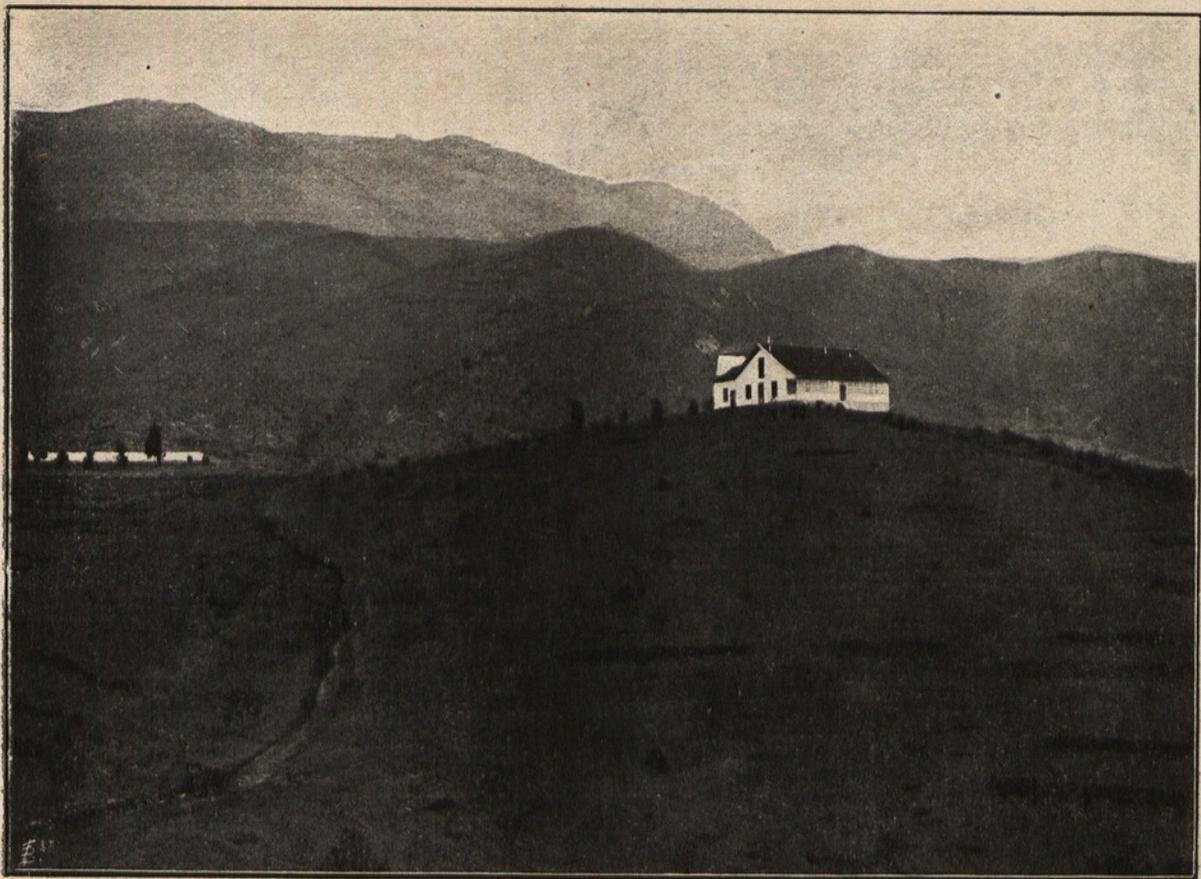
## ULTIMAS PUBLICAÇÕES:

Lopes d'Azevedo — Historia dos Eclipses, 1 vol. enc.....	300
Cervantes — D. Quichote, 3 vol. cada, br. 200, enc.....	300
Adelino d'Abreu — Serra da Estrella, 1 vol. br. 800, enc.....	1\$000
Francis Chassereau Coombe — The Tourist's and Visitors Illustrated Pocket Guide to Lisbon, Cintra and Cascaes, 1 vol.....	300
Egas Moniz — Vida Sexual (physiologia), 1 vol. br. 1\$000, enc.....	1\$250
» » — Vida Sexual (pathologia), 1 vol. br. 1\$000, enc.....	1\$250
Henrique de Vasconcellos — Flirts, 1 vol. br. 500, enc.....	700
Anthero de Figueiredo — Recordações e Viagens, 1 vol. br. 600, enc.	800
Maximiliano d'Azevedo — Em casa do filho, 1 vol.....	200
Henrique Lopes de Mendonça — Nó cego, 1 vol.....	300
Antonio Correia d'Oliveira — Parábolas, 1 vol. enc.....	700
» » » — Ara, 1 vol. br.....	600
» » » — Auto de Junho, poema.....	100
Theophilo Braga — Tricentenario da Publ. do Don Quichote, 1 vol. br.	200
Antonio de Soveral — Libambos, 1 vol. br.....	500
A. Cruz de Rocha Peixoto — Os conflictos Internacionaes ao principiar o seculo xx, 1 vol. br.....	800
Maria P. Figueirinhas — Contos para as creanças, 1 vol. enc.....	800
Raul Brandão — A Farça, 1 vol. br.....	600
Arnaldo da Fonseca — Mulher amada, 1 vol. br.....	500
Candido Figueiredo — Lições praticas da lingua port. 3 vol. br. 2\$100, enc.	2\$700
Conde de Sabugosa — O Paço de Cintra, edição de luxo, 1 vol.....	1\$500
José Syder — O Jogo das Damas, 1 vol. br. 500, enc.....	650
Marcellino Mesquita — Almas Doentes, 1 vol br.....	400
Alfredo Keil — Collecção e Museus de Arte em Lisboa, 1 vol. br.....	200
Luiz Guimarães — Pedras Preciosas, edição de luxo, 1 vol.....	1\$000
Queiroz Ribeiro — Caminho do Céu, 1 vol. enc.....	800
Gonego Anaquim — O Genio Portuguez aos pés de Maria, 1 vol. br..	600
Gonçalves de Sousa — A seccagem da fructa, 1 vol. br.....	300
Alexandre Matheiro — Chronicas do Bihé, edição de luxo, 1 vol.....	1\$200
Augusto Louza — Na Suissa, 1 vol. br.....	500
Freire de Campos — Guia Pratico do creador e amator de cavallos 1 vol. br.	600
Viseconde de Villarinho de S. Romão — O Minho e as suas culturas, 1 vol. br.	2\$000
José Joaquim d'Almeida — Coisas d'Africa, 1 vol. br.....	400
J. Mattos Braameamp — O Tiro de Caça, 1 vol. br.....	400
Augusto Fuschini — A architectura religiosa na edade media, 1 vol. br.	1\$500
Joaquim Madureira — Impressões de theatro, 1 vol. br. 1\$000, enc..	1\$200
Anselmo Vieira — A Questão fiscal e as finanças portuguezas, 1 vol. br.	2\$000

## NO PRÉLO

- Justino Botelho — O Homem Primitivo, trad., 1 vol.  
 João Chagas — Bom Humor, 1 vol.  
 Emilio Garcia — Os que furam, 1 vol. (comedia).  
 Alexandre de Sousa Figueiredo — Manual de Arboricultura, 1 vol. (2.<sup>a</sup> edição).  
 Pedro Dória Nazareth — Primeiros soccorros a doentes, 1 vol.  
 D. João de Castro — Jornadas do Minho, 1 vol.  
 Jonathan Swift — Viagens de Gulliver, 1 vol.  
 C. de Pina Machado — Alma Errante (poema dramatico).  
 Mario Relvas — Amores perfeitos, livro de versos, 1 vol.





CASA DE GUERRA JUNQUEIRO EM BARCA D'ALVA

## Guerra Junqueiro



OBRE Guerra Junqueiro tem-se escripto muito, e tem-se dito muito pouco. O grande cantor da *Morte de D. João* não foi ainda estudado como precisa

a sua figura enorme, nem o poderá ser com precisão e profundez, sem que nos dê principalmente as suas theorias, sem que publique esses *Ensaaios espirituaes*, onde o pensador ascende a alturas de prodigio.

A partir dos *Simplees*, a sua obra accentúa um modo de ser philosophico, que a propria forma em crystaes maravilhosos guarda e reflecte admiravelmente em syntheses. Mas essa synthese escapa naturalmente á maioria dos espiritos.

Do poeta d'outrora, especie de archanjo flammejante da Biblia, clamando Verdade e Justiça, Junqueiro ascendeu, mo-

dificando-se. O fogo exterminador e purificante, transformou-se divinamente em luz... Dir-se-hia que o poeta titanico, cujos versos eram dardos de oiro e lume, vestiu a alma de burel humilde, floriu a musa de rosas espirituaes immarcesciveis—mas que cresceram no pleno marullhar da natureza esplendida. A propria physionomia exterior do poeta modificou-se. Este homem extraordinario tem no aspecto a simplicidade adoravel do seu trato, que é um encanto. As barbas cresceram-lhe, como as de Ruskin; e com ellas, de certo, cresceu a sua piedade...

### COMO O POETA TRABALHA

O grande poeta não tem habitos regulares de trabalho. Levanta-se cedo, como Miguel Angelo, deita-se tambem cedo. Faz versos *quando elles querem*—costuma dizer; isto é, quando essas

estrophes immorredouras affloram na sua alma, como flores chimericas de Sonho á tona dum mar de luz.

É andando que Guerra Junqueiro compõe grande parte dos seus poemas. Passeia immenso, numa constante laboração mental. Tem as pernas infatigaveis dum *globe-trotter*. É muitas vezes passeando que expõe as suas



O POETA AOS 6 ANOS COM SEU PAE

theorias scientificas, as suas descobertas estranhas, que mais duma vez precederam d'annos as de grandes homens de sciencia europeus. Lembramo-nos de algumas — que mais tarde publicou com exito extraordinario *Flammariion*.

Toda essa maravilha dos *Simples*, a satyra sangrenta e epica da *Patria*, foi passeando que enlevadamente as ouvimos ao poeta. Os que o escutavam (ás vezes fazia um luar, como eu creio que só ha em Portugal) deixavam-se levar no rythmo dos Versos, profundos como o oceano que tambem os ouvia, e que lembravam uma chuva d'estrellas. A elegia enorme do *In pulverem*, lembra-

nos ainda como se a voz do poeta trouxesse diluida a poesia eterna das cousas, o zumbir das abelhas divinas, o aroma serrano das urzes da sua terra, onde o castanheiro morre.

«Que feliz cadaver, que até cheira bem! . . .»

As valladas do Doido, na *Patria*, eram, como hão de ser sempre, assombros shakespeareanos. Nós, os que o ouviamos, ficavamos em silencio — que é a linguagem do extasi. A noite corria infinitamente luminosa e mysteriosa. E apenas o mar suspirava, como nos tempos epicos, e as estrellas ficavam mais vivas para aureolar o Poeta. . .

A sua philosophia reduz tudo a phenomenos moraes e religiosos. Uma *Ethica cosmica* — no seu proprio dizer. Os seus auctores preferidos são naturalmente Empedocles, Plotino, Spinosa, Leibnitz, Schelling e Schopenhauer. — S. Francisco d'Assis e Beethoven são os homens que elle mais admira. Christo e Budha são para si os symbolos supremos dos super-homens.

Em arte as suas predilecções vão de Eschylo até Dante, Shakespeare, Hugo, Goëthe, Shelley, Camões, Anthero, João de Deus, Michelet, Carlyle, Emerson e toda a poesia popular.

São estas as figuras que o grande Poeta mais ama. Dos vivos, não seria difficil, conhecida a sua trajectoria esthetica, indicar aquelles que o seu immenso espirito ou o seu grande coração preferem.

#### ———— A HABITAÇÃO

A casa é o espelho da alma.

O *home* dum grande poeta e dum grande pensador como Guerra Junqueiro tem naturalmente reflexos do seu portentoso espirito. Ao invetz do que aconteceu aos Goncourt, no dizer dum ensaio de Bourget, aos quaes o amontoamento de *bibelots* e coisas d'arte foram formando certa maneira de ser litteraria, no caso do poeta dos *Simples* deu-se a simplificação e escolha de certa

arte — que marca na decoração e nos objectos aproveitados a linha ascendente e definitiva da sua evolução esthetica.

A casa do extraordinario poeta não tem luxuosas ostentações. O seu gabinete de trabalho é extremamente simples: grandes estantes cheias de livros de arte e de sciencia, algumas gravuras

definitivas e supremas da emoção e da ideia. De toda a casa irradia ventura e virtude, uma paz imperturbavel, uma grandeza duma religiosidade suave e transcendente, que se prende ás raizes mais profundas da vida... Nos seus objectos d'arte — muitos de grande, inimitavel arte — ha sempre, como na sua



UM ASPECTO DA SALA DE VISITAS

nas paredes, e uma mesa de pinho, sobre que poisam alguns retratos queridos: Tolstoï, Hugo, Renan, Pasteur, Luisa Michel...

Das suas magnificas collecções de faianças, dos seus rutilantes contadores hispano-arabes, que abertos pareciam de coral e d'oiro, e que se diriam feitos para guardar a correspondencia ardente dos namorados das *Mil e uma noites*; em fim do seu mobiliario e dos seus quadros — apenas o poeta aproveitou para uma ou outra sala um delicioso museu d'arte gothica anterior ao seculo XVI.

Aquella decoração não é d'arte pela arte: é da arte vista atravez das formas

combinação symetrica, aquella harmonia que não póde faltar aos grandes poetas, que são, nesta gleba de cardos, os enviados de Deus.

Em tudo ha rythmo: nas linhas nobres do mobiliario antigo, nas esculpturas dos seus Christos, nos armarios de castanho da Renascença, naquellas lindas arcas portuguezas, que tam bem guardariam o bragal de linho fresco, cheirando a camoeza, da Joanhinha do Valle de Santarem.

Sempre uma linha harmoniosa e pura — como na natureza inteira, aparentemente irregular e cahotica. «Deus é algebrico» — dizia Novalis.

Na sala de visitas ha muitos quadros admiraveis. A destacar entre as telas, esse prodigioso *Christo no monte Olivete*, que é um grande quadro do museu, de figuras sublimes, com uma tinta vaga de transcendente espiritualidade. Depois o poeta, com os seus olhos de genio, illumina-o de symbolos immensos... O quadro é de Greco, o mestre de Velasquez; o pintor excelso tantos annos quasi desconhecido!

Muitas pinturas italianas e flamengas, inolvidaveis; e entre estas um Van Eyk simplesmente divino pela doçura das figuras que pisam a terra, mas que evidentemente desceram do ceu... Não

d'uma suggestão biblica e os retabulos em relevo — que nos lembre, só numa sala destaca a nota demoniaca dum prodigioso desenho original de Goya: é um conluio de bruxas. Dir-se-hia que o poeta quiz dar o contraste d'essas expressões estheticas, desses dois polos tam distantes da alma humana: Van Eyk, o divino, e o macabro caliginoso e genial dos *Caprichos*!

Nos seus quadros e esculpturas, emfim nos objectos d'arte plastica que hoje possue, como nos escriptores, nos musicos que prefere, se sente esta sua maneira de ver a arte: — «Ella vale mais ou menos, segundo a porção d'amor que



OUTRO ASPECTO DA SALA DE VISITAS

esquece nunca a frescura da côr, a espiritualidade archangelica do quadro!

Que nos lembre entre tantas maravilhas d'arte religiosa e candida — d'aquella que mais exprime a grandeza humana — as madonas e os santos, as esculpturas deliciosas da sala de jantar de madeira e jaspe, as arcas

abrange e que revela. A arte soberana é a que conjuga a natureza toda, — homens e monstros, aguas e arvores, pedras e nuvens, soes e nebulosas, com verbo infinito e perfeito, o unico verbo creador, que é o verbo amar. O universo atomico, particulas innumerables e vagabundas, fraterniza em

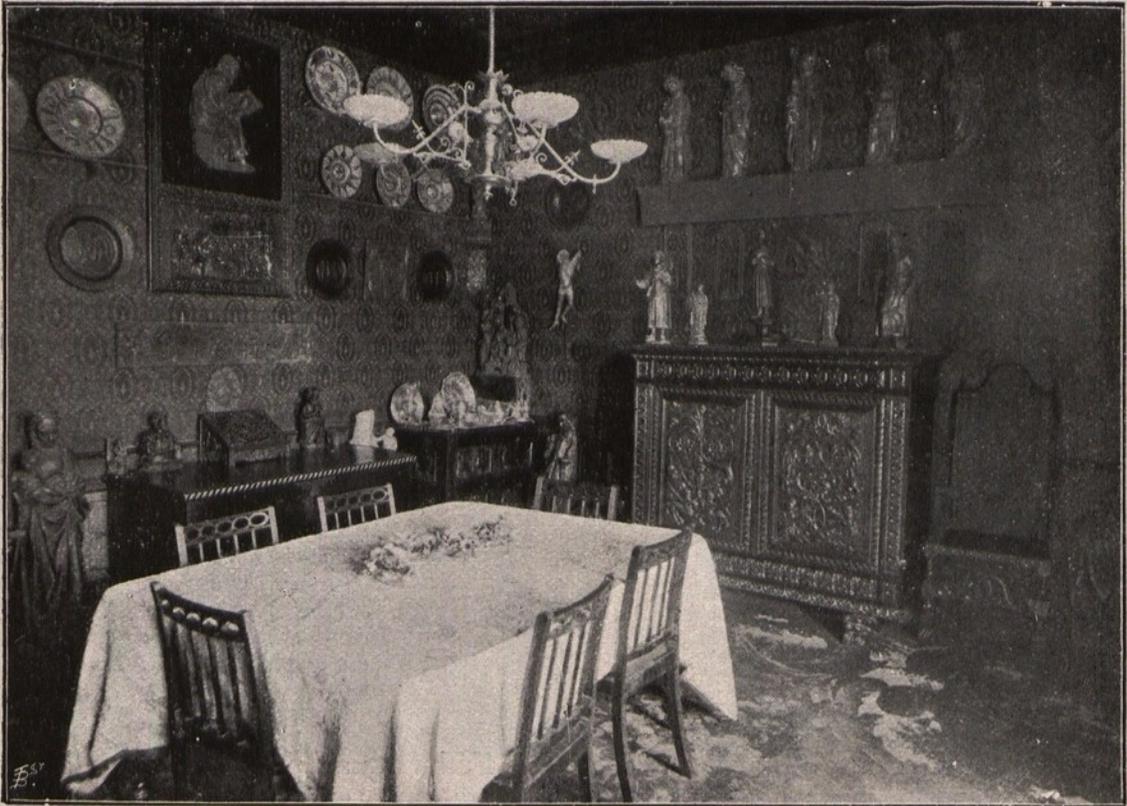
Deus, unificado numa só alma e num só corpo».

UM RETRATO E UMA ESTATUA  
DE NUN'ALVARES

O grande poeta possui o unico retrato do Santo Condestavel — que elle

Mas voltando ao retrato que Guerra Junqueiro possui — e que é talvez a sua tela mais amada — vamos transcrever a descripção que algum coevo fez de Nun'Alvares (*Chronica dos Carmelitas*, tomo I, parte III) e que a tela reproduz exactamente.

— «Foy o virtuoso condestavel de



SALA DE JANTAR

tam epicamente cantou em tercetos immorredoiros. Lembram-se?

*«E a patria! o meu amor! a patria bella!...  
Em que mingoa eu a vejo!... Quem a abraça,  
Quem vae lidar até morrer por ella?!...»*

Não existe outro retrato a oleo, embora, segundo a *Chronica dos Carmelitas*, tivesse havido «grande variedade de imagens, abertas em diferentes reynos e tambem em Roma: e o que mais é, que as pintam com *diademas e resplandores, como se fôra canonizado*».

O *Conde Santo* foi canonizado pelo povo. «Invocado por elle, promptamente lhe accedia ás supplicas». A patria inteira santificára o heroe mystico de Aljubarrota. Roma ainda não.

meam estatura, teve o rosto comprido, côr branca, o nariz afilado, e agudento, os olhos pequenos, mas muy viventos, as sobrançelhas arcadas e ruivas, e assim era o seu cabello, não só da cabeça mas tambem da barba, com algumas ruguizas na testa e nos cabos dos lagrimaes, a boca pequena com o seu sembrante muy amezurado».

\*

A esculptura em madeira que o auctor dos *Simples* pôde adquirir tambem é de certo unica. O Condestavel teve, effectivamente, muitas estatuas, adoradas nos altares de todo o reino — mas com o dominio dos Filippes desapare-

ceram todas. O Demonio do meio dia, de feito, não gostaria de ver aquelle que representava a Patria no que ella tinha de mais cavalleiroso, de mais epico e mystico! Queimaram-nas, partiram-nas. Facto registavel, não é verdade, para a moral dum povo!

Hoje Guerra Junqueiro não conhece outra escultura senão a que possui — a não ser que ainda exista a do convento de Moura, que os religiosos



O POETA AOS 29 ANNOS

chrisamaram em Santo Amaro, com medo dos invasores. As insignias, porém, eram do Condestavel, e totalmente alheias ao abbade Santo Amaro, diz ainda a *Ch. dos Carmelitas*. Tinha na mão esquerda um livro, na direita um bordão que volta na face superior, e pendente ao peito sobre o habito, o Relicario que lançava ao pescoço, quando entrava nas batalhas. (Idem).

A estatua de madeira que o grande poeta possui (e que pensa deixar, com o retrato, ao museu das Janellas Verdes) não offerece duvida ser do Condestavel. O talhe da barba, o afilado do nariz e do rosto, condizem inteiramente com o retrato a oleo, e com a descripção que nós já trasladamos. Além d'isso, o habito, o baculo «em que descansava depois de enfraquecido» e o livro de meditações «que sempre consigo trazia». Mais ainda, um detalhe

interessantissimo. Diz a *Ch. do Carmo*, a pag. 478: — «Havia um *barrete de faces* (como lhe chama o allegado fr. Jeronymo da Encarnação) com o qual o Santo Condestavel, depois de vestir o habito religioso, cobria a cabeça. Conservou-se com a estimação devida por muitos annos neste convento, até que o perdemos, e se emprestava aos enfermos de queixas graves, que o punham tambem na cabeça, e alcançavam milagrosamente do Senhor, por intercessão d'aquelle virtuoso Servo».

Ora, para mais certeza, além da semelhança physionomica, do baculo, do livro — a estatua de Junqueiro tem esse *barrete de faces* miraculoso, que mais lhe accentua a significação e o character.

#### AS «ORAÇÕES»

*«Rezar o universo é polarisal-o no infinito amor. Rezar é o superlativo divino do cantar. A oração é a canção angelisada, a canção chorada e de mãos postas. O universo absorve-a, comprehende-a. Ouve-a Deus, os homens escutam-na, e as ondas, as aguas e os rochedos vagamente a percebem, como um halito amigo, uma caricia branda e luminosa.»*

GUERRA JUNQUEIRO

Fallar dum poeta (sobretudo dum poeta que representa a mais nobre e mais profunda poesia moderna) é um doce momento da existencia do homem, porque é sempre consolador recordar, em meio do egoismo, da vaidade e da mentira, o que traga um reflexo de Belleza suprema — essa auréola que é tecida de genio e lagrimas, e por isso cada vez mais sagrada e fulgente.

Um Poeta ou um Santo são as expressões mais augustas da vida: e estas duas palavras começam de confundir-se, felizmente, para darem a synthese de toda a grandeza humana.

Para fallar dum grande poeta é necessario um cantico. As palavras pesam, oxidam-se, tropeçam: o que é divino adora-se. E eu cuido que a natureza lhe agradece os seus poemas, quando sinto os pinheiraes, num murmurio de reza, o aroma, que é o so-

nho das florestas, e as litanias do vento, em noites vagas, que não sei bem porquê me lembram Shakespeare.

Houve tempo em que ser-se poeta era ser-se maltrapilho e faminto: hoje, mais do que nunca, o poeta tem fome... Mas essa fome da alma, jorro de luz fecunda e esplendorosa, que procura

confundir-se com a eternidade. A visão do universo é nova e augusta. A esfera dos ceus ha de ter uma translucidez imperturbavel; é só ahi que se abrem as flores immortaes; é só ahi que se escuta o psalmo extasiante, que os deuses tocam em grandes theorbas d'oiro... E a natureza deve ser tam outra do que se



OUTRO ASPECTO DA SALA DE JANTAR

alumiar a fugitiva Essencia, é que leva o homem a cantar, como agora acontece, em versos nunca escutados, o coração mysterioso da Vida... Conscientemente? De certo. As *Orações* são a expressão do lyrismo philosophico do homem mais caracteristicamente genial do nosso tempo; e como se lhe não bastasse um pensar tam profundo, e um sonhar tam divino, a sua arte, por isso mesmo que é nova e mundial, faz da forma quanto ha de mais subtil, mais musical, mais ethereo — como se a sua lyra, enchendo o espaço inteiro, fosse tocada mysteriosamente pela propria Luz que o poeta vae cantando...

Guerra Junqueiro ha muito que chegou ao mais alto da montanha encantada. Esse instante da existencia deve

mostra aos nossos pobres olhos, que o crystal e a flor começam a fallar a mesma lingua cosmica, em dialogos que só raros poderam articular ou presentir. A essencia das coisas illumina-se; o mundo transfigura-se. É que os poetas de genio teem o condão legendario de auscultarem o mundo...

Mas assim como dum bolbo sepulto nasce uma flor redolente e doirada, tambem de dôr e de lentos soluços se deve ter formado a atmosphaera que envolve os grandes homens, amorosa e luminosa como os olhos de Jesus.

As *Orações*, diziamos, são o cantico augusto e lyrico da Vida. Deus creou estes poetas para serem os interpretes da sua obra. Elles são os seus enviados, ainda tanta vez incomprehendidos.

O sentido do universo ahí está nesses poemas prodigiosos. A sua musica é a mesma da harmonia dos mundos; o universo é rythmico.

A dôr e o amor supremo, commungando, dão essa poesia fluida, que me recorda o mar: pela sua vastidão, pelo seu carne, pelo seu aneio constante do ceu... Para mergulhar nas suas



O POETA AOS 34 ANNOS

aguas de crystal e mysterio, não admira que tenhamos muitas vezes a vertigem que os mergulhadores e os aeronautas hão de sentir nos ares mais longinquos (onde a lua é mais bella), ou nos mares mais profundos (onde já tudo é divinamente tranquillo!...)

A *Oração ao Pão* e a *Oração á Luz* são, em versos d'oiro, toda a «ethicã cosmica» do poeta. A *Oração á Luz* dir-se-hia a propria luz feita verbo — com o condão de doirar o pelago das consciencias, e de alumiar a genio os labyrinthos do Destino. É preciso haver sido um estranho mineiro, com uma estrella nos olhos, atravez de toda a immensa escuridão das cousas, para assim a inundar de fulgores offuscantes!

Porque será que escapam, tanta vez, as concepções do Poeta? Por syntheticas e immensas, porque num verso se condensa a cultura de seculos; porque o poeta põe, num crystal apenas, a agua toda d'um mar... Depois, são do futuro, naturalmente, os prophetas; e a vida interior, a vida moral, em certos

homens parece uma mendiga, para sempre adormecida e cheia de fome... Nós, ao lel-as, sentimos desabrochar em flores, na alma extatica, a propria prece; sentimos um rio sagrado que a lava, um lume que a depura, a exalta, e nos ensina com uma doçura, que poucos grandes homens, desde Platão a Tolstoï, tiveram assim na palavra archangelica. É uma doçura luminosa e magnetica...

Esse o seu lyrismo excelso, o seu condão divino. Ao beber na concha da mão um trago d'agua, eu posso ignorar o que seja a agua, mas eu a bem-digo, porque me mata a sede. A philosophia do poeta, a sua esthetica, converteram-se no hymno sublime, palpitam em sonho e musica nas orações abençoadas, como de resto a luz se transformou em flor e em lagrima... E o *orpailleur* encantado que ahí fôr buscar oiro, traz as mãos cheias d'elle!

Publicados os seus *Ensaios espirituales*, as suas assombrosas theorias com verdadeiras descobertas de vidente, <sup>(1)</sup> o mundo culto ha-de então assistir a notações prodigiosas. Mas aquella anciancia de verdade e de sciencia, que tanto absorve o poeta, — e que em artistas só encontro similar num Goëthe ou num Leonardo de Vinci — casando-se a uma imaginação proteica e a uma bondade milagrosa, vae-nos dando a maravilha d'essa poesia verdadeiramente reveladora, e que no bello dizer do poeta «fará talvez rezar os laboratorios».

Evidentemente, para ler Junqueiro, é necessario, como para ler todos os grandes innovadores de genio, estar-se dentro da sua maneira de ver, do seu modo de interpretar e explicar o universo. Mas, sobretudo, a um poeta é necessario amal o: que a nossa consciencia tente voar tambem para a mesma estrella redemptora; que cada um possa dizer com elle, como se S. Francisco d'Assis, desnudo e casto, viesse cantar um novo hymno ao Sol:

«Farei de ti, luz dum momento,  
A luz eterna, a luz divina, a luz do Amor!»

(1) A primeira a apparecer será a memoria sobre o Radium (*Estudo de sociologia atomica*).

«Os [philosophos, os Artistas e os Santos, eis aqui os homens verdadeiros, os homens que se separam do reino animal».

Estas palavras são de Frederico Nietzsche, o desgraçado grande homem, inolvidavel poeta de *Zarathoustra*. E cito-o, como um philosopho polarizado tam oppositamente ao nosso immenso auctor.

O que é certo é que Junqueiro agrupa luminosamente modalidades supremas do homem nietzscheano. Elle seria um dos *heroes* de Carlyle; seria um dos mais perfeitos *representantes da humanidade*, de Emerson. Para nós é a maior gloria da nossa

genuas, para quem a grandeza augusta da vida é a dum folhetim mais ou menos scintillante.

Uma *boutade* ás vezes illumina-nos uma figura: uma phrase revela, na sua synthese de luz, um pensador ou um poeta... Mas é sobretudo a aza irrisada da graça, a vespa ardente do epigramma, que interessam o maior publico. Isto a par dum grande gesto heroico, ou das aventuras novellescas.

Que sabe muita gente de Bocage, de D. Francisco Manuel de Mello? Chalaças do seculo xviii, ou grandes scenas de amor.



O POETA AOS 40 ANNOS

terra. O que é grande é grande — para aquelles que poderem admirar e amar.

E não é essa a maior consolação da existencia?

#### VIDA IRONICA

O genio popular afaz-se ás grandes figuras — e mais ainda ás que são de grandes poetas — pelo lado pittoresco da anecdota. O dito de espirito, o que ha em cada homem de aventureiro e decorativo, abala as imaginações in-

De Camillo connecem-se a aventura e o sarcasmo; de Quevedo, fóra de cenáculos eruditos, mesmo na radiosa Hespanha, falla-se de epigrammas, e lanças de duello com botes formidaveis. É a vida theatral, que absorve e escurece o brilho, tantas vezes eterno, da vida profunda...

O nosso grande poeta foi até á elaboração dos *Simplex* — janella immensa, d'onde começa a jorrar sobre a vida cosmica outra belleza e outra luz — foi,



ESTATUA DE NUN' ALVARES PEREIRA

diziámos nós, uma das mais extraordinárias figuras peninsulares: pelos lampejos incomparáveis da sua ironia caustica, pelo alor da sua mocidade esplendente. Fallar do grande poeta que troçara do Diabo, que matára D. João e que envelhecêra o proprio Padre Eterno, — era evocar uma chuva de satyras, uma aurora boreal com flexas d'oiro, que ficassem cravadas, scintillando, em Fals-taff, em Tartufo, ou nas orelhas de Mr. Prudhomme...

Elle era nesse periodo de demolição activa e riso olympico — qualquer coisa de Apollo e de Hercules Farnesio, cuja claya fosse de sarcasmo e *verve*.

É d'esse tempo a historia já vulgarizada d'aquelle padre obeso e mastodontico, com quem Junqueiro se encontrou num comboio. Logo começou a palestrar com o clérigo, que não tardou, bem conduzido o dialogo, a apostrophar violentamente o auctor da *Velhice*, demoníaco e maldito, sobre quem lançou excommunições, enxofre, e todas as bestas do Apocalypse.

Pela sua banda o poeta tambem amaldiçoava o energúmeno, e deixava extasiado o padre, que assim via atacado

por um homem ainda moço e de tamanho talento dialectico, o poeta do mundo que elle mais odiava.

— Caspitè! Bravo! Bravissimo! — clamava o padre.

Commovido, encantado, acceitou que tirassem os dois uma photographia — queria possuir um retrato junto ao de um tam poderoso engenho!

E pitadeando-se, com frouxos de riso, num enthusiasmo, respondia aos ditos incomparáveis do poeta a respeito da *Velhice*:

— D'arromba! Caspitè! Bravissimo!

Os senhores estão a ver a cara do homem, quando lhe disseram que aquelle retrato era... de Guerra Junqueiro, o endemoninhado!...

\*

Seria difficil relatar as aneddotas que se lhe attribuem — *o cisco da vida*, como diz hoje o poeta. Num *magazine* reproduziremos ainda uma ou outra nota do seu espirito caustico.

✠ Certo dia, já depois das transigencias de Antonio Rodrigues Sampaio, numa roda d'amigos em que estava o grande jornalista, Guerra Junqueiro definia em traços esplendidos varias individualidades de arte e de politica.

— Rubens, dizia o poeta, é um marchante de carne Olympica. Dá vontade



GUERRA JUNQUEIRO E O ABBADE

de se lhe dizer: dê cá costelletas de deusa!

Então alguém lembrou — a definição de Sampaio. O pamphletario do *Espectro* reclamou também a sua definição. E a definição foi esta:

— Era um javali. Domesticaram-no. É um porco.

Um titular, que em tempos fôra barbeiro em Coimbra — esta é deliciosa — e que mais tarde versejou toscamente, encontrando o grande poeta exclamou com emphase:

— Como está, mestre?!

Junqueiro sorriu nos olhos penetrantes, e respondeu:

— Fréguez, fréguez...

\*

Guerra Junqueiro não foi um *bric-à-braquista* no sentido trivial da palavra. Procurava nas formas antigas ou perdidas da arte uma suggestão superior de belleza. E os prodigiosos artistas como elle, bem sabem quanto é doce esse goso esthetico, a evocação de civilisações e de epochas distantes nos aspectos mais variados e nas expressões mais diversas — um goso espirital, talvez como o de contemplar num esmalte um rosto de mulher linda, ha muito tempo amada e já perdida...

Nessas conquistas de *bric-à-brac*, Guerra Junqueiro foi bastas vezes heroico. Conquistou alguns quasi com a mesma difficuldade com que Annibal passou os Alpes.

Ha anecdotas duma graça infinita. Algumas se passaram na Hespanha — nessa Hespanha catholica, que ainda nos velhos burgos parece guardar em carne e osso os desenhos macabros de Goya.

Junqueiro falla a primor o castelhano.

— Appetecia passear por lá, para praguejar á vontade, dizia o poeta.

De resto, essas velhas terreolas estão cheias ás vezes de esculpturas admiraveis, de quadros, de obras d'arte, maravilhas lendarias. Numa pequena villa topa-se ás vezes com um pequeno museu delicioso. As tradições aninham-

se por toda a parte; sentem-se os passos lentos dos inquisidores, que vão pegar fogo ás fogueiras purificadoras... E nós sentimo-nos de capa negra, a espada de velhos copos telintando, o sombreiro descido, á cata dum grande amor novellesco ou, como no caso do nosso grande poeta, á procura dum Zurbaran ou dum Ribera.

Ora quando Junqueiro juntava a sua maravilhosa collecção de faianças, alguém que ia pernoitar na estalajem de *Villa Vieja* (as estalajens são ainda as mesmas dos tempos de D. Quixote) perguntava ao estalajadeiro quem havia por companheiro na pousada.

O homem respondeu que era um sujeito de borjaca, que andava com um burro á arreata, a encher os alforges de antiquilhas.

— Como se chama?

— *Su nombre... su nombre... me parece que es Junquera.*

Ficou o portuguez a parafusar na identidade desse desconhecido ferrovelho — até que lhe appareceu o nosso grande poeta. Tornou-se-lhe num eden a terreola antiga. Ha lá deserto insupportavel, quando o illumina a scintillante conversa e a verve de Junqueiro!

No dia seguinte, ao sol magnifico, tangendo *el rucio*, o poeta lá partiu pelas ruas tortuosas, pregoando:

— *Quien tiene para vender cuencas, palanganas, medias fuentes!*

Abriam-se as adufas. E como nos tempos do Cid, espreitavam os rostos morenos das raparigas, e os das velhas, que ainda são todas bruxas.

O poeta erguia o grito claro, ao sol formoso:

— *Cuencas, palanganas, medias fuentes!*

E logo as adufas desciam... Nas ruas, no adro, os magotes rodeavam Junqueiro, ao sol fulgente num quadro soberbo de colorido e pittoresco.

E *Villa Vieja* ficou, dessa vez, sem um prato.

\*

Ha já annos vieram dizer-lhe que havia um confeiteiro, que vendia quadros antigos de grande valor.

O poeta foi ver.

Appareceu-lhe, numa pastelaria se-  
benta, um homemzarrão com ares ter-  
riveis — que se sumiu num sotão a  
buscar mysteriosamente os grandes  
quadros.

Trouxe uns três ou quatro.

—De quem é este? perguntou Jun-  
queiro.

—Rubens! exclamou o homem, ar-  
regalando os olhos.

—Quanto vale?

—Dez contos de réis.

—E este, de quem é? perguntou o  
poeta, apontando outra detestavel tela.

—Raphael! gritou o homem. Seis  
contos de réis.

—E este?

—Velasquez, escola hespanhola —  
seis contos de réis.

Então o poeta, olhando á volta, des-

cobriu um pastel cheio de moscas, de  
baixo d'uma gaze esverdeada e suja...

—E este pastel, quanto custa?

—Um vintem — disse o homem com  
má sombra, esbogatando immensa-  
mente os olhos.

—Pois levo-lh'o. É a unica coisa au-  
thentica, e verdadeiramente antiga, que  
o senhor possui!

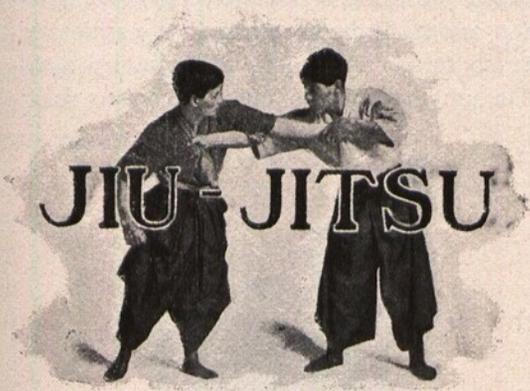
—  
D'esse tempo são os seus versos es-  
plendidos da *Lanterna magica*, o seu  
dandysmo estranho, — uma epoca de  
juventude ardente e de gloria que não  
passou de certo, mas que apenas lhe  
mudou em flores de perfume divino o  
purpureo esplendor das camelias des-  
feitas...

JULIO BRANDÃO.



ESCRITORIO

# O EXERCÍCIO NACIONAL DOS JAPONEZES



PRIMEIRO MOVIMENTO PARA ARREMESSAR O ADVERSÁRIO A TERRA. O ASSALTANTE (A FIGURA QUE ESTÁ DA DIREITA) AGARRA O ANTAGONISTA PELO CASACO E PELO BRAÇO, DE FORMA QUE PODE QUEBRAR ESTE POR UM MOVIMENTO DE TORSÃO.

Ha cousa de dez annos, agglomerava-se n'um dos gymnasios militares de Tokio uma multidão de individuos dos dois sexos trajando vistosos *kimonos*. Era esse um dia memoravel, que devia ficar marcado em letras de ouro nos annaes do Japão.

Imaginem que o Mikado oppunha n'esse dia uma arte nova de athletismo ao exercicio nacional do seu povo, e ordenava que o mais temivel entre os luctadores de Tokio competisse no gymnasio militar com um homem dextro n'essa nova arte.

D'esta pouco se sabia ainda entre o vulgo, a não ser o seu nome *jiu-jitsu* e a pratica que d'ella se fizera em tempos idos pelos *samurai*, ou classes militares do velho Japão, e pela nobreza. Dizia-se que o maior orgulho d'essa antiga aristocracia era a sua proficiencia, no *jiu-jitsu*, em que até as mulheres se tinham adextrado, levando às vezes vantagem aos proprios maridos. Falava-se d'esse exercicio como de um segredo magico, capaz de tornar os fracos eguaes aos fortes. Havia quem affirmasse que o desejo do Mikado era reviver esse exercicio athletico, ha muito esquecido, e substituiu-o ao *sport* athletico então nacionalisado entre os nippnicos.

D'ahi provinha o alvoroço, o concurso de gente, a excitação popular.

O interior do gymnasio está vistosamente ornamentado de bandeiras e galhardetes, e atulhado de gente, na maioria vestidos d'es-

Adoptado actualmente

em todas as nações

da Europa



sas tunicas soltas e fluctuantes que teem o nome de *kimonos*, e agitando nas mãos leques de cores variegadas. O Mikado preside á festa, uniformisado de almirante, sentado n'uma poltrona preciosamente entalhada. Em volta d'elle, agglomeram-se os officiaes mais eminentes do exercito e uma grande porção de pares do imperio com as suas esposas em trajes de gala.

No meio do recinto fica a arena esteirada, onde se realisará a lucta. De um e outro lado, sentados n'um coxim e empunhando uma



EXTENDENDO O BRAÇO DIREITO, O ASSALTANTE INUTHISA O ANTAGONISTA E COLLOCA SE EM POSIÇÃO DE O ARREMESSAR A TERRA.

ventarola dupla, com que darão o signal de começar o concurso, estão os dois juizes.

O enorme sussurro cessa como por encanto, apenas surge na arena o mais eminente campeão de Tokio. Homem admiravelmente constituido, um verdadeiro gigante entre os Ja-

ponezes. Trenado desde a infancia para o mister de athleta, custa a admittir a possibilidade de uma derrota, em frente d'esse pequeno asiatico que caminha resolutamente para a arena. Que differença! De estatura muito inferior á do afamado campeão, os musculos do seu braço afiguram-se, por comparação com os d'este, os de um insignificante pigmeu.

Acolhe-o por isso da turba uma gargalhada de escarneo, em que apenas não fazem côro os nobres e os *samurai* da assistencia. No aspecto d'estes paira uma expressão de orgulho, emquanto suas mulheres agitam os leques e dirigem sorrisos de admiração ao pequeno David d'aquelle Golias. Mas este, impassivel, faz a sua venia ao Mikado, salta rapidamente para a arena e encara arrogante a multidão escarninha.

Todos os olhos o fitam curiosamente. Tem no rosto um clarão de intelligencia e de resolução, e, baixo como é, não se inferiorisa á craveira media dos japonezes. Os seus movimentos são de uma rapidez assombrosa. N'um relance seus olhos perscrutam todos os rostos do publico, depois medem de alto a baixo o vulto gigantesco do adversario.

Dá-se o signal. O campeão de Tokio, idolo do povo, dá um salto rapido, no intento de colher desprevenido o outro combatente. A manobra parece dar bom resultado; David está barafustando no aferro de Golias.

Transparece um sorriso desdenhoso na physionomia dos nobres. Bem preveem elles a



O ASSALTANTE EMPOLGA O PULSO ESQUERDO DO ADVERSARIO, SEM DESAFERRAR DO CASACO, DEIXA-O CAHIR AO CHÃO, E DERRIBA-O COM A CABEÇA PARA BAIXO.

derrota do gigante, bem sabem elles, por outro lado, que o seu pequeno contendor se comprometteu a não usar de violencias desnecessarias para assegurar a victoria.

Cinco segundos passaram depois de dado o signal, e durante esse curto espaço o campeão de Tokio tem feito recuar o adversario, atirando-o a terra.

A algazarra no interior do gymnasio toma proporções espantosas. Alguns minutos antes, tinham os espectadores apprehensões de que o sport nacional cahisse deante d'essa arte estranha que tinha o nome de *jiu-jitsu*. Tudo mudou agora. Mais um segundo, e o athleta gigantesco terá a vantagem do primeiro assalto. De um extremo ao outro do vasto recin-



OUTRA FORMA DE ATIRAR A TERRA O ADVERSARIO. O ASSALTANTE AGARRA-O PELO HOMBRO, PRIME-LHE A FACE COM A MÃO, E PROSTRA-O FAZENDO-O PASSAR SOBRE O PROPRIO QUADRIL. O ADVERSARIO NÃO PODE RESISTIR SENÃO QUEBRANDO UMA PERNA OU DAMNIFICANDO A ESPINHA.

to, ouvem-se aclamações e brados atroadores. O proprio campeão faz côro, confiante como está na victoria.

Mas de subito a algazarra cessa. O espectáculo offerece agora uma inaudita mudança. Não se sabe por que mysterioso expediente, o pequeno japonez inutilisou as forças colossaes do adversario.

Ao *jiu-jitsu* cabe o primeiro triumpho.

Erguem-se de novo os combatentes. O campeão de Tokio mostra signaes de humilhação e de raiva, ao passo que o pequeno contendor mantém inalteravel a serenidade de aspecto.

Repete-se o signal. D'esta vez o campeão lança furiosamente os gadanhos ao adversario, no intento de o arrojard de um lado ao outro da arena. Mas o outro luctador está precavido. N'um relampago, agarra-lhe na mão extendida, e, por uma serie de movimentos, que os olhos mal podem seguir, o gigante como que vóa para cima dos hombros do pigmeu, e eil-o que jaz prostrado e cheio de vergonha sobre a esteira do pavimento.

Um silencio ancioso segue a derrota do heroe popular. Só os nobres applaudem, encarando com respeitosa admiração o Mikado, que por esta forma mostrou claramente ao povo a superioridade da arte por elle apadri-

nhada sobre a simples lucta athletica, nacionalisada no Japão.

A scena que acabamos de descrever foi uma das varias provas offerecidas pelo Mikado em favor do *jiu-jitsu*. Trez ou quatro, quando muito, d'estes espectaculos bastaram para convencer o Japão inteiro. E de então por deante foi o *jiu-jitsu* que alcançou foros de exercicio nacional.



O ASSALTANTE PÁRA UMA PANCADA QUE LHE PODERIA SER FATAL, DIRIGIDA AO VENTRE, QUEBRANDO O PULSO E O PESCOÇO DO ADVERSARIO COM PANCADAS DE CUTELO.

Esta palavra, *jiu-jitsu*, significa «o excelente segredo da Arte». Em tempos antigos, quando conhecido e praticado pelos *samurai* e pela aristocracia, tinha este exercicio o nome de *tai-jitsu*, que quer dizer «o segredo do corpo.»

Em poucas palavras, pode definir-se como a Arte que habilita o fraco a vencer o forte. A simples força physica é de somenos importancia—o que é tudo é a dextresa e a rapidez de movimentos.

Está demonstrado que não ha forma de lucta athletica que resista á sciencia do *jiu-jitsu*. Mas o que é mais notável é que não ha luctador, por mais experimentado que seja, que não possa manter esperança de probabilidade favoravel contra um perito na nova arte. Nem a brutalidade da força, nem a furia do athleta, podem evitar que o *jiu-jitsushi*, que assim se chama o campeão do novo sport, o empolgue ou lhe desloque os braços. Os meios por que o consegue consistem principalmente no conhecimento cabal dos pontos fracos no corpo humano. Com uma rapida pancada dada do cutelo pela mão, pode elle quebrar a espinha ao adversario, deslocar-lhe o pulso ou o artelho—em summa dar cabo d'elle com a maior facilidade.

Em harmonia com o preceito de atacar um

ponto fraco do corpo, o policia japonéz de hoje em dia, quando quer agarrar um malfeitor, começa por lhe dar uma pancada seca no cotovelo. Sabe o logar exacto onde ha de bater, para que o braço fique temporariamente paralyzado. Depois d'isso tem o policia ensajo de empregar outro dos seus segredos, antes que o preso recupere o uso livre dos seus membros; e o sujeito não tem remedio, agarrado de certo modo, senão seguir passivamente o captor ou ficar com o braço irremediavelmente quebrado.

O *jiu-jitsu* consiste ao todo em quarenta e duas «manhas», sem ordem especial de agrupamento, e sem ordem alguma de sequencia relativa.

O *jiu-jitsushi* emprega a manha que na occasião mais se proporciona a repellir o assalto do adversario.

Todas as manhas são de applicação simples, e entendem-se com facilidade depois de uma breve explicação. Mas isto é apenas o começo, os rudimentos da arte, que podem ser ensinados em trez horas, quando muito. O curso de instrucção profissional, esse alonga-se por um periodo de trez annos.

A pratica é tudo. E o fim que deve ter sempre em vista o neophyto é a agilidade, tanto do corpo como do espirito. Deve habituar-se a pensar e a executar n'um abrir e fechar de olhos, e esse habito adquire-se com o decorrer do tempo, a ponto de se tornar independente da vontade.

O primeiro exercicio preparatorio, que se impõe ao aprendiz de *jiu-jitsu* para adquirir agilidade, é bastante arduo. Dois bambus amarrados e guiados por cordas, collocam-se ao alto, em posição tal que a um signal dado caiam cruzados, formando um X. O aprendiz toma logar por baixo dos bambus, fugindo para traz ou para deante afim de se furtar á queda d'elles. Á proporção que se vae adextrando n'este exercicio, os bambus augmentam de circumferencia e de peso, até attingirem no fim do curso a grossura dos postes telegraphicos.

Basta o que fica dito para se perceber que



APERTANDO SIMULTANEAMENTE A MÃO DO ADVERSARIO NAS PARTES MAIS SENSIVEIS, COM UMA TORCEDURA SUBITA DO BRAÇO, INUTILISAM-SE OS SEUS ESFORÇOS.

terrível arma pode ser o *jiu-jitsu* nas mãos de um malfeitor ou de um desordeiro. Para salvaguarda da gente pacífica, o governo decretou uma lei rigorosa, que não permite o uso do *jiu-jitsu* senão em legitima defeza. Nem mesmo esta precaução é julgada sufficiente. Antes de entrar em qualquer das numerosas escolas de *jiu-jitsu* que existem em



ATAQUE POR DETRAZ. AGARRANDO-O PELO PULSO E PELO PESCOÇO, O ASSALTANTE PODE QUEBRAR COM O JOELHO A ESPINHA DA VICTIMA.

Tokio, impõe-se ao estudante um juramento de não praticar nunca a arte senão para defeza da propria vida.

A segunda parte do treno, a qual incluye preceitos sobre a posição dos pontos mais melindrosos do corpo humano, não é necessariamente revelada a todos os estudantes. Durante o primeiro curso, o instructor vigia cautelosamente o discipulo, e abstem-se de lhe confiar os mais importantes segredos, caso tenha a minima duvida sobre o seu sangue frio ou sobre a sua honestidade.

No caso contrario, quando o estudante se mostre leal ao juramento e isento de paixões, o curso completa-se em trez annos, findos os quaes elle recebe um diploma, permittindo-lhe o magisterio da arte.

Quer na tactica defensiva, quer na offensiva, uma das praticas mais salientes do *jiu-jitsu* é arrojao ao chão o adversario. Para isto ha dois methodos—por cima da cabeça ou por cima dos hombros. Só n'um caso absolutamente desesperado se emprega este ultimo, do qual quasi invariavelmente resulta a morte do individuo assim arremessado.

Do *jiu-jitsu* de effeito mortifero é agradável derivar para o *jiu-jitsu* de effeitos benéficos. Em caso de perda de sentidos, quer seja em resultado da pancada (comtanto que o craneo não fique fracturado) ou de suffocação, o perito do *jiu-jitsu* pode fazer voltar o paciente á vida por uma forma quasi miraculosa.

O primeiro cuidado do *jiu-jitsushi* é sentar a pessoa inconsciente com as pernas extendidas para a frente e ambas as mãos pependentes. Depois com as duas mãos aperta com força sobre o vasio de cada lado da clavicula do paciente, e com a mão direita dá pancadas repetidas na terceira costella e nos ossos do dorso. Basta isto, de ordinario, para o fazer voltar a si. Em seguida deve-se ter grande cuidado em não deixar o invalido beber liquido algum durante dois dias pelo menos, comquanto possa tomar impunemente alimentos solidos.



N'ESTA POSIÇÃO, O VENCEDOR PODE ESTRANGULAR, QUEBRAR O BRAÇO, OU, COM O JOELHO DIREITO, OFFENDER Á VONTADE AS COSTAS DO-ADVERSARIO.



PONTE DO GARAJAU — TIRADA DA VIGIA

## A Ilha da Madeira

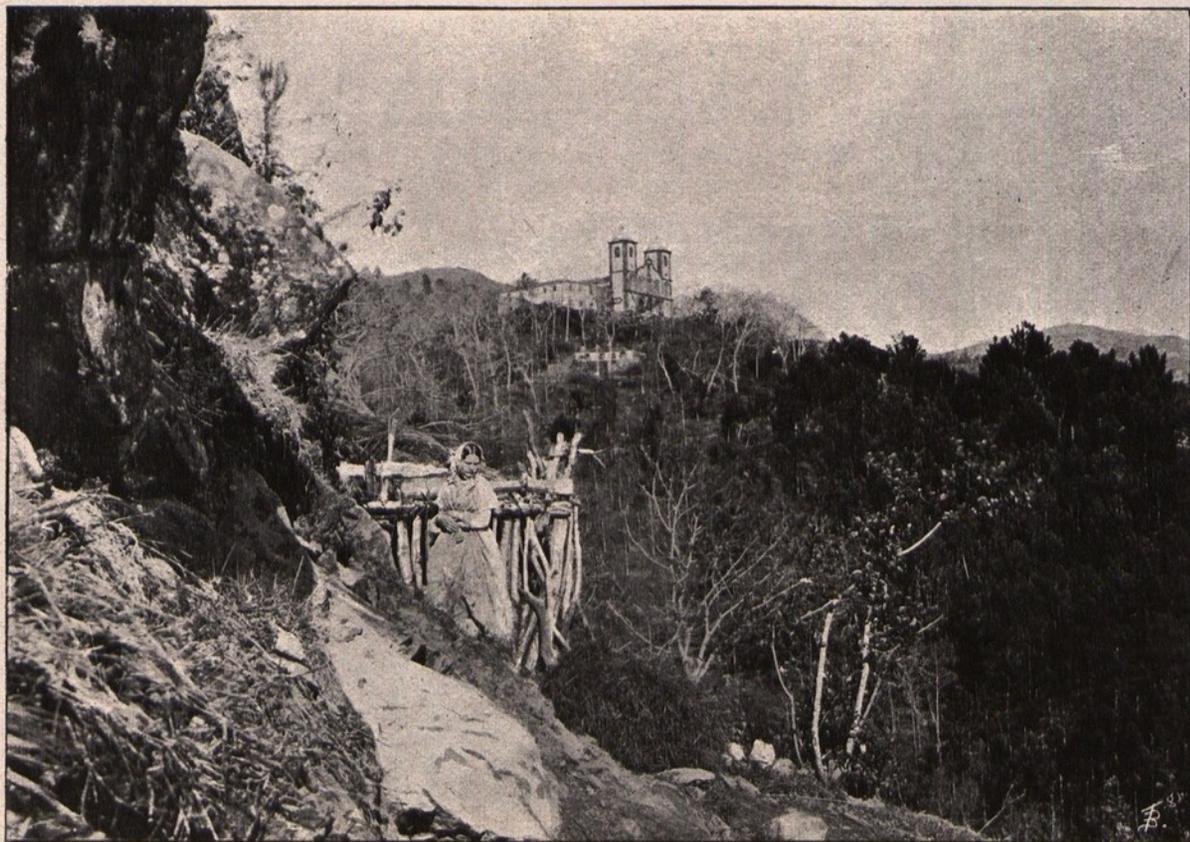
**A**GORA, que uma companhia exploradora sob a egide de um príncipe, trabalha activamente nas construcções de casas de saude, por concessão do nosso governo, aproveitando a influencia sanitaria do clima Madeirense para a cura da tuberculose, julgamos opportuno descrever as bellezas pouco conhecidas da formosissima terra portugueza que a fama tem feito chegar até aos confins do mundo com o precioso titulo de *Perola do Atlantico*.

Effectivamente, quem uma vez poude ver as maravilhas d'aquella prodigiosa natureza uberrima de graça e de imponencia, certo, não poderá esquecer as violentas emoções que um panorama quasi phantastico um dia lhe acordou.

A *Ilha da Madeira* vista de fóra, isto é, vista do mar, de longe muito ao longe, apparece-nos, primeiro como todas as ilhas, n'uma mancha nevoenta e preguiçosa, que se esbatesse no

mar sumindo-se nas nuvens; depois, á medida que nos aproximamos, a mancha indecisa e leve vae definindo-se na côr, que a escurece, e no desenho que a destaca; as rochas vão tomando forma rasgando-se terriveis na suggestão de suicidios; as montanhas, que ao principio pareciam cobertas de lodo e musgo n'um empastar de tinta esverdeada, agora, mais perto, sacodem os ramos das arvores enormes que as ensombram, alliviando-lhes a expressão altiva e fria pelo sopro de vida que n'ellas transparece; as aves do mar e terra confundem gritos e assobios n'uma harmonia tão plangente e original que não comprehendo a razão porque a musica os despreza; a côr generosamente espalhada sempre em tons demasiados escuros, acorda-nos a viuvez de tudo o que nos foi querido, e os nossos nervos gastos por esforçados em tantas emoções successivas, succumbem n'uma lassidão que faz vontade de morrer.

É n'esta melancholica tristeza que chega-



EGREJA DE NOSSA SENHORA DO MONTE

mos á *Ponta do Garajau* ou ao *Ilheu* que constituem a entrada da bahia do Funchal.

Ahi recebemos uma impressão completamente nova. O espectáculo de imprevisto e instantaneo acorda á nossa imaginação n'uma paisagem phantastica e pesada, mas a diluir-se em risos nas contracções do desenho.

Ao alto as montanhas succedem-se n'uma linha irregular e quebradiça; no inverno ficam cobertas de neve que o sol derrete, correndo então as aguas nas levadas como fitas

d'algodão em rama zig-zagueando a rocha. Descendo a vista, ella queda-se n'um ponto suggestivo que desperta curiosidade de o conhecer.

É o *Monte*. Assim se chama o suburbio da cidade mais lindo e querido dos estrangeiros e naturaes. Ali a vegetação tomou proporções extraordinarias; os passeios são floridos n'uma variedade de cores e perfumes que chegam a entontecer; as quintas e parques que são muitos, romantizam o logar que faz a estação da moda no tempo do calor. Alem de tudo isto, bastante para enternecer o mais fleugmatico dos homens, existe tambem uma fonte lendaria que a ingenuidade do povo aceita milagrosa. É tal a fé que o povo tem n'esta agua que no sitio da nascente mandou fazer uma especie de capella em forma de alpendre sustentado por columnatas, enfeitadas de avencas e orchideas e onde uma imagem da *Senhora do Monte*, sempre allumiada, impede que o fio de agua deixe de correr.

Todos os annos, no dia 15 de agosto, de todos os pontos da Ilha se fazem romarias para a *Senhora do Monte*, onde as violas, machetes e cantigas, n'uma alegria infantil, se



CARRO DO MONTE

confundem em acções de graças em que o vinho e o amor nunca deixam de tomar parte. Que de casamentos e conversas amorosas os camponeses publicamente apregoam n'esse dia; é vel-os no adro da Igreja, perto da fonte ou nos retiros; ao som de uma viola um Manel de cara tostada e caracoés na testa solta uma cantiga; e vae d'ahi de um grupo de

velocidade espantosa que tomam sobre um trapo encebado nas ladeiras ingremes calçadas a calhau.

Dentro da cidade a belleza panoramica desaparece. Precisamos voltar ao mar para abranger a cidade em conjuncto. Começando pela praia, cheia de barcos quasi todos pintados de verde talvez por coherencia com



CAMARA DE LOBOS

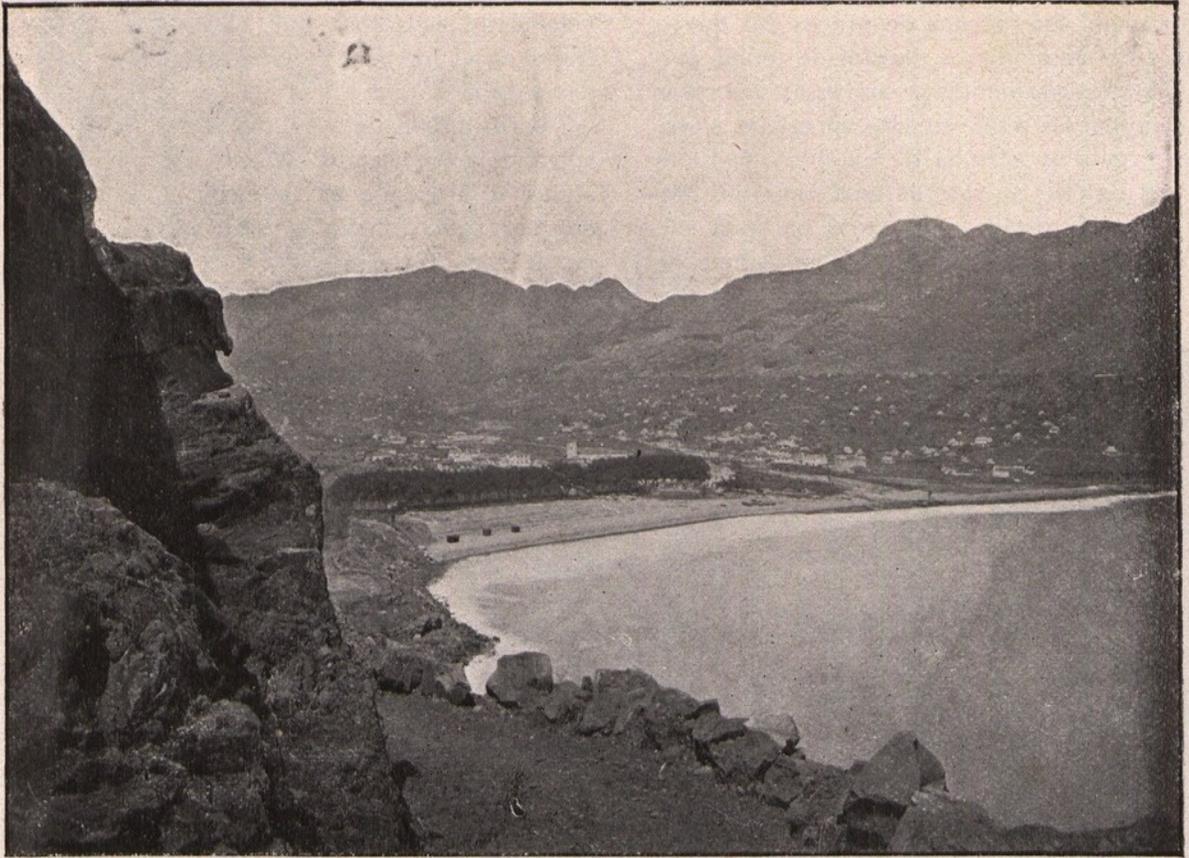
moçoilas levanta-se uma Maria que reparou no cantador e responde-lhe atrevida. Trava-se a lucta, ella venceu... É sempre assim!

D'ahi a um anno, quem fôr ao Monte encontrará esta Maria com um filhinho offerecendo-o á *Senhora dos Milagres* e o Manel com um cirio da sua altura pagando a promessa de felicidade que *Nossa Senhora* lhes deu.

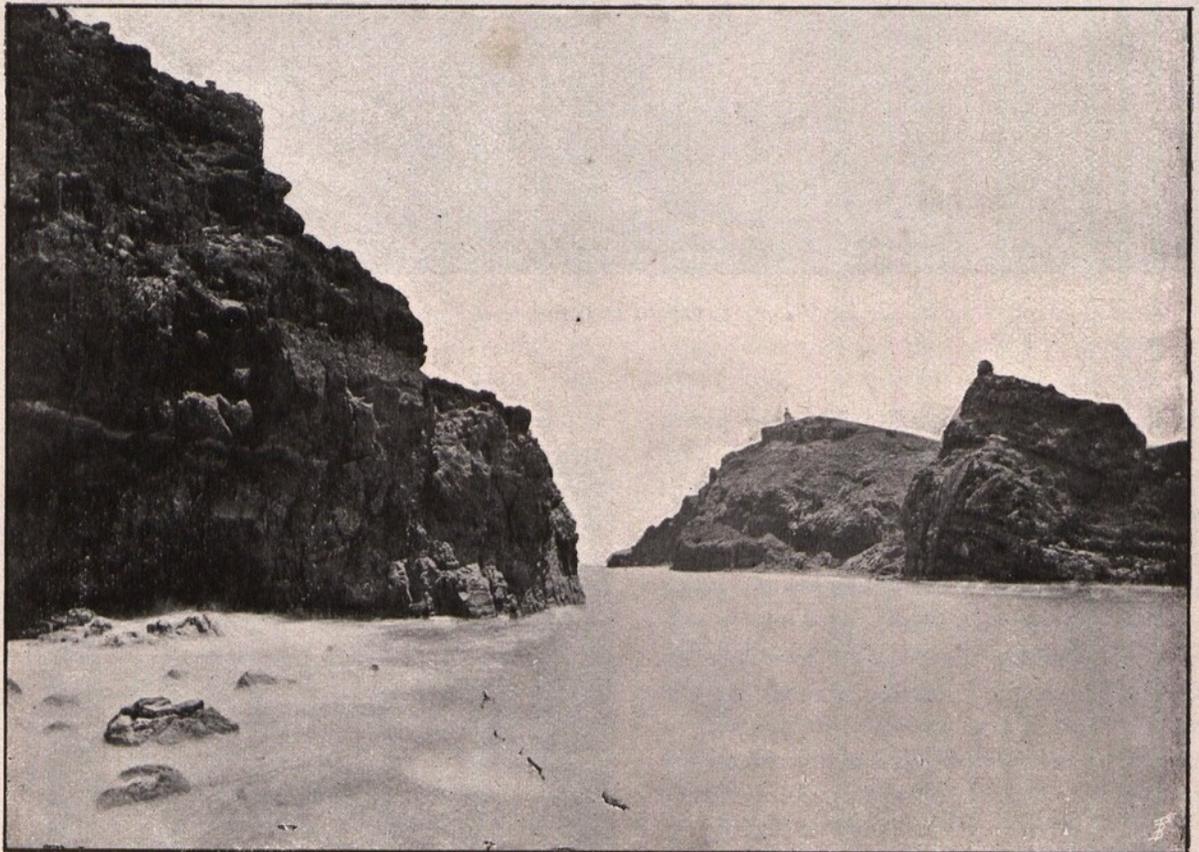
Que saudade que estas lembranças nos trazem!... Mas, n'uma noticia rapida sobre a Ilha não temos tempo para demorarmos em sitio algum, embora não nos faltasse a vontade de ficar no Monte algumas horas e á tarde regressarmos á cidade, nos pittorescos carrinhos de cesto que dois braços fortes sustentam na

a paisagem, vemos n'uma lingua de terra batida pelas ondas, o caes, onde nas noutes de calor a gente da cidade passeia, desfructando a brisa nos bancos que de dia servem para torrar o carão dos barqueiros e pescadores, que ali vão dormir nas horas do sol quente. Aos lados o mar rendilha a praia marcando a altura da maré pela mancha negra que as aguas fazem tocando nos calhaus e que o sol por sua vez tornará branco-cinzentos.

Levantando um pouco os olhos, veem-se as casas frescas e lavadas na brancura da cal, escondendo-se entre o verde da folhagem, mostrando aqui e ali janellas sombreadas que mais parecem olhos a espreitar.



MACHICO



BOQUEIRÃO E PHAROL DA PONTA DE S. LOURENÇO

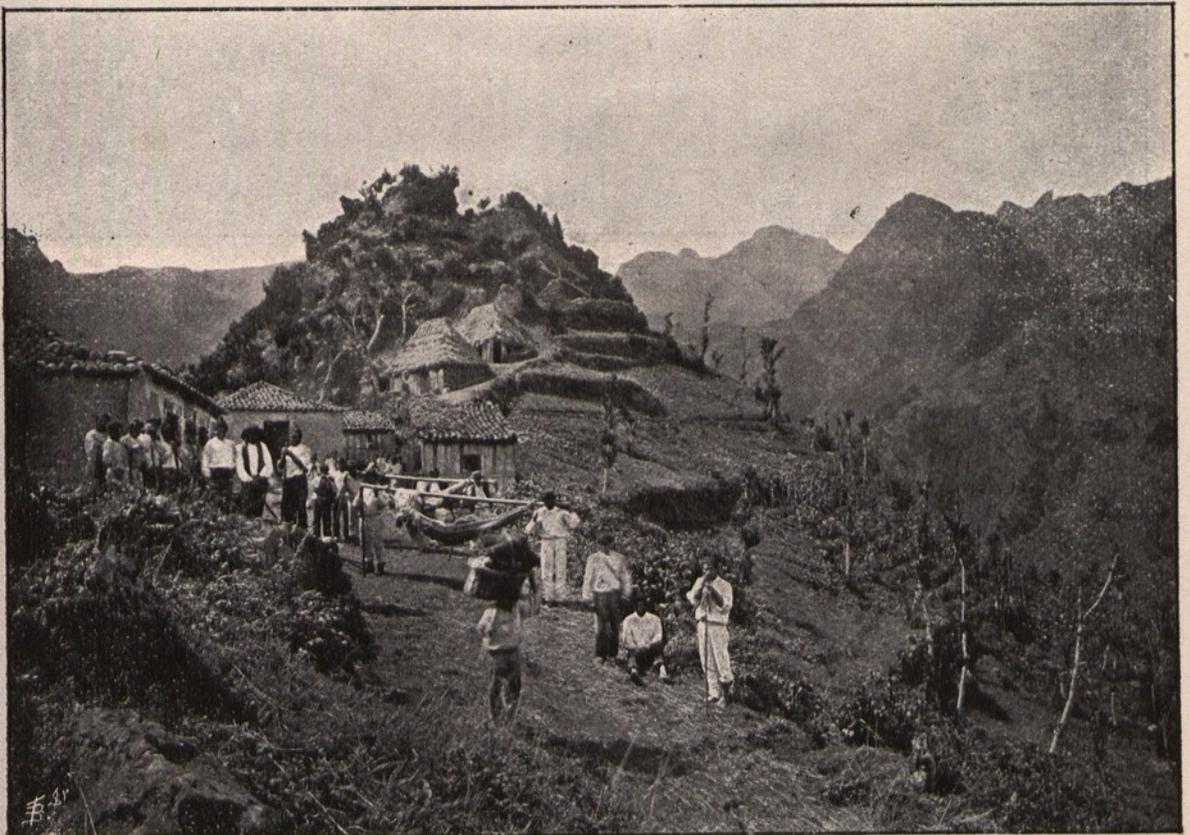
E estas casas muito brancas com janelas tão escuras lembram ainda noivas fugindo ás caricias do noivado. Os castellos já velhos e franzidos pelo tempo, cobertos de juncos, hervas e ruínas, escoltam a casaria n'um ar de protecção que faz sorrir com piedade. Os mirantes gradeados de parreiras corredias, que no tempo das uvas regorgitam de cachos tumidos de vinho assemelham-se a barracas de campanha muitas vezes, quando o amor e o coração, livres, como os não conheço em outra terra, agasalham luctas, beijos e queixumes na discrição do retiro.

As Igrejas, de cabeça armada em angulo e torreões em cone, surgem frequentes como marcos limitando distancias que constituem freguezias, que se avistam perdendo-se para o

lados de basalto compacto e rijo, ora de basalto poroso lembrando espuma negra petrificada, por certo residuos d'algum cadinho vesuviano.

Até Camara de Lobos a rocha attinge sobre o mar uma altura que varia entre oito a vinte metros. Essas rochas fazem como que o suporte das terras que entre duzentos e trezentos metros para o norte, formam a base dos montes que precedem a grande cordilheira. Entre esses montes e a Serra multiplicam-se os valles verdes de vinha e arvores de fructo— toda uma facha magnifica de abundancia, S. Martinho, Santo Antonio e S. Roque.

A belleza da vida é larga e profunda até onde abrange a vista que mal pode suster o conjuncto formidavel das forças creadoras



CRUZINHA E CAMINHO DE SANT'ANNA

lado esquerdo da cidade, onde ao longe n'uma linha inclinada se despedem montesinhos enevoados que por fim a vista não alcança.

A Ilha da Madeira é de origem vulcanica e o seu relevo sobre o oceano lembra um navio colossal de quilha para o ar.

Seguindo ao longo da costa para oeste, já podemos verificar a sua origem plutonica na formação das rochas da beira-mar, ora for-

que arremessaram tanta exuberancia á luz do sol. Nenhuma paisagem tocará tão fundo o coração, ao Sol poente, como aquella de que vimos fallando. Toda a religiosa simplicidade dos tempos idos acorda gravemente ao bater das *Ave Marias*, que parecem descer como mensageiras de paz nas sombras silenciosas do crepusculo.

Continuando porém a viagem pela costa, de-



ROCHA DA PENHA DA AGUIA — NO CURRAL



CAPELLA NA ROCHA EM S. VICENTE



CASCATA EM S. VICENTE



CHÃO DA RIBEIRA DO SEIXAL

param-se-nos logo para além de *Camara de Lobos* novos perfis no rochedo.

*Camara de Lobos* é como todas as aglomerações de casas á beira-mar, apertada, batida do sol, mas com suburbios deliciosos onde

tuadamente azulada dos grandes fundos: é a rocha do Campanario.

Essa fachada titanica, cortada a prumo sobre o mar, é formada de extractos de basalto, clareado pelo tempo, entre bettas de salão alaranjado vermelho ou côr de café.

Aqui e além florescem malmequeres, moitas de balancos flexiveis que se-melham os pelos d'esse enorme dôrso que parece impraticavel pela vertigem que provoca a quem o vê. No emtanto não é raro vêr-se um homem ou uma mulher, (porque ha rocheiras na ilha que jogam a vida todos os dias) mondando a herva cuja semente veiu na aza do vento como que procurar o abysmo para florescer longe da foice; mas foi em vão porque o homem lá vae buscal-a.

A descripção de uma descida á rocha, feita simples e pittorescamente por um camponez, assombra e apavora.

— Ha passos, dizem elles, onde o caminho pára; faz-se um bojo de rocha e á primeira vista parece que é impossivel passar para baixo; sempre se tenta (isto a cem metros sobre o mar). Comtante que encontre apoio o dedo grande do pé e que haja um burquinho no bojo da rocha onde caiba um dedo ou o bico da foice, passa-se.

Este arrojo não tem belleza e quasi merece um severo castigo. Por uma gavella de herva, que vale, o maximo, um tostão, vae um homem todos os dias arriscar a vida.

Ê tão verdade isto, que não é raro ao fim da tarde, quando o sol doira o vasto mar que ronca lá no fundo, prompta a gavella de grammas, balancos, serralhas, salpicada de malmequeres e se dispõe o rocheiro voltar



PONTE DOS GANCHOS, BOAVENTURA

os olhos se espraíam encantados. Um pouco para o norte estende-se o *Estreito* que por

Este logar, é mais uma encosta enorme que signal é largo e farto, verdejante e alegre. vae terminar no sarilho da rocha do Campanario.

Para além de *Camara de Lobos* quasi subitamente a rocha alteia, sobe, perpendicular ás aguas, que n'esse sitio tem a côr accen-

para casa tentando a subida que elles dizem mais facil, não é raro, diziamos, que o bico da foice parta, os dedos fraquejem ou a rocha esboroe e se despenhe o corpo entre uma nuvem de pó, e as hervas e os malmequeres da gavella que se desmancha na queda, vindo cobrir-lhe os farrapos do corpo que descansam finalmente sobre os penedos da praia.

A essas horas de silencio e sombra, a rocha do Campanario que para oeste torna a descahir, lembra no seu talhe de pyramide um tumulo gigantesco. A essas horas, creou a superstição dos maritimos a lenda funebre da ronda d'almas em fórma de luzes que correm e se cruzam na rocha como estrellas cadentes. O scenario colossal auxilia a phantasia assombrosamente; noite fechada, a rocha é um bloco negro projectado no ceu do norte, onde as estrellas poisam como pingos de prata de um brilho sonambulo e gelado. Na mancha escura ouve-se o rau-rau das cagarras d'uma monotonia martyrisante. De quando em quando os patagarros articulam umas syllabas arrastadas que semelham o seu nome, emquanto o mar suspira fundamente na tristeza da noite.

Indo n'esta peregrinação a costear a Ilha, de noute suggere-nos a negrura da rocha e do mar, alguma cousa infernal que a nossa imaginação nunca sonhou. A *Ribeira Brava* como uma furna onde só vivessem feras, bruxas e lobis-homens; *Ponta do Sol*, que á luz do dia parece dar as boas vindas a quem chega do monte, semelha uma sentinella titanica, invencivel, que n'um gesto eterno contivesse a passagem dos heroes.

Depois, *Paul*, terra de pescadores e naufrá-

gios, *Ponta do Pargo*, com o seu farol alumiando ao longe como uma estrella, *Magdalena* como uma noiva perdida na serra, *Porto Moniz*, com pretenções a cidade onde chegasse a civilização; *Ribeira da Janella*, terra das gallinhas, ovos e mulheres como as não há tão lindas, *Seixal*, com os seus caminhos ingremes, cançados; seguindo pela madrugada na frescura do ar purificado atravez de moitas,



RABAÇAL, A RIBEIRA DA JANELLA

urzes e uveiras, contemplando a paisagem da serra com essa tristeza consoladora que nos traz a saudade do que nos foi querido, chegamos ao *Rabaçal* com as suas vinte e cinco fontes, formando umas cascatas onde a agua

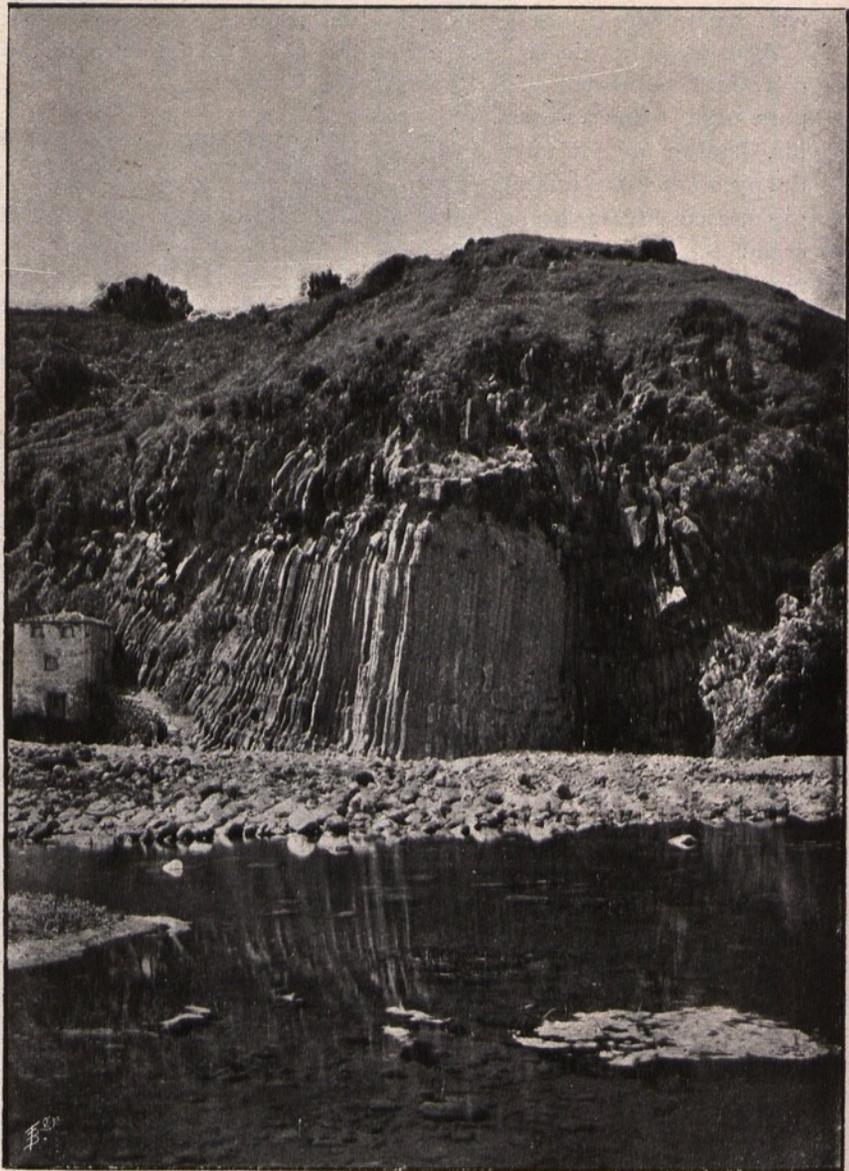
crystalina e pura por entre cabelleiras de avenças, balbucia um idioma conhecido da saudade, que ali vive em toda a sua plenitude, suggestiva de um passado que devia ter sido o nosso, antes da vida humanisada.

Conseguir uma descrição approximada das vinte e cinco fontes, com o seu tanque ao fundo transpirando o frio da eterna morte, seria talvez a gloria d'um artista que tocasse o genio.

Continuando a derrota vamos a S. Vicente com a capellinha na rocha sobre o mar, a Ponta Delgada com as romarias e os milagres que ali apparecem frequentes na ignorancia do povo, S. Jorge com seus pinheiraes enormes e cerrados e depois Santa Anna, uma vasta planicie que o povo da Madeira habituado aos montes e escarpados admira como a freguezia mais linda da Ilha. Ali, as verduras estendem-se preguiçosas n'uma extensão que a vista não abrange, immensa. D'uma vez que alli passámos, o trigo era crescido, dava-nos a impressão de um mar verde que o vento balouçava formando ondas, que se succediam até á praia distante que não podíamos alcançar.

N'esta caminhada cheia de imprevisto chegamos ao Fayal, freguezia como todas as outras fresca e linda na verdura da folhagem. Este logar está separado á beira-mar do *Porto da Cruz* por um rochedo colossal chamado a *Penha d'Agua*, que se levanta magestoso e rude entre os dois valles. Dizem as lendas que foi ali que um principe encantado, d'uma riqueza onde só vive o oiro, construiu um palacio em forma de aguia que os vendavaes derruiram deixando-lhe o altivo nome de rocha da *Penha d'Agua*.

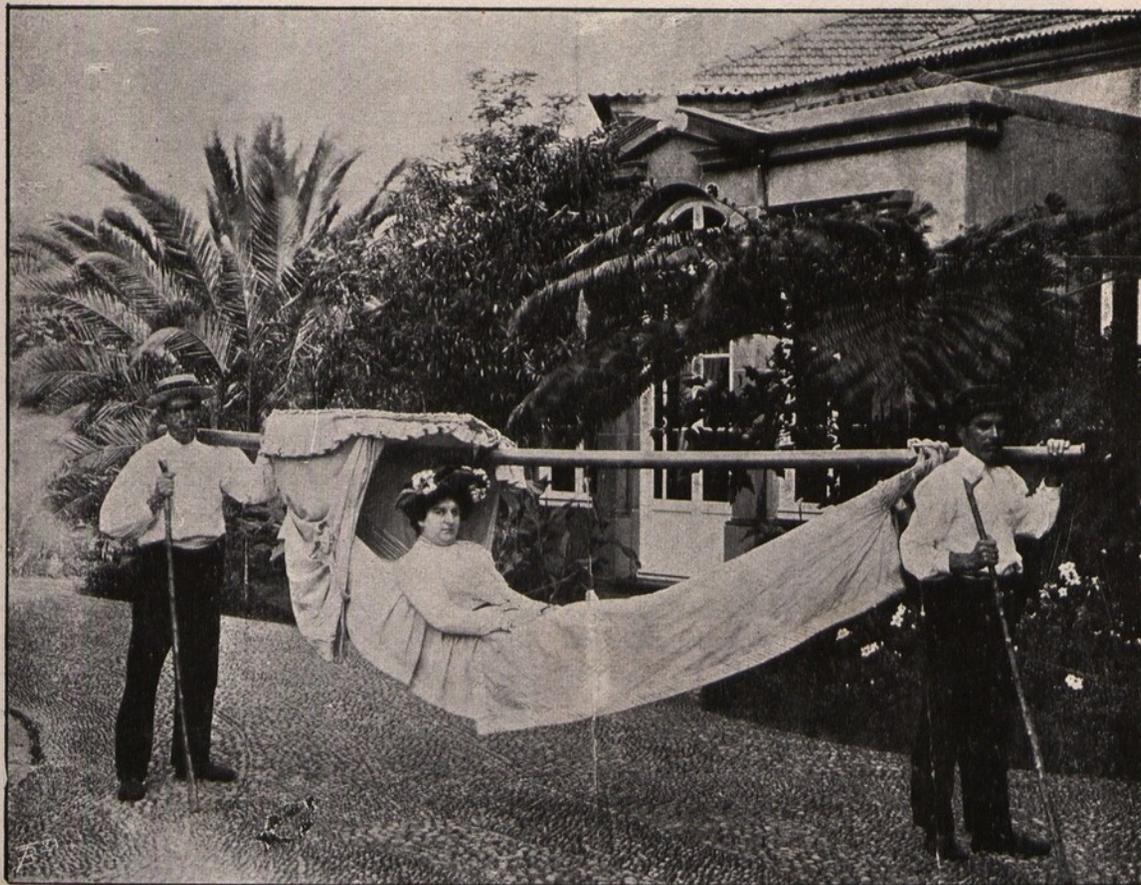
Effectivamente, quando os nossos olhos abraçam tanta magestade e grandeza á hora em que o sol doira o perfil da rocha recortado em linhas esquesitas, sob um docel de nuvens coloridas e arrendadas, lembra-nos o



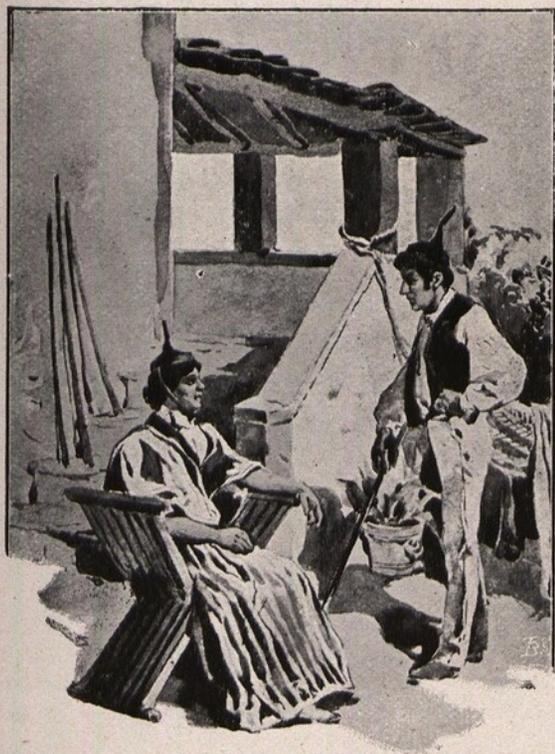
ROCHA BASALTICA, NO FAYAL

throno de um principe de origem divina, cujo encantamento mais livre toma a nossa imaginação bordando uma belleza extra-humana.

No sopé d'esta montanha, a oeste estende-se o *Porto da Cruz* n'um plano inclinado para o norte até á *Portella*, onde se disfructa um panorama admiravel e pesado, vendo-se os escarpados que se succedem terriveis e medonhos, convidando á morte a cada passo.



TIPOIA



COSTUMES DE CAMPONEZES DA MADEIRA

Se fugirmos do mar e fizermos a viagem pela Serra da Portella, vamos ter por caminhos ajardinados com urzes, silvas e orchi-deas, á ribeira de Machico, um valle extenso e calado, que ao longe se avista como uma paisagem biblica, onde um fio d'agua serpenteia a terra conversando com ella n'um susurro que nunca deixa de ouvir-se. Chegados a Machico de novo o mar nos approssima das rendas com que as praias da Ilha se vestem continuamente. É a melhor e mais linda praia de toda a ilha.

Dizem as lendas que o nome de Machico traz a sua origem de um drama intenso de amor que n'aquelle scenario extranho teve o seu epilogo. Um dia, antes de Gonçalves Zargo e Vaz Teixeira descobrirem a Madeira, contam que um inglez Machim e sua mulher Anne d'Arfet, levados por uma tempestade, foram ter ali, vivendo n'aquella solidão ateradora pela grandeza, amando-se como outro amor não poderá ser concebido sobre a terra e morrendo na paz das cousas que adormecem; Machim ficou chorando por pouco tempo

a companheira que breve seguiu. Esta lenda é contada na Madeira de variadíssimas formas, e, quando toma maior vulto, é na bocca do camponez onde a rudeza do sentimento lhe arranca felicidades de expressão que uma obra d'arte certo invejaria. Machico é uma villa, como Santa Cruz sua visinha de cathogoria superior não só por a sua população, mas ainda pela situação chorographica e pelas suas tradições. Costeando d'esta villa para o Funchal passamos por Santa Cruz, Agua da Pena, Caniços, e as duas ultimas freguezias pequenas, levantadas ao alto dos montes, e que se distinguem do mar n'uma mancha branca formada pela casaria, que lembra um lençol estendido sobre a verdura. Seguindo na derrota chegamos á Ponta do Garajau d'onde se disfructa de novo todo o panorama da cidade que já descrevemos.

Se procurarmos as suas ruas, esta perde, evidentemente, o encantamento que do mar nos suggeriu.

O *Funchal* é hoje uma cidade bastante commercial devido ao intrometimento inglez e al-

lemão que ali explora industrias naturaes. As melhores industrias madeirenses são exploradas por estrangeiros, o que faz pena na verdade não só pela desnacionalisação do povo, mas ainda pelo prejuizo fatal que a intromissão estrangeira ha-de produzir d'aqui a uns vinte annos na Ilha da Madeira.

Hoje, os melhores parques, as mais ricas moradias, os terrenos mais ferteis, as melhores industrias, a influencia politica, emfim tudo o que constitua um valor immediato que a Ilha produza está na mão dos estrangeiros.

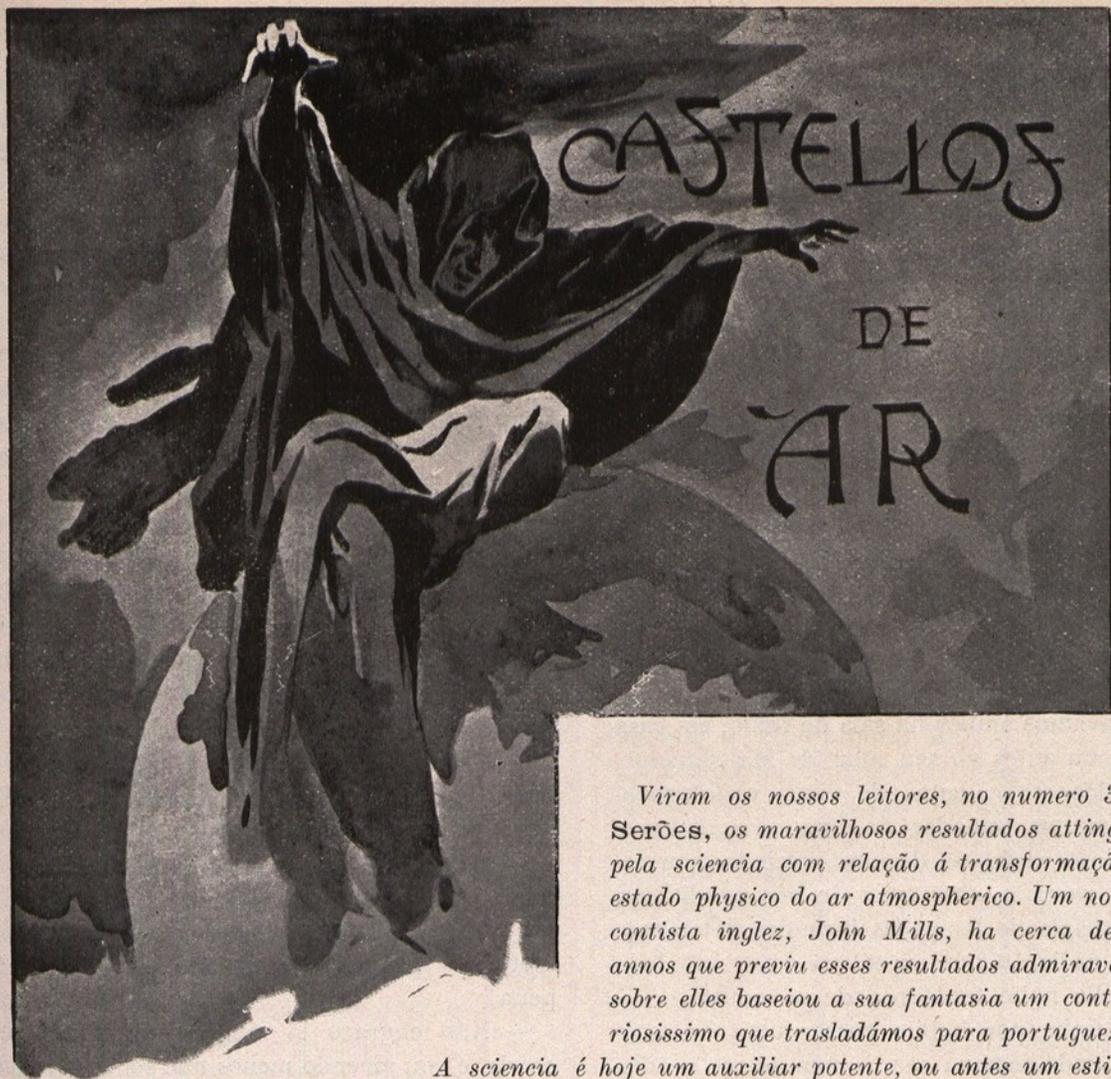
Por isso, repetimos, a influencia ingleza e allemã desnacionalisa a Ilha da Madeira. Ali, já hoje, só se veste á ingleza, come-se á ingleza, falla-se o inglez como lingua propria; d'aqui a pouco os allemães naturalmente que serão a supremacia e não será difficil encontrar-se a população, dependente da influencia allemã, germanisada.

O futuro a Deus pertence; mas pelo que hoje se observa alguma cousa podemos concluir.

JORGE SANTOS.



CARRO DE PASSAGEIROS



*Viram os nossos leitores, no numero 3 dos Serões, os maravilhosos resultados attingidos pela sciencia com relação á transformação do estado physico do ar atmospherico. Um notavel contista inglez, John Mills, ha cerca de sete annos que previu esses resultados admiraveis, e sobre elles baseiou a sua fantasia um conto curiosissimo que trasladámos para portuguez.*

*A sciencia é hoje um auxiliar potente, ou antes um estimulo vigoroso, da imaginação. Sobre as descobertas mais extraordinarias se fantasiam logo dramas de uma intensidade empolgante, como este, que, em forma ligeira e desprerenciosa, o escriptor inglez nos apresenta agora.*

**C**ONHECI Jorge Stanford quando ambos estudavamos na Universidade de Cambridge. Ao passo que eu excavava com ancia nos mysterios da jurisprudencia, ia elle palpando caminho pelos tenebrosos dominios da investigação scientifica no Laboratorio Cavendish.

Jorge não era o que se costuma chamar um bello homem.

Pode-se dizer d'elle que era bipolar, á laia de um magnete: attrahia e repellia a um tempo. Mãos largas, excellente collega, cavaqueador brilhante e voluvel, elle constituia uma combinação irresistivel de attractivos para aquelles que, como eu, o conheciam intimamente, embora muitas vezes o tornasse repellente á primeira vista uma disposição particular dos olhos, que punha suspeitas sobre a

intenção do olhar. Não era muito affeichoado ao bello sexo, comquanto servisse de arrimo a muitas nobres mulheres em más circumstancias de fortuna, com filhas solteiras.

Tinha grenha côr de fogo, rosto pallido e o nariz comprido, muito comprido e aguçado, denotando qualidades extraordinarias de character. As pernas não eram rectilineas, eram arcos de circulo, curvas regulares geometricas circumscrevendo um espaço que, no dizer de Euclides, nunca pode ser circumscripto por duas rectas. Na Universidade, era Jorge errante como um cometa. Nunca poude submeter-se ao constrangimento da rotina e girar em volta d'esses brilhantes luzeiros, os professores, á semilhança de um planeta gyrando á roda do sol; por isso, como um cometa, a sua trajectoria tinha um ponto apenas de tan-

gencia com as orbitas do systema; fóra d'isso, vagabundeava a seu belprazer pelos campos illimitaveis da sciencia.

Apezar de se ter demorado sete annos em Cambridge, Stanford sahiu de lá sem um simples grau universitario. Lá o deixou á sua espera para quando lhe aprovesse ir buscal-o. Declarava a quem o queria ouvir que não dava a minima importancia aos graus; era um simples rotulo que servia para dar um preço uniforme a panno bom, ruim ou mediocre, e elle dispensava similhante estampilhagem.

—«Isto de graus, meu caro Wilson», costumava elle dizer, «é excellente para quem é, e decerto util deveras para um rôr de patuscos. Mas o que elles não fazem é o serviço dos mñolos, e eu cá, para andar pelo mundo, antes quero a mñoleira que um grau».

Estavamos ambos na sala de fumo, em casa d'elle, ou antes no seu solar de Malcomdene. Sentados em cadeiras de vime, resfolegavamos volutas azuladas de fumo, regalados e silenciosos defronte de uma mezinha com copos e garrafas. Por cima de nós pendia um lustre triplo de lampadas incandescentes, cuja suave radiação nos aureolava como um halo n'aquella noite tenebrosa de novembro.

Eu tinha por habito passar uma ou mais noites cada semana com o meu antigo condiscipulo, e como Jorge era um grande cavaqueador e eu um excellente ouvinte, os vinculos mutuos da amizade tinham-se apertado entre nós com o correr dos annos. Entre os milhões de habitantes d'este planeta, não faltam palradores—tagarelas frivolos, já se vê—mas os ouvintes é que não abundam. Ora a mim nunca me pareceu que tivesse a perder em cultivar as apreciaveis qualidades de ouvinte sob a magia de uma cavaqueira interessante como a de Jorge, e por consequente nas minhas horas de ocio deixava-me de bom grado attrahir pelo recanto do seu fogão.

Seria comtudo injustiça o suppôr que o meu amigo falazava simplesmente pelo prazer de escutar a musica suave da sua propria voz, e que elle tivesse a fraqueza de descer ao baixo nivel do palrador banal. Jorge Stanford era um talento na sua especialidade, e não lhe faltavam ideias. É para traçar o desenvolvimento de uma d'ellas que eu agora escrevo estas linhas.

Cumpre-me explicar que o meu amigo era solteiro e dispunha de recursos pecuniarios

muito acima do vulgar. Gastava dinheiro e tempo, para se divertir, em toda a especie de expedientes extraordinarios destinados a augmentar a sua riqueza; acontecendo não raro que, á caça de um passatempo agradável, pouco se importava que os emolumentos fossem uma quantidade negativa—e ás vezes muito negativa até.

No emtanto todas estas perdas, insignificantes como eram para elle, não passavam tambem de ninharias ao pé de um ou dois golpes tremendos com que durante a sua vida o favoreceu a fortuna.

O meu amigo, apezar de ser na sciencia uma especie de dilletante voluvel e empyrico, possuia uma surprehendente provisão de conhecimentos praticos fóra do commum, e para que um assumpto o interessasse, era preciso que tivesse sempre algum aspecto utilitario.

—«É verdade, ó Wilson! Tu conheces por acaso Pictet, de Genebra, e Cailletet, de Paris?» perguntou Jorge, rompendo o silencio.

—«Nunca em minha vida ouvi similhantes nomes».

—«Ah! sim! Não me lembrava que tu não mettias o nariz em cousas de chimica. Pois é pena!»

—«Não engraço lá muito com essa patacoada, e vou vivendo menos mal sem isso. Mas que vem a ser esses patuscos, o tal Pictetay e o tal Kailatay, que pelo nome não percam?»

—«Eu te digo! Esses dois estrangeiros deram-me em tempos faro de uma cousa... uma mina de ouro, pensava eu... um verdadeiro El-Dorado».

—«Olé!»

—«Tal qual! Era uma fortuna fabulosa que me surgia cara a cara—que me batia á porta e me espreitava para dentro de casa».

—«Éssa é boa, Jorge! Então porque demonio não a empurraste para dentro com toda a gana?»

—«Era o mesmo que tentar metter um camello pelo fundo de uma agulha».

—«Deveras? N'esse caso, os taes sujeitos eram levados da breca para se escapulirem assim!»

—«Não é isso! O que eu te queria dizer é que a ideia, deram-m'a os escriptos de Pictet e Cailletet. Percebes?»

—«Ah! então não era uma mina de ouro a valer? Era uma ideia só!»

—«Exacto! Uma ideia—que ideia!»

—«Sim! Pensando melhor, uma ideia vale ás vezes tanto como uma pepita de ouro. E essa, fizeste alguma cousa d'ella?»

—«Muito mais do que eu calculava, posso affiançar-te», disse elle, tornando a encher va-garosamente o cachimbo da jarra de tabaco que estava sobre a meza. «Serve-te—de charutos.—Eu cá antes quero—o cachimbo», continuou com intermitten-cias, entre as baforadas, enquanto o accendia. «Põe-te a teu com-odo, e eu te conto um dos mais extraordi-narios episodios da minha vida».

Pelo piscar dos seus olhos e pelo sorriso complacente que se lhe espalhou na physio-nomia, logo percebi que ia saborear um ace-pipe de primeira ordem. Cresceu-me agua na bocca, e preparei-me para ouvir. Vou contar a historia, quanto possivel, com as palavras textuaes em que elle a entreteceu; a sua vero-similhança ou inverosimilhança ficam portanto á conta d'elle.

Verdade verdade, eu ás vezes tinha minhas suspeitas de que elle se aproveitava da minha ignorancia em factos scientificos tão sómente na mira de se divertir um bocado. Em todo o caso, não tenho a certeza d'isso; e com fran-queza, pouco me importa, porque as historias d'elle matavam agradavelmente o tempo, e era isso o que eu queria.

—«Ora escuta lá, Wilson!» disse Stanford repot-reando-se na cadeira e cruzando uma per-na sobre a outra. «Pictet e Cailletet, esses dois estrangeiros de quem falavamos, mostraram-nos a maneira de transformar o ar que respi-ramos n'um liquido e até n'um solido, se bem que em pequena escala, mas que eu saí-ba, nunca fizeram d'isso nenhum uso pratico. Eu cá pela minha parte, Wilson, gosto sem-pre de me aproveitar das novas descobertas e fazer dinheiro com ellas. Estás farto de me ouvir isto, não é assim?»

—«Tens-m'o dito, tens, e eu applaudo-te sempre. Por mim, acho tolice de marca maior gastar tempo e dinheiro em exercicios de gym-nastica mental, a não ser que o resultado venha a ser util para alguém».

—«Pois bem! A primeira vez que me chegou aos ouvidos aquella noticia—já ha um bom par de annos—comecei logo a parafusar nos meios e artificios para fazer em ponto grande—ás toneladas, está claro—o mesmo que esses ho-mens tinham feito por fracções de onça, e o caso é que o meu exito foi muito além das minhas mais ambiciosas previsões. Consegui

manufacturar ar solido, como é commercial-mente fabricado o gelo, e cheguei a produ-zil-o em quantidades tão avultadas que Pictet e Cailletet nem sequer o sonharam talvez».

—«Então é essa a grande ideia, hein? A atmospherá é que é a tua mina fabulosa—o teu El-Dorado?»

—«Certamente. Porque não?»

—«Ora adeus, meu caro Jorge! Fazes favor de me dizer onde encontravas tu mercado para o teu producto! Eu cá, no meu modo de ver, acho que um negocio não é viavel, senão quando ha mercado para elle».

—«O que tu queres perguntar é o seguinte: Ar solido! P'ra que demonio pode servir o ar solido? O ar, meu caro Wilson, é justamente tão essencial á vida e ás suas necessidades como a agua. Mas afinal de contas, a tua pergunta é perfeitamente natural, e foi a mes-ma que a mim proprio fiz.

«Quando eu consegui os meus fins, fiquei nas mesmas perplexidades em que tu estás ago-ra, sem saber o que havia de fazer do meu producto; mas tanto puxei pelos miolos que d'alli a pouco me occorreu uma ideia, e ou-tras lhe vieram depois na piugada, de forma que n'um abrir e fechar d'olhos já eu dispu-nha de uma data d'ellas».

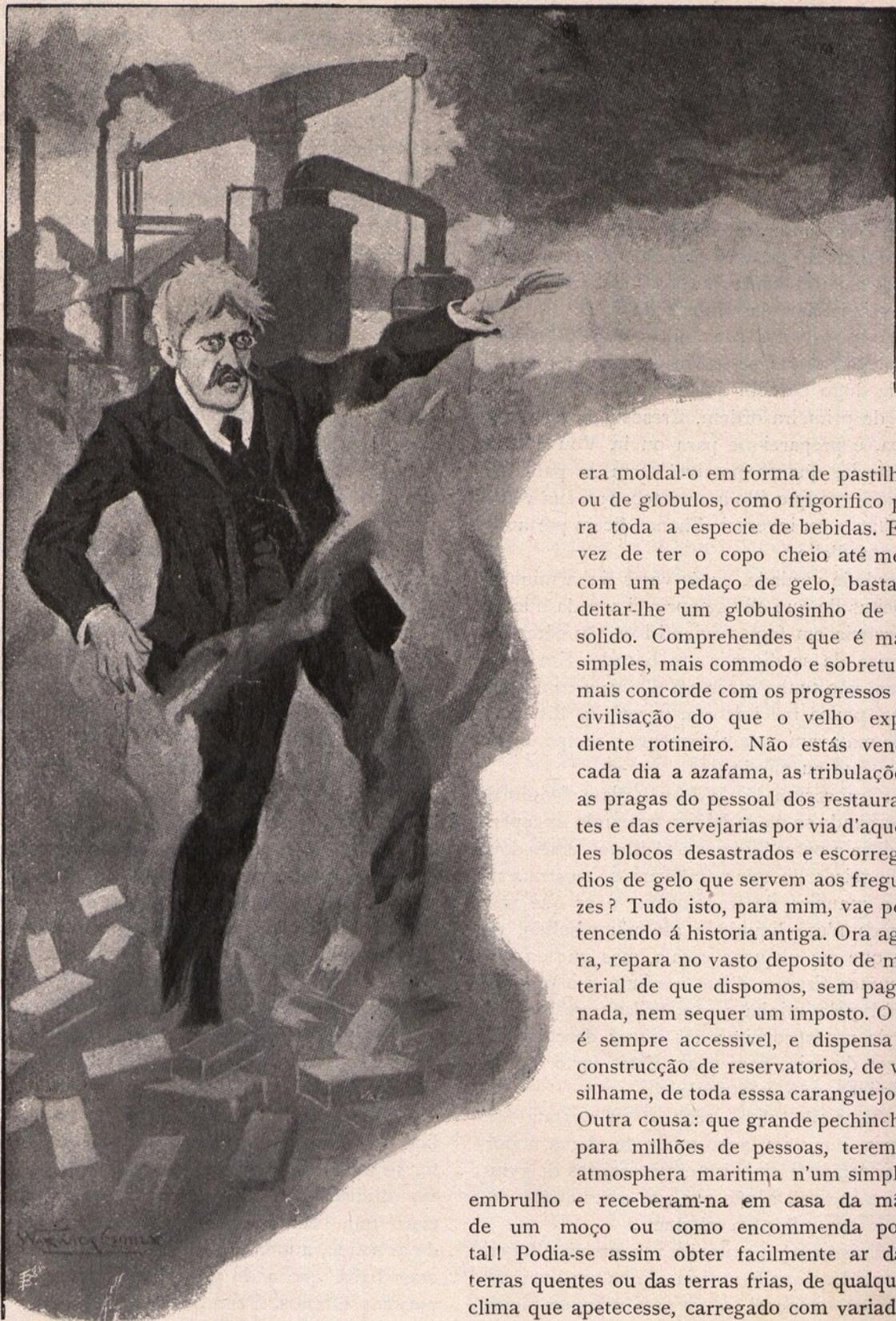
—«Nada de exageros, meu amigo!» observei eu.

—«É como te digo, não ha nada como as ideias para fazerem creação! A fecundidade das ideias é deveras tremenda! É tal qual como os ovos: basta ter um para ponto de partida, e dentro em pouco está a gente de volta com uma ninhada inteira!»

—«Cá por mim, nunca tive muito que ver com isso de ideias. Estou pasmado. Mas eu não passo de um homem de leis, chão e pra-xista, não admira que não perceba nada d'es-sas cousas».

—«A base d'onde eu parti foi esta: o ar so-lido é frio, extremamente frio; por consequin-te; se uma dada quantidade de gelo tem cer-tas utilidades praticas como refrigerante, é claro que bastará uma massa muito menor de ar solido, a uma temperatura uns 140 graus mais baixa que a do gelo, para conseguir os mesmos effeitos. Percebes?»

—«Perfeitamente. Era uma vantagem que se mettia pelos olhos. Arranjar n'um volume menor um valor igual de propriedades refri-gerantes, como quem troca vinte shillings por uma libra. Percebo.»



IAM MINGUANDO, MINGUANDO, ATÉ QUE AFINAL SE DILUIAM  
DE NOVO NA ATMOSPHERA...

—«Ahi está. Era pois simples partir d'ahi para certas adaptações do ar solido, em substituição do gelo. O que me restava a fazer

era moldal-o em forma de pastilhas ou de globulos, como frigorifico para toda a especie de bebidas. Em vez de ter o copo cheio até meio com um pedaço de gelo, bastava deitar-lhe um globulosinho de ar solido. Comprehendes que é mais simples, mais commodo e sobretudo mais concorde com os progressos da civilização do que o velho expediente rotineiro. Não estás vendo cada dia a azafama, as tribulações, as pragas do pessoal dos restaurantes e das cervejarias por via d'aquelles blocos desastrados e escorregadios de gelo que servem aos freguezes? Tudo isto, para mim, vae pertencendo á historia antiga. Ora agora, repara no vasto deposito de material de que dispomos, sem pagar nada, nem sequer um imposto. O ar é sempre accessivel, e dispensa a construcção de reservatorios, de vasilhame, de toda essa caranguejola. Outra cousa: que grande pechincha para milhões de pessoas, terem a atmospheria maritima n'um simples

embrulho e receberam-na em casa da mão de um moço ou como encommenda postal! Podia-se assim obter facilmente ar das terras quentes ou das terras frias, de qualquer clima que apetecesse, carregado com variadas proporções de ozone, para uso dos doentes. Empregava-se exactamente como se emprega hoje em dia o sal marinho, deitado na tina para proporcionar dentro da casa todas as vantagens dos banhos do mar. E então para uso

domestico? Que excellente refrigerante para dar consistencia á manteiga, para conservar as carnes, para um rôr de cousas! Mas cousa de veras curiosa foi a extraordinaria ideia que me occorreu um bello dia, sem esforço da minha parte. Como acontece vezes sem conto n'isto de investigações scientificas, está a gente a olhar para uma cousa e vae de repente esbarrar com outra.

«Olha para isto!» continuou elle, tirando uma photographia de cima do fogão. «É uma vista da machina enorme e outros accessorios, que me servem para manufacturar ar solido. Aqui tens um recipiente dentro do qual se comprime o ar até uma pressão tremenda, muitas centenas de atmospheras. Communica com reservatorios monstros contendo liquidos volateis. O vapor intensamente corre por este envolucro de aço que cerca o recipiente. Por este meio, á medida que a machina trabalha, a grande pressão do embolo sobre o ar contido no recipiente e a temperatura baixissima dos vapores que o cercam, cooperam para condensar o ar n'uma massa solida. Repara agora!

«De espaço a espaço abre-se uma valvula muito forte na extremidade do recipiente e sae por ella uma massa solida de ar, rectangular e alongada. Por esta forma, posso produzir tres mil blocos d'estes por hora.»

—«Safa! Tem assim a modo uma apparencia de tijolo.»

—«Foi isso mesmo que me deu no goto apenas vi esses blocos, embora ao projectar o recipiente nunca semelhante cousa me passasse pela cabeça. Foi um perfeito acaso—um lance da fortuna!»

—«Com mil diabos! Jorge, agora é que vamos ter castellos de ar, a valer!»

—«Tal qual o que eu pensei. Foi n'essa occasião que me pareceu lobrigar uma fortuna colossal a espreitar-me á porta, como te disse ha pouco. Comecei a parafusar no caso. Em primeiro logar, é claro que não eram precisas escavações nem pedreiras para arranjar materia prima; não havia despezas de transporte, porque o ar está sempre aqui á mão de semear.

«A installação tambem não era relativamente dispendiosa; bastava uma machina potente para dar movimento ás bombas, e era logo produzir tijolos á ufa; era só o trabalho de os empilhar no armazem. Quanto aos liquidos volateis, esses podiam ser empregados tempos

infinitos sem se renovarem e sem se gastarem, visto que se podiam condensar depois de usados e voltar logo para os reservatorios. Entendes?»

—«Eu, o que te posso dizer, é que isso é simples e unicamente maravilhoso!»

—«Olha, Alecl custa-me a perdoar a mim proprio o ser tão tapado que não previ este resultado admiravel senão quando o acaso me deu um clarão.

«Humilha-me pensar que foi a vista d'esse solido, com apparencia de tijolo, que me encarrilhou as ideias. Mas eu tenho por costume pôr sempre as cousas á sua verdadeira luz, sem accrescentar nada como resultado do meu proprio engenho. Esse chove-me das nuvens, assim de repente.»

—«Isso tira um pouco de douradura á medalha, mas em todo o caso a concepção é soberba.»

—«Ainda bem que assim pensas! Eu não sou insensivel a certos sentimentos de affecto e de orgulho que os homens dedicam geralmente aos fructos do proprio intellecto. Deves no emtanto perceber que alguma cousa restava a fazer antes que esses tijolos podessem servir para material de construcção. Em primeiro logar, eram tão frios que queimavam como um ferro em braza, em a gente lhes tocando; pelo menos a sensação era igual. Não sei como isto se explica. É um dos paradoxos da natureza. Alem d'isso os tijolos tinham a mania de ir minguando, minguando, até que afinal se diluiam de novo na atmosphera, passando-me deante dos olhos como a neblina da madrugada.»

—«É exquisito!»

—«É, mas eu levei a melhor. Descobri uma substancia, á qual dei o nome de *glutenina*, e que, dissolvida na agua, possuia em ponto altissimo as propriedades de um cimento.

«Quando se mergulhavam os tijolos de ar n'esta solução, ficavam rijos como diamante, e retiniam e feriam fogo como se fossem de aço quando se batiam com força contra uma pederneira. Vês que por este modo eu dava permanencia de forma aos tijolos, e posso affirmar-te que as moleculas constituintes ficavam tão solidamente unidas pela *glutenina*, que em nada os affectava a volta á temperatura normal. Eram tijolos capazes de desafiar a eternidade.»

—«És um genio, Jorge!»

—«Faz-se o que se pode. Quando percebi

que eu sósinhò, com a minha machina, podia fabricar trinta mil tijolos durante um dia de dez horas de trabalho, que podia ensinar qualquer ignorante a trabalhar com a machina, e que havia uma mina inexgotavel de material sempre gratuito e ao alcance da mão, começou-se-me a desenhar o invento como cousa da mais alta importancia mercantil.

«Por conseguinte metti mãos á obra e durante um certo tempo fabriquei tijolos em larga escala. Comprehendes que eu tinha á minha disposição uma barreira—immensa como o mundo, percebes?—e todo o meu empenho era arranjar uma provisão enorme antes que se tornasse conhecido o invento; bem sabes que, por mais que a gente se possa defender em theoria, ha por ahi piratas á ufa, que não se pejam de nos roubar. Por isso, como te ia dizendo, logo de começo desatei a fabricar tijolos em profusão, fiz milhões d'elles, e olha que em cada cem d'esses tijolos ha uma boa porção de ar.»

—«Sim, eu não sou muito versado no assumpto; mas a avaliar pelo que dizes, que o ar está tão comprimido que chega a ferir fogo, como o aço, percebo que deve estar deveras compacto. E então, continúas ainda no mesmo trabalho?»

—«Não. Reconheci que, no interesse da humanidade, era dever meu renunciar a essa fonte de rendimento. Bem sabes que tive sempre como regra—regra que reputo sagrada—não usurpar nunca direitos dos meus semelhantes, não engordar nunca á custa das perdas alheias. Na lucta pela riqueza, tenho por preceito a maxima lisura.»

—«Principios muito louvaveis! Mas a falár a verdade... explica-me lá, em que é que a tua fabrica de tijolos podia prejudicar a outra gente?»

—«Eu te digo, meu caro amigo. Essa tua pergunta tem varias respostas. Na época a que me estou referindo, houve chuvas intensissimas, que representaram um damno enorme para as colheitas d'aquelle anno, e arruinaram centenas de lavradores e de outras pessoas que se applicavam á cultura dos fructos. Os jornaes fartaram-se de lastimas e de tristes agouros. Houve quem parafusasse na causa provavel d'este segundo diluvio e attribuisse o excesso de chuvas ao grande numero de manchas solares.»

—«Espera ahi, homem! Que diacho de historia é essa? Diluvio! Manchas solares! Que

tem issò de commum com os teus tijolos? A modo que estás a troçar comigo!»

—«Parecia-me que t'ò estava a explicar. É claro que a cousa não se percebe logo á primeira, mas o melhor é que eu te conte tim-tim por tim-tim o que me aconteceu. Como ia dizendo, alvitram alguns dos sabios que quem tinha a culpa d'aquellas innundações eram as manchas solares. Ora não sei se sabes, Alec, que o nosso governo dá um subsidio muito razoavel para o estudo das relações entre as manchas solares e o estado meteorologico, e, embora se saiba que esses phenomenos estão de certo modo relacionados, ainda não se conseguiu prognosticar com exactidão o tempo que está para haver. Tudo isto se faz na mira de ser util á agricultura. No anno de que trato, não havia quem desembrulhasse a meada, mas, como o assumpto era objecto das conversações geraes, comecei a interessar-me por elle. Um bello dia, quando as cousas estavam no peor pé, veio visitar-me o parochio da terra, n'um estado de agitação medonha.

—«Oh! sr. Stanford!» bradou elle apenas entrou na bibliotheca, «isto é horrivel!»

«E deixou-se cahir n'uma cadeira como um doido.

—«Horrivel, o que?» perguntei eu muito pasmado.

—«Os meus parochianos vão ficar arruinados—vão ficar na miseria! Este tempo terrivel fez-me perder a cabeça. Não sabe que se suicidou o lavrador Sansom?»

—«Deveras?»

—«Suicidou-se, hoje de manhã. Estava a braços com a fallencia, com a ruina total, e foi por essa forma que liquidou tudo!»

—«É triste, com effeito. Que se ha-de fazer? Posso prestar-lhe algum serviço, sr. vi-gario?»

—«Muito obrigado, sr. Stanford. Encontro-o sempre prompto a ajudar-me. Effectivamente, vim procural-o com o proposito expresso de lhe pedir que subscrevesse para o fundo de assistencia que organizei em favor dos indigentes da terra.»

—«Marque a quantia que julgue necessaria.»

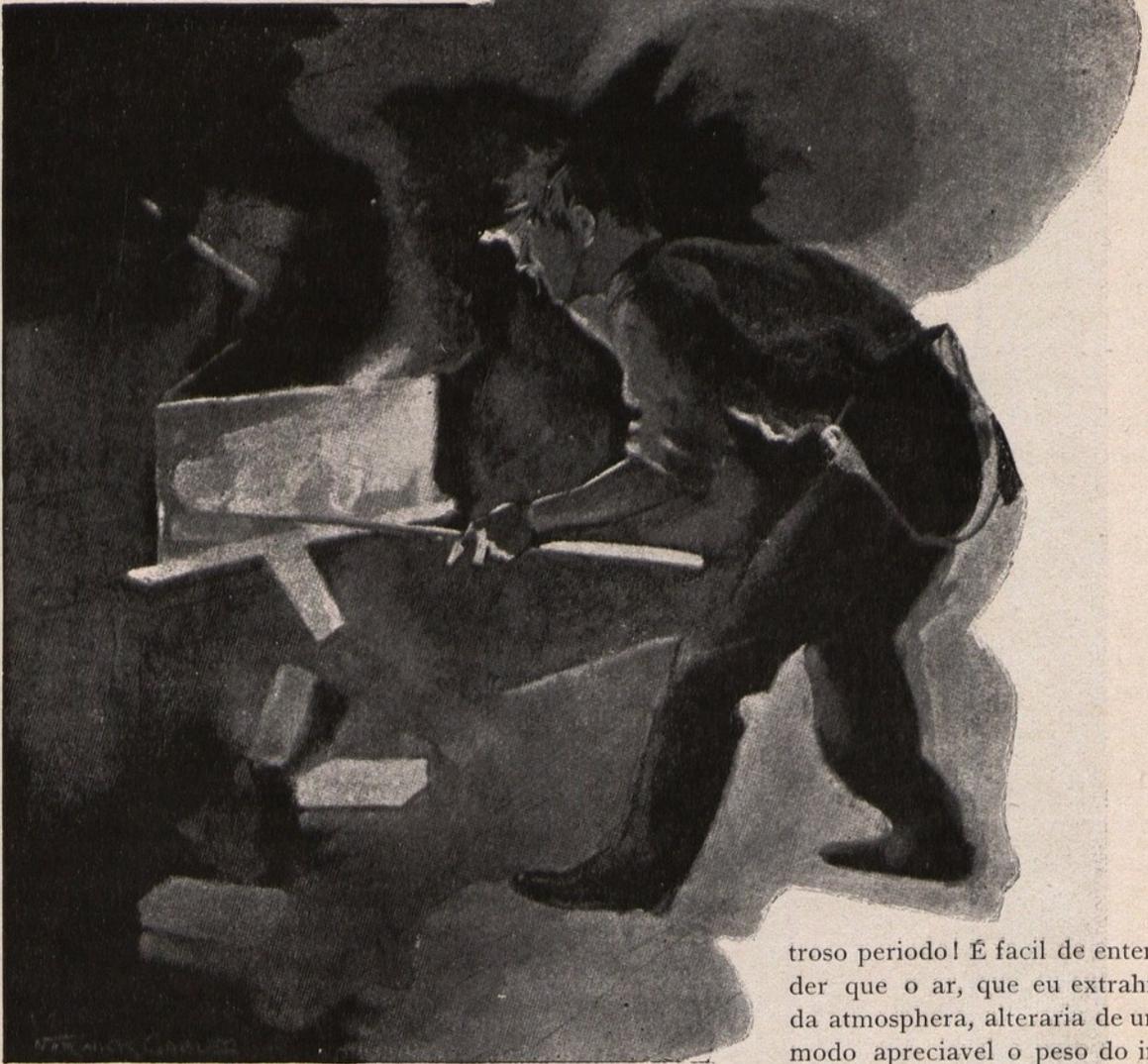
—«Eu lhe digo, ha setenta e cinco familias com urgente necessidade de alimentação. A dez shillings por familia, anda isto por trinta e oito libras. Ha ainda outras muitas que não poderão aguentar-se muito tempo. Para estar prompto a assistil-as, preciso ahi de umas vinte

e cinco libras. Depois, ha o fundo de reserva, para o qual só Deus sabe quanto será necessario! Permite-me que marque a quantia de quinhentas libras, sr. Stanford?»

—«Vou-lh'as entregar com todo o gosto,» disse eu, pegando no meu livro de cheques e preenchendo um d'elles.

«Quando elle se foi embora, fiquei a scismar na morte de Sansom e na miseria geral — a qual, digamos entre parentheses, não se restringia á minha parochia. era um

do barometro estava em proporção exacta com o numero de tijolos que eu fabricava. Surgiu-me logo á ideia que era eu o agente inconsciente de toda a miseria d'aquelle desas-



SAHIAM PARA FÓRA COMO BARRAS DE FERRO EM BRAZA

troso periodo! É facil de entender que o ar, que eu extrahia da atmospha, alteraria de um modo apreciavel o peso do involucro inteiro de ar que circunda o globo, e reduziria assim

o anno de depressão agricola no mundo inteiro, e não era facil prever o alcance dos resultados fataes. D'ahi a pouco, ocorreu-me que a descida barometrica significa geralmente chuvas grossas, e portanto comecei a tomar nota diaria do barometro. Continuava a fabricar com toda a força os meus tijolos de ar, e fiquei estarecido ao ver que a descida diaria

a altura, barometrica. Pois bem! O ar tinha-se adelgado e rarefeito por forma que não podia suster os vapores de agua, os quaes por consequencia se despenhavam em catadupa, arruinando todas aquellas pobres familias.»

—«E vae d'ahi, que fizeste?»

—«Que fiz? É boa! Fiz o que devia. Parei



DEIXEI-ME CAHIR ONDE ESTAVA, COMPLETAMENTE EX ENUADO...

imediatamente com a machina e dispuz-me a volver o ar ás suas condições normaes. Mas imagina a minha consternação, quando, cheio de angustia mortal e pungido de remorsos lancinantes, se me deparou uma difficuldade, na apparencia insuperavel, e da qual era eu proprio o culpado.»

—«Qual era?»

—«Ora essa! era a glutenina que tinha dado uma rijeza tremenda aos tijolos. Tão compactos estavam que resistiam tenazmente a todas as tentativas para os reduzir de novo a ar atmosferico!»

—«Oh! c'os diabos! Que entalação a tua, Jorge!»

—«Entalação, e mais alguma cousa! Custou-me um bom par de libras, posso affiançarte! Experimentei toda a casta de dissolventes—ácidos e alcalis, e não sei que mais— para reduzir a glutenina, mas qual historia! Tudo falhou! Depois experimentei aquecer os tijolos de ar n'uma fornalha. Sahiam para fora como barras de ferro em braza, mas sem mudança alguma no estado physico. Que havia de fazer? Estava com a cabeça a razão de juros. Mas o que é curioso é que, quando estava no auge do desespero, me luziu uma ideia. Fiz uma forte solução de glutenina, e achei, com grande allivio, que os tijolos, depois de impregnados d'essa solução, perdiam todas as propriedades de adherencia que lhes tinha dado a glutenina. Não restava mais nada a fazer senão dissipar o ar que constituia os tijolos, o mais depressa possivel, e por conseguinte arregacei as mangas e metti-me resolutamente ao trabalho. Logo depois de os embeber na solução— o que não se fazia com uma perna ás costas, podes crêr—os tijolos começavam a evaporar-se; mas para tornar o

processo mais expedito, tinha em cima da fornalha uma grande chapa de ferro aquecida ao rubro, e, á medida que os tijolos eram collocados sobre ella, desappareciam com a mesma rapidez que flocos de neve a derreterem-se, com um rugido semelhante ao de uma rajada de vento. Eu não queria, é claro, que o parocho suspeitasse que era eu a causa de todas as calamidades d'aquelle anno memoravel e indirectamente o, assassino de Sansom. Por isso não boquejei sobre o assumpto, e desatei a trabalhar noite e dia, sem descanso, durante semanas, para desfazer os damnos de que era responsavel, furtando apenas ao trabalho uma que outra hora para dormir, só quando já não me podia aguentar em pé! Não calculas o prazer que tive quando vi o barometro a subir com regularidade de dia para dia. Ia subindo, subindo, ia-se approximando cada vez mais da altura normal, á proporção que diminuiam as grandes pilhas de tijolos, e o meu olhar corria de uma para outra ansiosamente. Quando colloquei o ultimo tijolo em cima da chapa esbrazada, deixei-me cahir mesmo onde estava, completamente extenuado, e não sei quanto tempo dormi ao lado da fornalha.

—«Salvaste entre as colheitas, Jorge!»

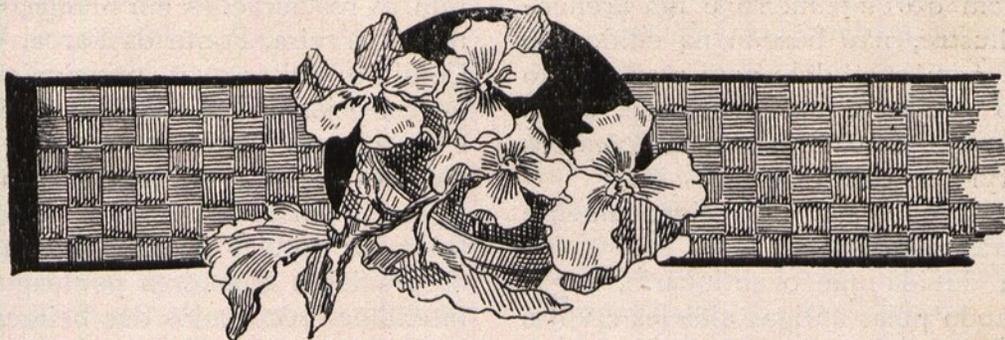
—«Infelizmente não. Mas salvei o mundo.»

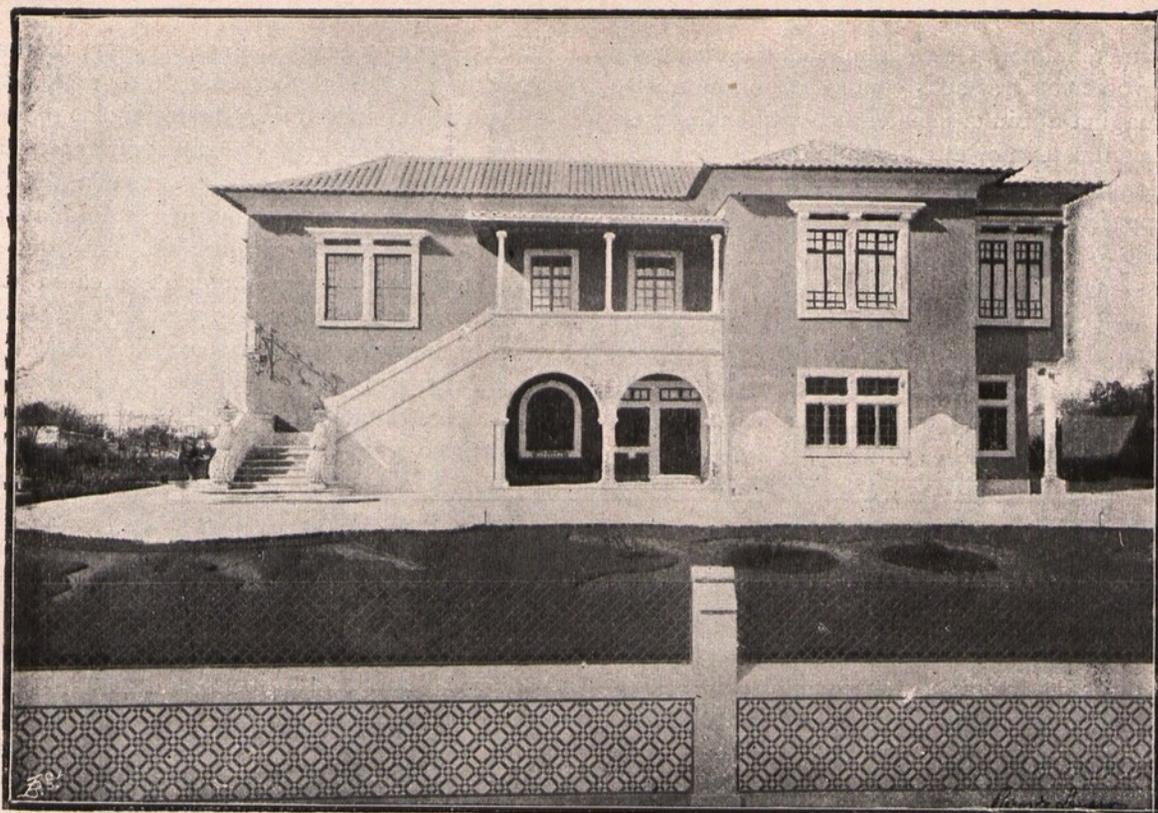
—«Salvaste o mundo? Como assim!

—«É evidente! Se eu tivesse continuado a fabricar aqui tijolos de ar, se eu installasse por todo o paiz machinismos para este fim, percebes claramente que, dentro de um curto prazo o ar adelgaçaria tanto, ficaria por tal forma rarefeito, que não se poderia respirar á vontade, e a raça humana seria assim lentamente exterminada.»

(Versão de Lopes de Mendonça)

JOHN MILLS.





CASA DE RICARDO SEVERO NO PORTO — FACHADA PRINCIPAL

# A CASA PORTUGUEZA

## TERCEIRA PARTE



preferencia da fachada principal adoptada na nova casa da rua do Conde, recahiu, com todo o acerto, no typo de predio rural cuja expansão e conformidade

de estructura com os seus destinos nacionalisaram já, no norte do paiz, uma architectura tradicionalmente generalisada. O seu constructor, Ricardo Severo, que além de engenheiro é um archeologo illustre, não buscou na edificação urbana nem o modelo nem a suggestão para o projecto, uma vez que, ainda mais do que no campo, nós não creamos um estylo de casa cidadina.

Temos que apagar resignadamente est'outra illusão!

Sem duvida que o antiquario, vagabundeando pelas antigas cidades e villas portuguezas, encontra frequentemente

motivos para a sua emoção de amoroso do passado: são os antigos bairros que subsistem em Lisboa, Porto e Guimarães; as velhas terras fortificadas de Valença, Miranda e Montemór-o-Velho — para citar, abreviadamente, exemplos ao acaso — as ruas quasi inteiras ou os edificios esparsos de Evora e Santarem, de Celorico, Trancoso, Vizeu e Lamego, de Coimbra, de Guimarães e Braga, de Ponte do Lima e Vianna; e por ultimo numerosos pormenores que sobreviveram ás restaurações em Melgaço, Caminha, Cerveira, Ponte da Barca, Villa do Conde e muitas mais, principalmente as portas e janellas em ogiva, manuelinas, e do renascimento, as varandas torneadas de madeira em renascença ou de ferro enfeixado e torcido á maneira gothica, as rotulas ou crivos á mourisca, os graciosos alpendres ponteagudos, os modilhões recortados dos beiraes.

Os predios notaveis, ou pela vetustez

cu pelo valor artistico, como a desmantelada Casa do Senado de Bragança, do seculo XII, talvez unico typo subsistente entre nós de edificio urbano em românico, o Paço de Coimbra, invulgar exemplo de habitação senhorial do seculo XVI e ainda, na mesma cidade, a linda casa de Sub-Ripas, em manuelino e renascença, são exemplos de raridade a assignalar.

Mas a antiga villa ou cidade portugueza, abafada e cingida de muralhas, apenas geralmente comportava, nas suas ruélas acotovelladas, tortuosas, immundas e sombrias, um casarío cuja indigencia constructiva denunciava logo a penuria historica do seu humillimo habitante.

Na cidade fronteiriça de Miranda, por exemplo, a sua principal arteria ainda exhibe muita habitação com a idade de tres e quatro seculos. São velhos predios de frontaria em osso, espessa e estreita e de cobertura prolongada, muito perto da qual ficam janellas reduzidas, asymetricas por vezes, outras geminadas, de angulo em alguns casos e n'outros rasgadas em sacadas para o ulterior acresceto de varandas; as molduras das portas, manuelinas, ogivales e rectangulares com o chanfro caracteristico nas arestas da verga e das humberias, são da mesma ingenuidade e barbarie que avulta das caraças da cachorrada e dos baixo-relévos que ornam os linteis ou occasionalmente a silharía. E esta architectura de transição, como logo adeante a dos seculos XVII e XVIII, revela-nos, mais que as dissertações escriptas, as influencias soffridas atravez da nossa indigencia material e esthetica, amesquinhando e barbarisando, por incultura artistica e por falta de dinheiro, os stylos que importamos.

E' decerto essa ingenuidade barbara que aos ornamentos e detalhes dá o «sentimento regional», como succede com os accessorios da casa rustica, quasi todos sem raiz local mas com a alteração produzida através das faculdades e circumstancias já alludidas.

Imagine-se a perplexidade do constructor a quem se pedisse uma casa estreitamente inspirada n'um dos modelos communs e nacionalizados de cidade ou

aldeia portuguezas, acrescida de todos os conchegos e regalos que pode exigir, com fortuna, o viver contemporaneo! O embaraço, pelo que tal anhelos comporta de inexequivel, ainda encontraria preferentemente a melhor das soluções na decisão que conduziu Ricarço Severo a associar e a adoptar d'umas e d'outras, do norte ao sul, mais recentes ou mais remotos, os elementos com que erigir harmonicamente, ponderadamente, a vivenda onde «o sentimento nacional» não exclue o luxo dos seus commodos, admiravel e magnifico. Do resultante hybridismo ethnologico e archeographico deriva pois a habitabilidade com a amplitude e conforto que a vida moderna permite e facilita, carecidos como sempre estivemos, n'um modelo de casa e até n'uma dada região, de elementos sufficientes, para a commodidade e para a vista, com que se erga um arcabouço e se alinde.

Assim é que a fachada principal radica no exemplar de casa rustica em que uma escada perpendicular ao começo, logo inflecte encostada á frontaria. A varanda para que dá firma-se em columnas com as quaes os dois arcos de volta inteira provocam a lembrança, entre outras, das casas ribeirinhas. Da guarda do balcão erguem-se os columnellos que supportam, n'este caso, um alpendre abaúlado e deprimido. E immediatamente á varanda logo avulta um corpo saliente, processo habitual com que se amplifica a casa rustica onde o espaço escasseia ou a fortuna permite o desaffogo.

No angulo verticalmente opposto ergue-se a torre, que uma grimpa historíada mais prolonga, com graça, para o alto. Seguem-se, das suas duas faces exteriores, as fachadas do sul e do poente que aliás não desmancham, com os seus annexos e pormenores decorativos buscados em parte na casa urbana, a logica com a fachada principal. Mas já na face que volta para o norte domina o corpo saliente, firmado á frente em columna da jonica, como na casa citadina foi e ainda se vê, no Porto por exemplo em Miragaya, na Sé e na Victoria.

A' reminiscencia arabe ou romana,

tam pouco commum entre nós e tão frequente em Hespanha, liga-se a adopção d'um pateo interior, de que o exemplo d'uma casa da Rua da Ilha, em Coimbra, com o seu discreto poço e claustrada, é um vivo depoimento a lembrar. No da casa da rua do Conde enfeixam-se os elementos heterogeneos que afinal resultam da sobreposição de influencias mais ou menos assimiladas e coexistentes embora sob apparencias antagonicas: nicho devoto n'uma das faces; na outra Vesta e Ceres do paganismo helleno-latino, em grandes composições de azulejo monochromico ladeando a fonte de marmore em cuja taça um gol-

romanos até aos productos das humildes telheiras aldeãs, abrigou e ainda cobre a maioria das casas portuguezas: nos angulos finda em bico, como é commum no sul á maneira oriental; d'um pendor irrompe a chaminé em grade, minhota ou alemtejana; e no vertice da torre morre n'uma grimpa esbelta, com a esphera armillar caracteristica e o leão rompante do armorial — no brazão, na tapeçaria e na ceramica.

D'entre os balcões, abrigados por um telhadinho ou sobre-ceu, avulta o que, na face sul, se véda por uma linda gelsia. Inspirou-o certamente o modelo que em Villa Real, [é um enlevo, sem par



CASA DE RICARDO SEVERO NO PORTO—VISTA DO SUL

phinho, como os de loiça do seculo XVIII, verte, n'um murmurio perenne, um fio liquido; nas paredes, por fim, o azulejo de facha e contra-facha, branco e verde, como um archaico modelo hispano-mourisco do seculo de quinhentos.

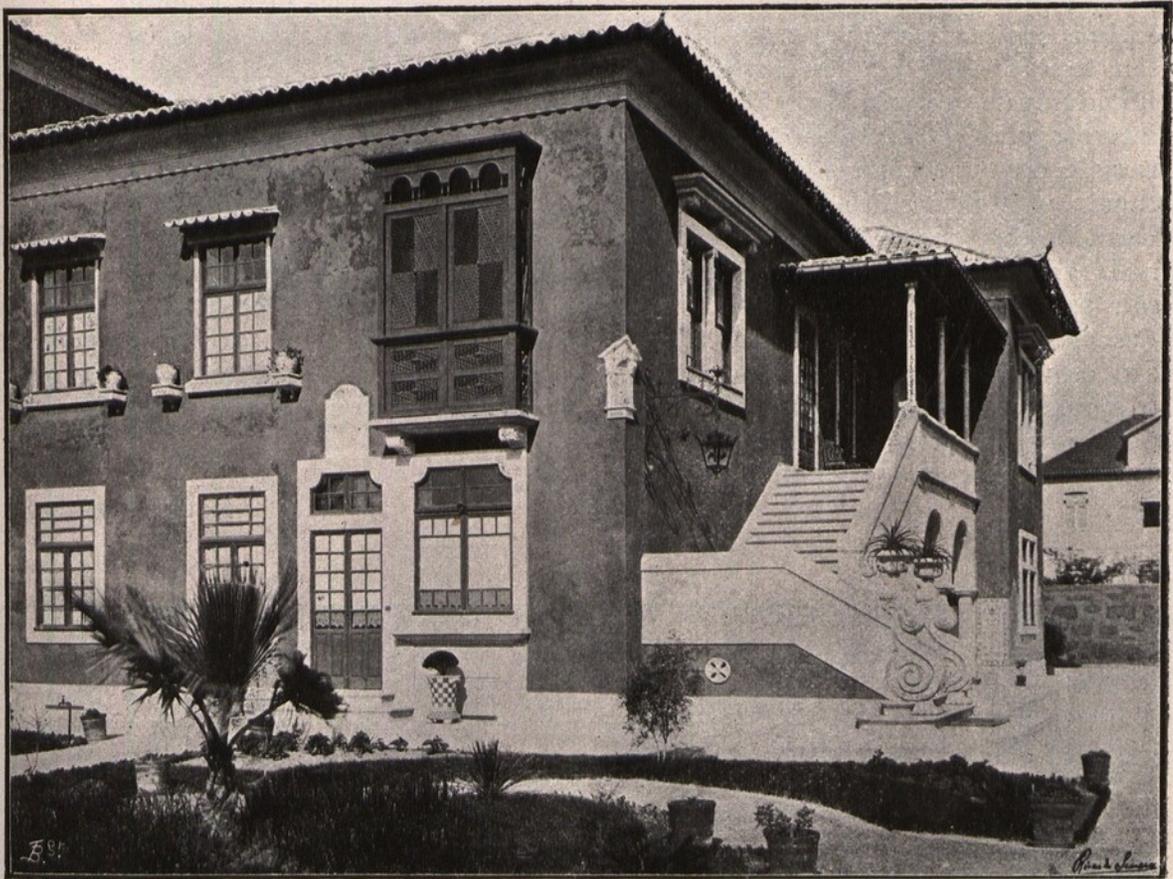
Para o chapeu d'este predio a telha preferida foi a que, desde os imbrices

entre as persianas quasi extinctas de Leça da Palmeira ou as rotulas da Braga mystica. E como os balcões, tambem as janellas reproduzem velhos typos, ou geminadas, ou com a bandeira separada pela verga de cantaríá, á maneira do seculo XVI, com docel em telhas de faiança, como na matriz de Valença, com peitoril

relevado, com os cachorros lateraes para os vasos de cravos, mangericos e gerânios.

De todas, porém, as duas janellas de angulo, foram, pela revivescencia d'um pormenor quasi olvidado e pela justa escolha da dependencia em que se abriram, uma das mais lindas adaptações

o ediculo para o relógio de sol, ás vezes nas casas das eiras, nos cunhaes e nas alminhas; o ferro de suspensão historiado para a lanterna, como nos oratorios e retabulos; os respiros obtidos com a cruz de Christo, tam vulgar nas igrejas romanicas, ou com a swastika flamejante que, junta a triscelos e te-



CASA DE RICARDO SEVERO NO PORTO — DETALHE E CUNHAL SUL

que é possível buscar em casa urbana portugueza; raramente se logra ver alguma em Villa do Conde, em Braga, em Miranda e para o sul, e é grato observar ainda em Moncorvo a do predio contiguo á Misericórdia ou em Coimbra a da casa da Rua do Norte, a manuelina do Museu do Instituto e, na rua das Solas, o bello e discreto exemplar da Renascença.

Resta anotar na frontaria os ornamentaes com que remata a guarda da escada, communs no predio rustico e ainda no atrio em que principia o lanço nas velhas casas de villa ou de cidade;

trascelos, constituem os mais bellos ornamentos da Citania de Briteiros; o alizar em azulejo do corpo saliente onde os vasos dominantes, as cabeças de carneiro, as sereias, os fachos e os festões breve suggerem, em frescura e encanto, as mesmas applicações do seculo XVIII, ou ainda como lambrís nas salas de jantar, em alegretes, nas fontes, nos bancos de repouso, pela calma, entre arvoredos.

Outros pormenores dispersos completam a grande maioria dos que era possível ou exhumar d'um passado longinquo, ou avivar ao espirito nacional, esquecido e desattento. Para o ingresso

logo se dá com o coberto e seu portão almofadado, pregueado e, nos fechos, com os dois grandes espelhos, resumindo em abertos os symbolos das preocupações do povo que os gestou — religião, amor, superstição — cruz, signo-saimão e corações. Já no predio, n'uma entrada, um quadrinho em azulejo, com uma imagem de hagiographia popular, desperta a profusão de S. Antonios que em Lisboa encimam as portas ou se implantam nos atrios. E por fim, entrando, esta luxuriante revivescencia dilata-se pelo interior com o opulento brilho que só raras e contadas casas lograram em Portugal: são os lambrís de castanho, de carvalho ou de noqueira, em talha da mais gracil e mais esbelta renascença; são as portas almofadadas como certas das egrejas e das gavetas dos arcazes; são os vitraes com emblemas mythicos, o symbolo manuelino e a linda muleta do Tejo; é a facha azulejada em que revive o debuxo que etiquetou o typo, na

peninsula, com a tam suggestiva designação de bico-de-diamante; é ainda a variedade de tectos e o esplendor das suas rosaceas e consoles; é a habil applicação das orlas gregas, dos meandros e dos ovados; são, por ultimo, os estuques, um dos quaes, de importação italiana e outr'ora bem frequente entre nós, fino e ao de leve relevado, se expande em exuberancias de pingentes, de bambolinas, de grinaldas e de laçarias.

Esta casa, pois, com as suas magnificencias de interior e os confortos facilmente deprehensiveis, constitue um verdadeiro Museu de pormenores e de motivos que resume epochas, estylos e influencias atravez da capacidade e do sentimento nacionaes.

D'est'arte, mais do que em qualquer outra tentativa, ficam patentes os recursos de que nos é licito dispôr para a edificação d'uma «casa portugueza».

Porto.

ROCHA PEIXOTO.



CASA DE RICARDO SEVERO NO PORTO — FACHADA LESTE



## O Real Observatorio Astronomico de Lisboa (TAPADA)

Foi no anno de 1855 que a Camara dos deputados da nação elegeu, d'entre os seus membros, a comissão que devia inquerir das repartições dependentes do ministerio da marinha.

Perante a commissão fez o seu depoimento o dr. Filippe Folque, director dos Trabalhos Geodesicos do Reino e do Observatorio da Marinha, mostrando a necessidade de estabelecer um observatorio astronomico, visto que o da marinha, creado por alvará de 15 de novembro de 1798, deixava bastante a desejar.

Em 31 de janeiro de 1857, o illustre deputado José Silvestre Ribeiro apresentou na Camara electiva uma proposta de lei que—admittida e enviada á commissão de instrucção publica—era concebida nos subsequentes termos:

1.º Será construido em Lisboa, e no local que mais apropriado fôr, um observatorio Astronomico;

2.º O referido observatorio será considerado como independente dos outros que já existem no reino, e sómente sujeito, no que respeita á sua administração e economia, á superintendencia do governo, pelo ministerio competente;

3.º O governo, depois de bem elaborado o plano da construcção de que se trata, pedirá ás côrtes os meios necessarios, não só para a edificacção do observatorio, senão tambem para o dotar com todos os instrumentos, machinas, utensilios e mais objectos que indispensaveis forem para o elevar ao nivel dos mais acreditados estabelecimentos d'este genero na Europa;

4.º O governo é auctorizado a estabelecer em tempo competente os regulamentos necessarios, não só sobre a administração e gerencia economica do observatorio, mas tambem sobre o modo porque deve ser aproveitado o seu serviço no interesse de todas as repartições publicas e até dos particulares.

Todavia foi El-Rei D. Pedro V que, n'um brilhante rasgo de generosidade, converteu em realidade o que até então não passára de idéas altruistas, com o diploma seguinte que reproduzimos na integra:

«Vedoria da Casa Real.—Tendo attenção ás urgencias do estado, hei por bem ordenar, que da dotação que me fôra estabelecida, na conformidade da carta constitucional da monarchia, se deduza a quantia de noventa e um contos duzentos e cincoenta mil réis

(91:250\$000 réis), como donativo espontaneo, que deverá verificar-se durante o anno de 1857-1858; e outrosim sou servido declarar que é minha vontade que d'esta somma sejam applicados trinta contos de réis (30:000\$000 réis) á fundação de um Observatorio Astronomico em Lisboa, e dez contos de réis, para enriquecer as collecções do Instituto Industrial d'esta capital, devendo a restante quantia de cincoenta e um contos duzentos e cincoenta mil réis (51:250\$000 réis) entrar na receita geral do estado.

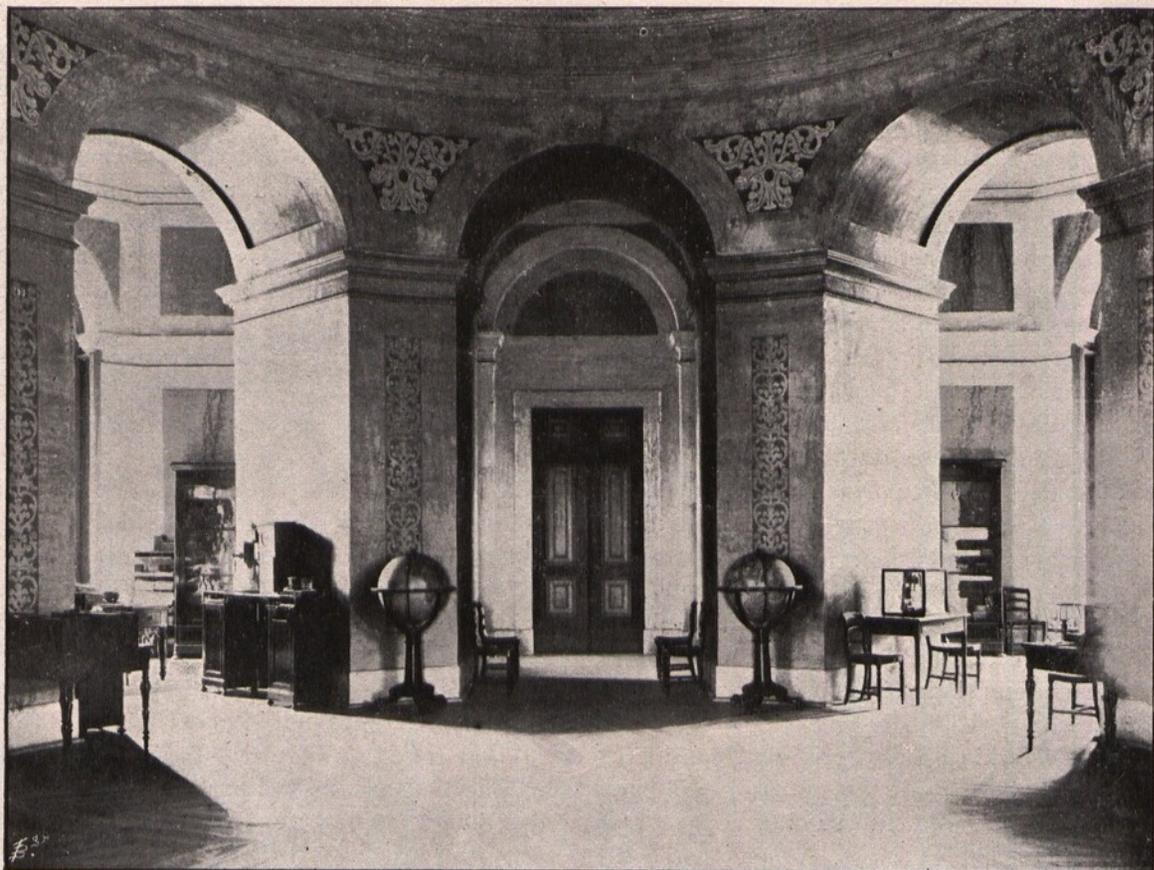
O Duque Mordomo-mór assim o tenha entendido e faça constar na Repartição competente. Paço, aos 31 de janeiro de 1857.—Rei.—Duque Mordomo-mór.—Está conforme.—Gonçalo Jaime Aldim.»

Em 14 de fevereiro de 1857 foi promulgado um decreto pelo qual o governo, aproveitando este acto de munificencia regia, se desempenhava da alevantada missão de instituir um observatorio, moldado segundo o que havia de mais moderno, cumprindo assim o desejo que o soberano tão bizarramente manifestára.

Esse decreto nomeava uma comissão composta do marechal de campo José Feliciano da Costa e dos drs. Filippe Folque, director do Observatorio da marinha, João Ferreira de Campos, lente da Escola Polytechnica, e Guilherme José Antonio Dias Pegado, director do Observatorio Meteorologico do Infante D. Luiz, com o fim de escolher e indicar o local para o edificio, de apresentar o projecto e orçamento para a construcção, e de propor a compra dos instrumentos astronomicos.

Na aquisição dos instrumentos, a mesma comissão entreteve correspondencia com alguns astronomicos estrangeiros e principalmente com Airy, Hervé, Faye e Struve, o celebre director do Observatorio Astronomico de Pulkova (Russia).

Pela carta de lei de 2 de julho de 1857 se deprehende que a comissão, tendo dado cumprimento ao decreto acima exarado, declarava de utilidade publica e urgente a expropriação de alguns terrenos na quinta denominada do Seabra, pertencente ao visconde da Bahia, para a fundação do mesmo observatorio; pela mesma carta se conclue tambem



SALA CENTRAL

que a commissão tinha ponderado ao governo a conveniencia de habilitar, desde logo, um individuo idoneo que adquirisse os conhecimentos e a pratica das observações dos instrumentos e seu uso, propondo mais que fosse o 2.º tenente da armada e engenheiro hydrographo, Frederico Augusto Oom mandado para o Observatorio Astronomico de Pulkova na Russia.

Esta proposta, approvada pelo governo, determinou a portaria de 30 de junho de 1858, na qual o citado official se devia apresentar á commissão, a fim de receber as instrucções para o desempenho do serviço de que fá ser incumbido.

É preciso notar que a commissão, antes de propor o terreno do Alto da Quinta do Seabra para a edificação do observatorio, tinha escolhido o da Patriarchal; escolha não accete por isso que, além de ser no centro da cidade, ficava contiguo a uma rua de grande transito.

Preferido o local da Quinta do Seabra, sobrevieram dois inconvenientes de grande monta, que eram: a proximidade de uns fornos de cal que obri-gavam a expropriações de consideravel despeza e a impossibilidade da companhia das aguas ceder aquelle terreno, o mais elevado de Lisboa, necessario para poder conduzir as aguas á altura da Penha de França e á do Castello de S. Jorge.

Em vista d'isto, a commissão expoz estes factos ao monarcha que então reinava, o qual, sem mais hesitação, antes com a maxima boa vontade, permittiu a edificação do observatorio na Tapada da Ajuda, concedendo mais a pedra necessaria para a sua construcção, a areia do Alfeite e uma penna d'agua para uso perpetuo do observatorio.

Nesta construcção, ficou encarregado de dirigir a parte architectonica o professor da Academia das Bellas Artes, Costa Sequeira, servindo de mestre da obra, Bento Rodrigues, da direcção das Obras Publicas de Lisboa.

Os desenhos do edificio foram executados pelo architecto Colson, tendo por base os do observatorio de Pulkova e as indicações da commissão nomeada pelo governo.

No decurso da construcção, Sua Magestade de El-Rei D. Luiz, desejando manifestar por uma fórma significativa o interesse dispensado aos estudos astronomicos, mandou lavrar o seguinte decreto, que o honrará sobremaneira:

«Tendo attenção ás urgencias do Estado: Hei por bem ordenar que, da dotação que me foi estabelecida na conformidade da Carta Constitucional da monarchia, se deduza a quantia de 42:000\$000 réis como donativo espontaneo, que deverá verificar-se durante o



SALA BOREAL COM O INSTRUMENTO DE PASSAGENS PELO 1.º VERTICAL

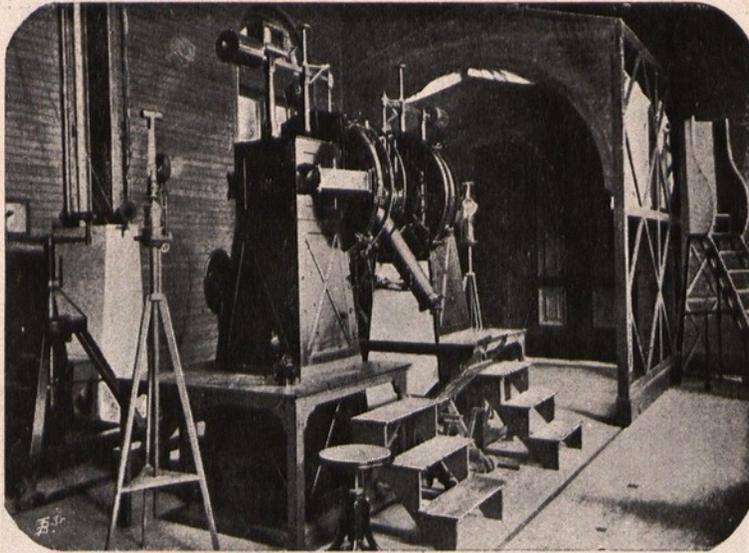
anno economico proximately futuro de 1862-1863; e outrosim sou servido declarar que é minha vontade que d'esta somma sejam applicados réis 10:000\$000 para a edificação do Observatorio Astronomico de Lisboa, e de 6:000\$000 réis para os melhoramentos do Observatorio Meteorologico denominado Infante D. Luiz, devendo a restante quantia réis 26:000\$000 entrar na receita geral do thesouro publico. O conde da Ponte, par do reino e vedor da fazenda da Casa Real, assim o tenha entendido e faça constar na repartição competente. Paço aos 29 de Abril de 1862.— Rei. — Conde da Ponte.»

A perspectiva do observatorio, assente no local intitulado Eira Velha da Real Tapada d'Ajuda, é de bello effeito e offerece um tom magestatico pela sua singeleza.

\* \* \*

Consta o edificio d'um corpo central de fórma octogonal, com dois pavimentos, e de qua-

tro corpos de um só pavimento dispostos em volta do central e orientados segundo os quatro rumos cardeaes.



SALA OCCIDENTAL COM O CIRCULO MERIDIANO

O corpo Sul correspondente ao frontespicio comprehende: o portico, o vestibulo, um quarto para a laboração das pilhas e, finalmente, as communicações do vestibulo com os pavimentos superior e inferior do corpo central. No friso do portico lê-se em letras de bronze a era MDCCCLXI em que principiou a construcção do edificio.

No pavimento inferior do corpo central ha uma sala circular de magnifico effeito, circumdada por uma galeria que segue o contorno octogonal do corpo central e dá communicação para os quatro corpos lateraes sem ser necessario passar por ella. Esta sala é limitada por oito pilares que formam uma arcada sobre a qual assenta uma abobada hemispherica, tecto da sala circular.

No pavimento da mesma sala ha um lindo xadrez de differentes madeiras representando a rosa dos ventos.

Quatro dos oito arcos correspondem aos quatro pontos cardeaes e dão serventia da galeria para a sala circular; os outros quatro, situados em frente das grandes janellas, são apro-

veitados, nos seus vãos, para a collocação de diversos instrumentos auxiliares, taes como: as pendulas e o chronographo do serviço da hora official.

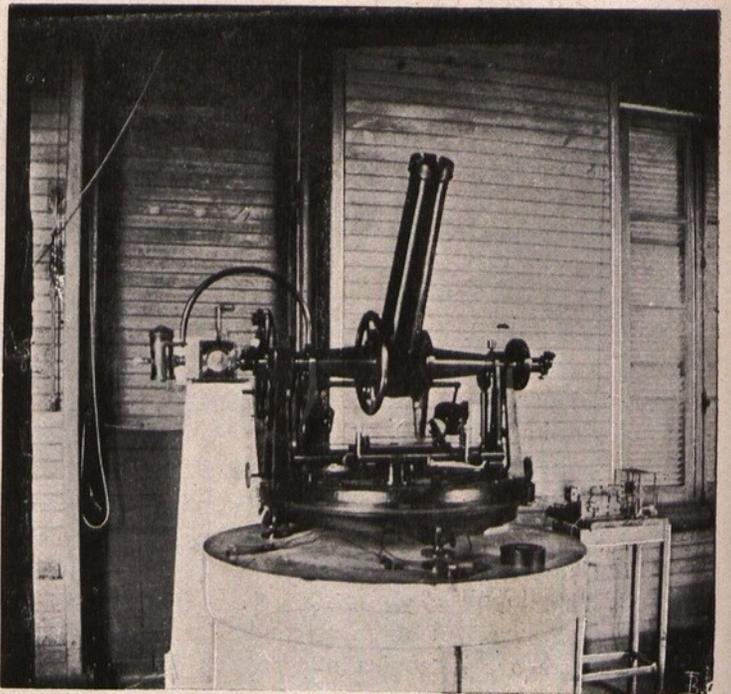
No arco do sudoeste está collocado um distribuidor electrico, primorosamente construido no Instituto industrial de Lisboa, pelo sr. José Mauricio Vieira, conforme as indicações do fallecido almirante Oom.

Junto á janella está a meza telegraphica com os instrumentos electricos para dar a hora ao posto chronometrico de Ponta Delgada (Açôres).

Uma escada de caracol conduz do vestibulo ao pavimento superior do corpo central.

Este pavimento consta d'uma galeria octogonal, correspondente á do andar inferior,

terminando superiormente por uma cupula girante.



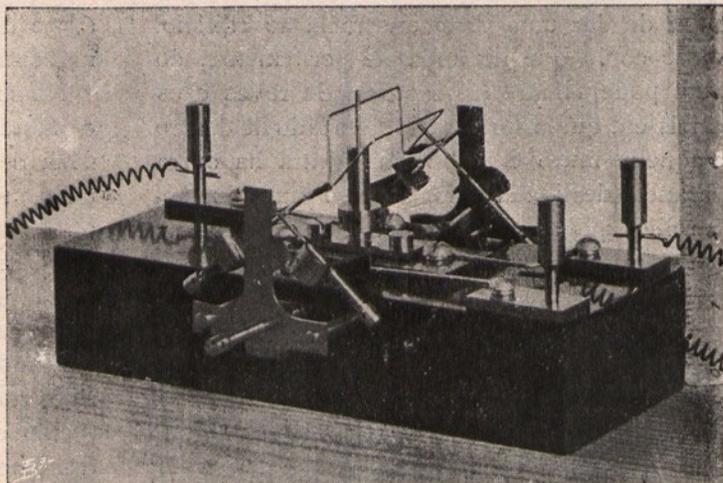
SALA ORIENTAL COM INSTRUMENTO DE PASSAGEM TRANSPORTAVEL

É n'esta sala e ao centro que se eleva uma grande columna de ferro que, por meio de tres pés, se firma sobre uma enorme lage apoiada no fecho da abobada hemispherica. O equato-

rial é montado n'esta columna; a sua objectiva é de 0<sup>m</sup>,38 de abertura e importou em mais de nove contos de réis.

A cupula, que abriga o equatorial, foi construida na Allemanha, conforme o projecto do fallecido official da armada e engenheiro hydrographo Frederico Augusto Oom.

É toda de ferro e consta de um corpo cylindrico (com 11 metros de diametro e quasi 5 de altura), sobre



INTERRUPTOR ELECTRICO CAMPOS RODRIGUES

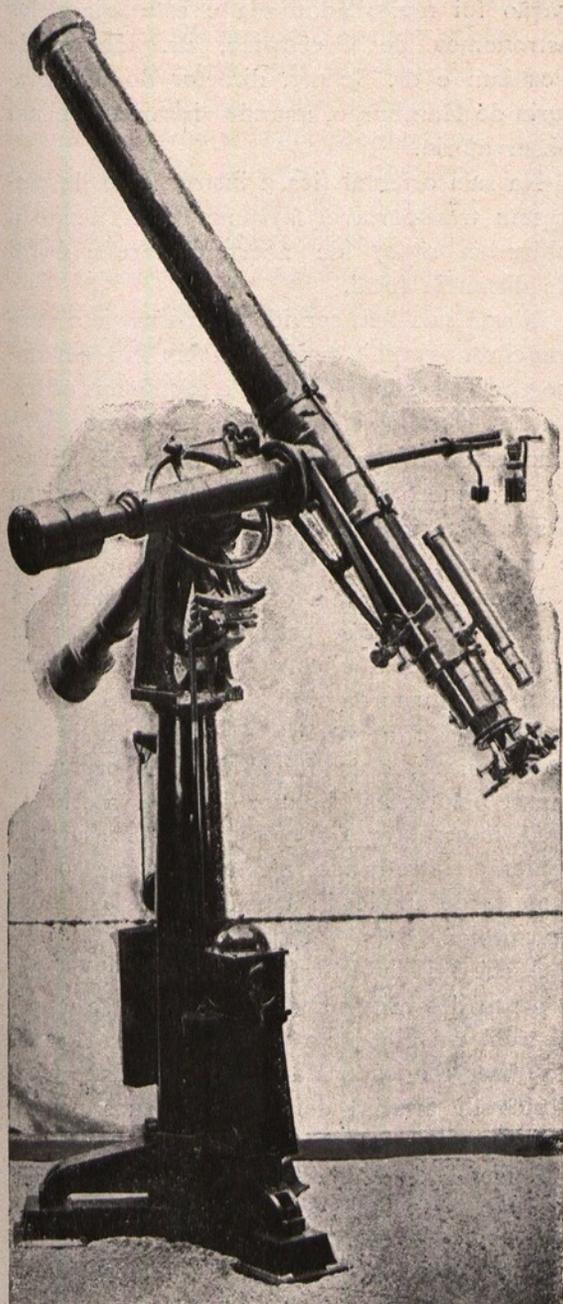
o qual assenta um telhado conico de 2 metros de ponto. Exteriormente é adornado com 16 pilastras e entablamento da ordem dorica denticular. Os vãos entre as pilastras são occupados por 4 janellas e 10 almofadas, dispostas symetricamente de um e outro lado dos dois vãos restantes, diametralmente oppostos, correspondendo-lhes a abertura pela qual se póde apontar para o ceu o oculo do grande equatorial.

A abertura indicada tem 1<sup>m</sup>,60 de largura e estende-se sem interrupção desde o vertice do tecto para um e outro lado da torre até á altura (proximamente) de 4 metros, contados para baixo da cornija. Seis alçapões no tecto e tres portas de cada lado no corpo cylindrico tapam a abertura, quando não se fazem observações.

Tanto a parede cylindrica como o tecto são limitados interior e exteriormente por forros de folha de ferro, entre os quaes póde circular o ar. Entrando este, pelos orificios situados junto da base da torre, é aspirado por duas chaminés de tiragem, collocadas sobre o tecto de um e outro lado da indicada abertura.

O peso da torre girante não será inferior a trinta mil kilogrammas; mas assim mesmo, graças a um bem combinado machinismo, um homem, sem empregar consideravel esforço, póde effectuar uma revolução completa d'aquella grande massa, em menos de seis minutos.

A superficie superior do muro sobre a qual a torre gira eleva-se 3 metros acima do sobrado da sala do equatorial. N'essa altura, uma varanda fixa na parte exterior do muro e sustentada por 32 cachorros de ferro fundido,



PARALLACTICO DE MERZ E REPSOLD

além de dar uma certa elegancia ao edificio, serve como que de andaime permanente, do qual póde vigiar-se o systema de rodas e os carris em que a torre gira. Pelo lado de dentro d'aquelle muro e na mesma altura ha outra varanda, destinada a dar accesso junto dos aparelhos que abrem e fecham os alçapões e as portas da abertura para as observações.



CONTRA-ALMIRANTE OOM — 1.º DIRECTOR E ORGANIZADOR DO OBSERVATORIO

No corpo Norte existe a sala destinada ao instrumento de passagens pelo primeiro vertical, sendo o systema de construcção proposto por W. Struve; a objectiva d'este instrumento é de  $0^m,16$  de abertura e de  $2^m,31$  de distancia focal e foi construido por Steinheil de Munich. Na mesma sala está o zygometro (examinador de niveis) feito em Pulkova por Brauer.

Os corpos oriental e occidental constam, cada um, de duas partes distinctas; de uma sala de observação, situada na extremidade e de uma sala de communicação entre aquella e a do corpo central.

Estas salas de observação teem  $10^m,20$  na direcção Este-Oeste,  $7^m,10$  na do meridiano,

$6^m,92$  de altura proxima das paredes e  $8^m,33$  no centro.

Na sala occidental está o circulo meridiano construido, em 1861, em Hamburgo por Repsold, o qual possui uma excellente objectiva de  $0^m,135$  de abertura e  $1^m,955$  de distancia focal.

O instrumento é supportado ao centro da sala por dois pilares monolithos de lioz de  $2^m,15$  de altura.

Innumeros são os melhoramentos introduzidos no circulo meridiano, os quaes teem merecido os mais encomiasticos elogios dos astrónomos estrangeiros; até a cadeira d'observação foi muito admirada e estudada pelos astrónomos de Greenwich, dr. Hecker de Postdam e dr. Schorr, director do Observatorio de Hamburgo, quando visitaram o nosso observatorio.

Na sala oriental fica o instrumento de passagem transportavel (systema Oom) tendo a objectiva  $0^m,07$  de abertura livre e  $0^m,78$  de distancia focal.

N'esta sala tem servido ultimamente o mesmo chronographo, sendo tambem ás vezes empregado o systema de *vista* e *ouvido* nas observações estrellares, e um outro chronographo francez de Breguet, com regulador de Villarceau, a que o sr. Campos Rodrigues applicou o seu systema de signaes com uma só penna e dois electromagnetes.

É tambem na sala oriental que está o aparelho de Kaiser, para a determinação da equação pessoal e construido por W. Boosman de Amsterdam.

Hoje este aparelho é quasi um instrumento novo, pois foi modificado profundamente pelo actual director do observatorio.

O interruptor Campos Rodrigues, primeiramente introduzido n'este instrumento, foi mais tarde applicado á pendula de Krille em substituição do primitivo.

A sua utilidade tornou-se reconhecidissima, a ponto dos astrónomos hespanhoes se empenharem em obter um para a pendula normal do observatorio de Madrid, e o Instituto Geodesico de Berlim dois para as suas pendulas.

Á frente do edificio ha duas pequenas torres com cupula girante, das quaes só se acha terminada a de Éste, e dentro da qual se acha o parallactico de Merz de  $0^m,117$  de abertura e  $1^m,95$  de distancia focal.

Circumda o observatorio um pequeno jar-

dim, destinado principalmente a obstar á formação de poeira nas proximidades do edificio, ao passo que tambem aformoseia o local.

\* \* \*

Este estabelecimento scientifico perfeitamente modelar é dirigido pelo vice-almirante e engenheiro hydrographo, sr. Cesar Augusto de Campos Rodrigues.

O seu talento é reconhecidissimo por todos aquelles que se dedicam a estes trabalhos, não havendo em Lisboa quem, embaraçado em assumptos astronomicos ou geodesicos, não recorra, e sempre com proveito, ao bom conselho e á sciencia d'este modestissimo sabio.

Quando em 1900, por occasião do eclipse total do Sol, o observatorio foi visitado por summidades estrangeiras, n este ramo de sciencias mathematicas, novos testemunhos de admiração lhe foram dispensados, dizendo mais tarde expressamente na primeira sessão da Royal Astronomical Society de Londres, o director do observatorio de Greenwich que os astronomicos inglezes muito lucrariam em imitar o que havia no Observatorio de Lisboa.

Em 1901, trabalhou no observatorio, em determinações de intensidade da gravidade, o dr. Hecker, astronomico da Associação Geodesica Internacional. Pois, apenas de regresso a Potsdam, tratou de installar nas pendulas os interruptores do systema que em Lisboa vira, devido ao sr. Campos Rodrigues, e mandou construir por habeis artistas varios aparelhos em harmonia com as ideias, que d'este nosso illustre compatriota recebera; tambem alguns processos simples e rigorosos para o methodo dos minimos quadrados lhe mereceram immediatamente as honras da adopção, não se cançando aliás de repetir quanto as suas observações foram favorecidas pelo rigor e assiduidade das do observatorio.

Outro pequeno exemplo succedido com nacionaes mostra a vasta competencia do sr. Campos Rodrigues: Um chronometro electrico da Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos não possuia meio de registrar a origem de cada minuto, o que era inconvenientissimo. Ninguem, d'entre os artistas mais habeis consulta-

dos, atinava com o meio de remediar tal defeito. Por fim, consultado o sr. Campos Rodrigues, elle em pouco tempo imaginou e executou um pequeno accessorio que realiza o tão almejado desideratum.

Em dezembro do anno findo foi conferido a este illustre homem de sciencia o premio Valz da Academia das Sciencias de Paris. No relatorio homologado por esta Academia se leem os seguintes periodos:

«L'Observatoire royal astronomique de Lisbonne... s'est distingué... par des travaux accomplis dans des conditions de précision remarquables.

«Il convient de signaler, sous ce rapport, une recherche intéressante du Directeur, M.



VICE-ALMIRANTE CAMPOS RODRIGUES — ACTUAL DIRECTOR

le Vice-Amiral Campos Rodrigues, concernant la détermination des ascensions droites d'un groupe d'étoiles dont les positions servent au calcul des éphémérides du *Jahrbuch* de Berlin; et, ensuite, les belles séries d'observations effectuées... durant l'opposition de 1892, sur le planète Mars ainsi que sur un certain nom-

bre d'astres placés dans le voisinage de la trajectoire de ce corps céleste, et dont les résultats se trouvent consignés dans un Volume paru en 1895.

«Mais la Commission insiste d'une manière



FREDERICO OOM — 2.º ASTRONOMO E SUB-DIRECTOR

toute spéciale sur la haute valeur de la contribution de l'Observatoire de Lisbonne á l'œuvre internationale de la détermination de la parallaxe solaire au moyen de la planète Éros. Les travaux méridiens accomplis dans ce but sont de premier ordre et leur exactitude n'a dépassée nulle part ailleurs.

«Ces beaux résultats ont été obtenus grâce á... son éminent Directeur...

«En témoignage de haute estime, la Commission propose, á l'unanimité, de décerner le prix Valz à M. Campos Rodrigues.»

Dos treze observatorios: Abbadia (Hendaye, França), Greenwich, Koenigsberg, Lick (Monte Hamilton, California), Lisboa (Tapada), Marselha, Nice, Paris, Roma (Vaticano), San Fernando (Cadiz, Hespanha) Strasburgo, Toulouse e Washington, que concorreram nas observações meridianas das estrelas escolhidas para referir a ellas as posições do planeta Eros, foi o Observatorio Astronomico de Lisboa o que mais e melhor produziu.

O numero de observações feitas n'elle foi o mais avultado, não obstante o observatorio de Washington ter consagrado dois instrumentos meridianos a esses trabalhos; nenhuma observação foi rejeitada, facto que, além d'este observatorio, só os de Lick e Washington lograram obter.

Em vista d'isto o ministerio do Reino, por intermedio da Direcção Geral de Instrucção Publica, publicou a seguinte portaria que, além de ennobrecer os visados: o sr. Campos Rodrigues, director do observatorio, e os srs. Frederico Oom, sub-director, e Teixeira Bastos, astronomico de 1.ª classe, honra tambem a mesma Direcção Geral. Esta portaria é concebida nos termos seguintes:

«Havendo-se o Real Observatorio Astronomico de Lisboa (Ajuda) notabilizado entre os estabelecimentos congêneres pertencentes ás nações mais cultas, em razão da importancia e perfeição dos seus trabalhos, honrando assim a sciencia e a nação portuguesa;

Havendo ainda recentemente o eminente director do mencionado observatorio, o vice-almirante Cesar Augusto de Campos Rodrigues, sido distinguido pela Academia das Sciencias de Paris com o premio Valz, que lhe foi conferido em sessão de 19 de dezembro ultimo, pela excellencia, importancia e perfeição dos trabalhos effectuados sob a direcção de tão notavel astronomico:

Ha Sua Magestade El-Rei por bem determinar que ao pessoal do referido observatorio, nomeadamente representado pelo seu illustre director, o mencionado vice-almirante Cesar Augusto de Campos Rodrigues, e pelos astro-



[ ARTHUR TEIXEIRA BASTOS — 3.º ASTRONOMO DE 1.ª CLASSE

nomos de 1.ª classe Frederico Oom, sub-director do observatorio, e Arthur Teixeira Bastos, sejam dados os mercedos louvores pelo zêlo e alta competencia com que o primeiro tem

dirigido e todos teem desempenhado os serviços dos seus cargos.

Paço, em 12 de junho de 1905.—Eduardo José Coelho.»

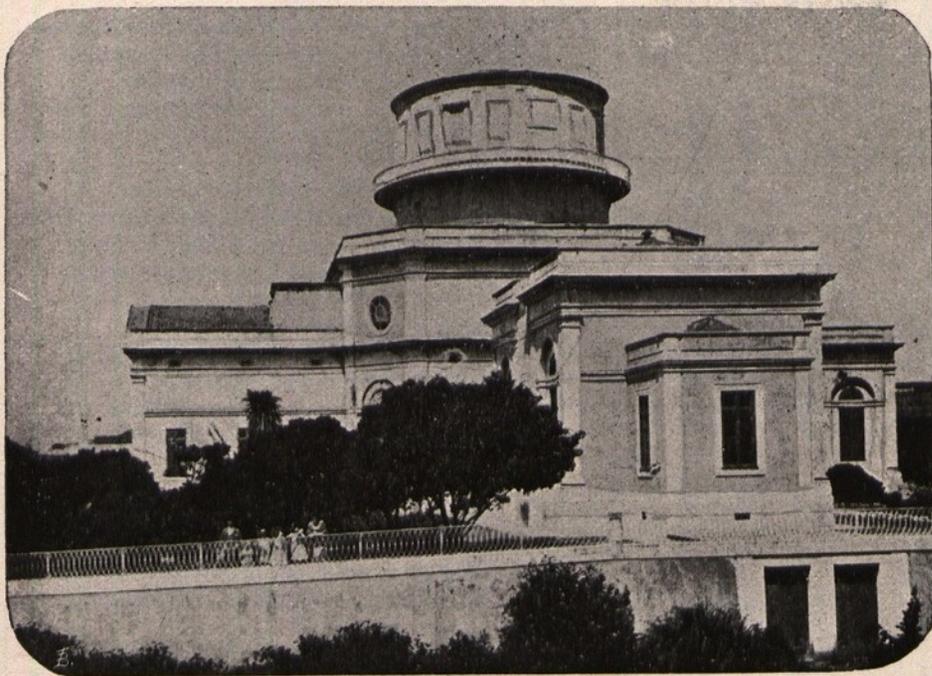
\*  
\* \*

Accedendo ao convite da redacção dos *Serões* para escrever sobre o Real Observatorio Astronomico de Lisboa (Tapada) falta-nos, mau grado nosso, auctoridade para infundir,

nas linhas impressas, o peso que a importancia do assumpto reclama.

No emtanto, conhecendo de perto tanto o observatorio como o seu pessoal, por termos tido a honra de fazer n'este instituto scientifico uma parte do nosso tirocinio, releve-se-nos a intima satisfação que nos cabe por apresentar aos leitores dos *Serões* a descripção de um estabelecimento scientifico que, irrefragavelmente, é um dos primeiros, senão o primeiro do paiz.

A. RAMOS DA COSTA.



FACE ORIENTAL DO OBSERVATORIO



# AMAR

— verbo activo, transitivo, regular.  
(De todas as grammaticas)

*Eis um verbo dos mais extraordinarios !  
As grammaticas acham-no exemplar,  
Modelo d'outros verbos, regular  
Nos varios modos e nos tempos varios.*

*Merecem ellas correctivo acerbo,  
Visto que outro não ha mais inconstante  
Nem mais irregular a cada instante  
Do que esse falso e caprichoso verbo*

*Dizem-no os sabios sempre transitivo.  
Será talvez : o indubitavel é  
Que se ama ás vezes, sem saber-se até  
Onde está desse amor o objectivo.*

*Amar assim, sem ter um complemento,  
— Amor ultra-platonico, ultra-ideal —  
Não será, creio eu, grammatical  
Mas é o triple-extrait do sentimento.*

*Aos vinte annos, perfeito, modelar,  
Tem duas vozes, tem os tempos todos  
E pessoas e numeros e modos,  
Sem nada lhe crescer ou lhe faltar.*

*Então no peito elle anda todo escripto,  
No futuro, preterito e presente ;  
Do modo Indicativo passa a gente  
De prompto ao outro extremo — ao infinito !*

*Ama-se muito, amou-se e ha de amar-se,  
E' mais curto o passado que o futuro ;  
Mas ao branquear-nos o cabello escuro  
Quem diz amar-nos fala por disfarce.*

*Pois bem o sabe quem o bem conjuga  
— Os tempos, com o tempo, vão faltando,  
Vae-se o primeiro, letra a letra, quando  
Surge na frente uma primeira ruga.*

*O que annos juvenis lhe haviam dado  
— As pessoas e as vozes — perde tudo ;  
Vem a morrer portanto coxo e mudo,  
Sem voz, sem fala, todo mutilado.*

*Quem mais amara, menos amará.  
Em velho o ser-se amado é graça esquivada,  
E quando conjugado só na activa  
De bem pouco tal verbo prestará.*

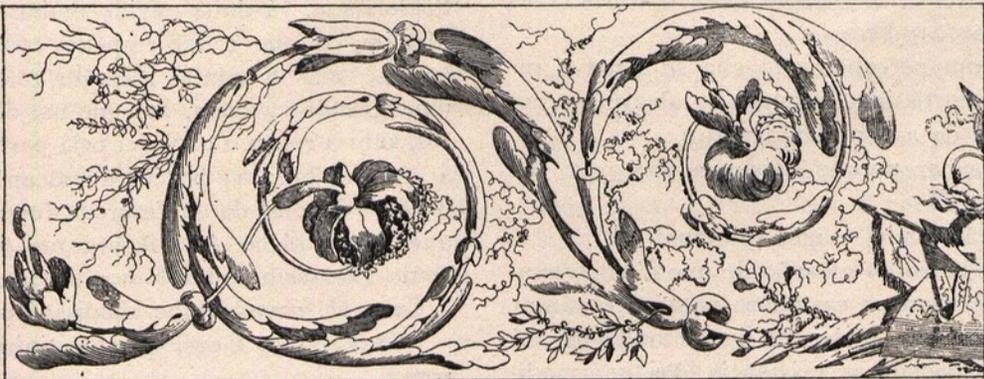
*Causa-lhe a idade effeitos singulares ;  
Deixa-lhe um tempo só condicional,  
Fazendo-o defectivo e impessoal,  
Tornando-o emfim dos mais irregulares.*

*Eis as variantes a que está sujeito  
O sujeito de verbo tão variavel.  
Porém que importa emquanto um peito amavel  
Houver que sinta a voz do nosso peito ?*

*No meigo idyllo, em ternos dithyrambos,  
A todo o instante, meu amor, os dois  
Conjuguemo-lo bem ; que seja, pois,  
O unico verbo que saibamos ambos.*

*Enchamos só com elle os dictionarios,  
Que a vida sem amar é triste e occa.  
Diga-mo em beijos a tua linda bocca  
Nos varios tempos e nos modos varios !*

ALFREDO DA CUNHA



# Se a mocidade soubesse...

III

## ROSAS DE TRIANON



ADA havia já que o surpre-  
hendesse. Uma coisa, ain-  
da assim, brilhou vivida-  
mente no meio da confu-  
são do seu espirito: ale-  
grava-se de a ter ao pé de  
si, fosse qual fosse o mo-

tivo que a trouxera. E sentia um grande allivio no coração, porque não estava alli a burgravina.

Percebeu que a rapariguita mexia os pés afanosamente, e estendia as mãos ás apalpadelas, por cima da cabeça d'elle, naancia de reconhecer o logar. Succederam-se momentos de tranquillidade. Sidonia estava escutando, e tambem elle escutou inconscientemente, e ambos ouviram, surgindo da bramidora escuridão, o grito das aguas, como cavernoso echo a erguer-se da enorme profundez.

N'um subito clarão, acudiu á memoria do conde aquelle riacho que tão estranhamente espanadava no sopé da montanha, acima da ponte da aldeia.

Passou-lhe por todo o corpo um calafrio de pavor.

Quando Sidonia tornou a falar, tinha na voz um tom extraordinario de resolução, que actuou no conde á maneira de estimulante, e que de prompto o reanimou.

—Só podemos escapar—disse ella—se nos deixarmos ficar n'este mesmo sitio. Se quizer, pode sentar-se, mas não se ponha em pé. Não conhece de certo o logar onde estamos. Pois eu conheço-o bem.

Estevam percebeu que ella se sentava no chão, a curtissima distancia, e alegrou-se novamente de a ter ali tão perto.

Sem saber porque baixou a voz, para lhe perguntar:

—Então onde é que estamos?

—Por baixo do alçapão de que n'outro tempo se serviam os castellãos para se livrarem de presos que pudessem incommodal-os. Só elles conheciam a existencia d'esta armadilha que correspondia á entrada da torre, passagem obrigada, antigamente, para quem entrava ou sahia do burgo. D'esta maneira os senhores de Wellenshausen, querendo desfa-

zer-se de alguém, não tinham mais do que fazer-lhe tomar este caminho, e, na occasião propria, pôr em acção o machinismo para...

Como ella se calou, o conde rematou assim a phrase:

—Para collocal-o na invejavel situação, em que nos achamos.

—Isso é que não!—replicou Sidonia immediatamente.—Devemos agradecer a Deus que os annos e os temporaes construissem n'estes esquecidos logares o abençoado rebordo onde viemos cahir.

—Se não fosse elle, que nos teria acontecido?—perguntou o austriaco, n'um tom que pretendia rivalisar em frieza com o da sua interlocutora.

—Esteja quieto e ouça.

Estevam obedeceu-lhe. Percebeu que Sidonia procurava uma pedra, e sentiu a energica tensão que tomava aquelle corpinho delicado no instante de atirar o projectil. Ouviu-o bater seccamente na rocha, e ricochetar diversas vezes, á proporção que ia descendo. Afinal, decorrida uma breve pausa, ergueu-se das profundezas um som mal perceptivel de coisa que mergulha de chofre, e o do ávido sorver das aguas tranquilladas e distantes. O que havia de mais sinistro.

Estevam esfriou de medo.

—Ninguem sabe a fundura d'este abysmo, nem o que para ahi se occultará—explicou Sidonia. Quando o descobri, creia que fiquei horrorisada. Já tinha ouvido muitas vezes, ao Martim, o que a tal respeito contavam as lendas, mas a minha resposta fôra sempre uma grande caçoada, até que um dia, ha mezes, subi a rocha e explorei pela parte de fóra a enorme buraca; porém do alçapão, só ha pouco, depois de o fazerem funcionar, é que tive noticia. Ah! Agora me lembro!—O tio Ludovico andou hoje ahi por cima...

Calou-se, como se lhe acudisse outra ideia.

—Mas, Santo Deus, que lhe tinha eu feito para?...

O austriaco apenas pronunciou estas palavras, calou-se tambem, amordaçado pela consciencia.

—É uma horrivel cilada!—continuou Sido-

nia a dizer com grande paixão—De mais a mais contra um hospede!...—E um soluço de indignação irrompeu-lhe do peito—contra um hospede!... Pensasse o que pensasse do sr. conde isto é que não devia esquecer. Nunca lhe perdoarei!...

E o hospede que tinha planeado, posto que involuntariamente, atraiçoar o dono da casa, còrou a este pensamento, sob o manto das trevas. Sentiu-a engulindo as lagrimas e contorcendo as mãos. Instantes depois, Sidonia continuou a falar, mas com maior serenidade:

—Como fez bem a tia Betty em dizer-lhe que se fosse embora! E quanto folgo por ella me ter mandado, em seu logar, dizer adeus ao sr. conde!

Estevam ainda chegou a abrir a bocca, mas fechou-a promptamente e permaneceu silencioso.

—Se não fosse isto, tínhamos morrido ambos!—proseguiu ella. O tio Ludovico está doido com tolos ciúmes! Deus do céo! Nem quero pensar no que lhe aconteceria, se eu não tivesse vindo! — Estremeceu ao dizer isto.

Ao mesmo tempo o outro continuava a guardar silencio, pela vergonha que lhe impunha aquella innocencia sublime; pelo espanto que lhe causava a generosidade, a abnegação d'aquelle bocadinho de gente, que nem um instante se lembrava do perigo que estava correndo, para só cuidar do que aos outros ameaçava. E disse consigo mesmo:

—Esta, sim! N'esta ha bom sangue, espirito de raça!

A sua corda sensível...

Mas o comico da situação impressionou-o e despertou-lhe o riso: Betty, incapaz de resistir aos impulsos da propria infidelidade, lá estava certamente no concheço do seu quarto, emquanto o esposo ultrajado se revia n'aquella vingança medieval! Toda a sua pena foi não poder assistir ao proximo encontro dos dois conjugues.

Sidonia ouviu-lhe a risada, e, por um movimento infantil, teve tambem um accesso de hilariedade, mas sofrendo-se um pouco. Tanto bastou para que Estevam cahisse logo em si.

A manhã ainda vinha muito longe.

—E agora—disse elle—o que vamos nós fazer?

—Uma coisa muito simples: esperar. D'esta vez ainda não morremos, porque meu tio não tinha descoberto a existencia do outro caminho que nos leva para fora d'este re-

cinto mortal, além do que conduz á margem do escuro rio onde navega a barca de Charonte. Emquanto, porém, não romper a manhã...

—A manhã?...—perguntou Estevam, não sabendo se devia sentir-se alegre ou triste, perante a perspectiva de passar ali toda a noite.

—Até ao raiar da aurora, temos que exgotar a provisão de paciencia de que dispomos. Um passo dado em falso, mandar-nos-ha logo fazer companhia aos esquecidos inimigos dos burgraves de Wellenshausen.

—Mas n'esse caso?...

—O melhor que podemos fazer é dormir.

Outra vez elle ficou silencioso, em virtude da profunda impressão que o avassallou. Era como se o coração infantil de Sidonia se lhe tivesse revelado subitamente, em toda a sua lealdade, innocencia e coragem.

—Se se deslocar um nadinha para a esquerda—disse-lhe ella, depois de breve pausa—encontra um chão menos duro. Lembrei-me de que para esse lado vegetam uns fetos. Verá que não fica mal de todo.

Estava positivamente fazendo as honras do sinistro logar, onde se consummavam as vinganças de sua familia. Os labios de Estevam contrahiram-se n'um sorriso de commoção e os olhos molharam-se-lhe com lagrimas de ternura. Perguntou:

—Mas então em si nunca pensa, qual fada benefica ou desvelado anjo da guarda?—E accrescentou quasi a medo:—Porque não se encosta a mim?

Chegou-se um pouco—Que corpinho tão quente e mimoso!—Estremeceu toda, quando elle ia cingil-a com os braços, o que o fez logo desistir.

—Ah! Não quer que eu?...

—Não sei,— respondeu Sidonia baixinho.

Julgou sentir-lhe a respiração entrecortada por lagrimas, e todo o cavalheirismo de que era capaz a sua alma acudiu n'um impeto a defender a donzella. Desviou-se para traz. Com certa difficuldade soltou de baixo de si a pesada capa. Estava hirto e cheio de dores. A incerteza com que se balouçou no meio das trevas, deu-lhe a sensação de que precipicios o rodeavam por todos os lados, ameaçando tragal-o.

—Que está fazendo?—perguntou-lhe ella severamente.

—Deixe-me abafal-a com a minha capa. E pode enrolar a sua, para lhe servir de almofada.

—E o sr. conde?...

Ao dizer isto, Sidonia forcejou tanto para afastar de si o agazalho, que Estevam, muito assustado, teve de agarral-a. De mais a mais soltou-se um fragmento de rocha e cahiu para o abysmo, fazendo-lhes a tempo uma significativa advertencia.

—Esteja quieta!—disse elle, assumindo pela primeira vez o tom imperativo.—E deixe-me servil-a e protegel-a. Durma, se puder. E não tenha receio de nada, que eu fico accordado.

A rapariga permaneceu immovel um instante, submettendo-se sem dizer palavra. O companheiro passou-lhe o braço em volta do corpo e ella encostou-lhe a cabeça ao hombro. Houve profundo silencio. Pouco depois o corpo de Sidonia foi perdendo a rigidez, e tornou-se-lhe regular e serena a respiração.

—Já não está com medo?—perguntou Estevam meigamente.

—Parece-me que nunca estive—respondeu ella com voz preguiçosa. Pelo modo de fallar, percebia-se que estava a sorrir.

Como se sentiu orgulhoso com esta prova de confiança, que ao mesmo tempo era para ella a melhor protecção!

Os minutos passaram, passaram horas.

\*  
\* \* \*

Um lamento sinistro, imitante a soluço echoou repentinamente pela caverna. Se não estivesse amparando Sidonia, Estevam teria fugido, acossado pelo pavor. Meia a dormir, a rapariguita murmurou, por entre um sorriso:

—É o mocho velho, o Barba-roxa.

Outra vez reinou silencio.

Que turbilhão de pensamentos no espirito do conde de Waldorf-Kilmansegg!—Bem fizera o rabequista em avisal-o.—E ainda lhe fôra misericordiosa a Providencia, livrando-o d'aquella loucura. Se fosse trilhando na sua sege a encharcada estrada imperial, em companhia da mulher do burgrave, tambem a teria nos braços, como agora tinha Sidonia. Embora precaria, achou infinitamente preferivel a situação actual. Sentia-se como pae acalentando a filha, cheio de ternura, em vez de amante frio e impudico, jungido á mulher a quem não podia amar.

Sidonia foi respirando com menos força,

mais compassadamente, Estava a dormir. Tinha feito votos por que ella adormecesse, mas sem esperanza de ver o desejo realisado. Ajoelhou, em espirito, perante a deliciosa creança, penetrado de gratidão, estimulado, talvez, pelo instincto paternal, mas enlevado tambem, n'um sentimento de maior energia e ternura, á adoração do que na sua alma havia de mais viril, pela pureza e lealdade que se traduzia n'aquelle abraço.

Com tardeza foram avançando as horas da noite.

No meio da escuridão, Estevam fez tentativas para saber em que recanto da prisão ficaria a abertura para o exterior, pela qual haviam de fugir. Umas vezes, notava a direcção do ar frio, que de quando em quando descia até elle; outras, procurava guiar-se pelos sons que, a espaços, quebravam o silencio da noite: o zunir da ventania, o pausado gottejar da chuva, o restolhar das folhas e vergontas.

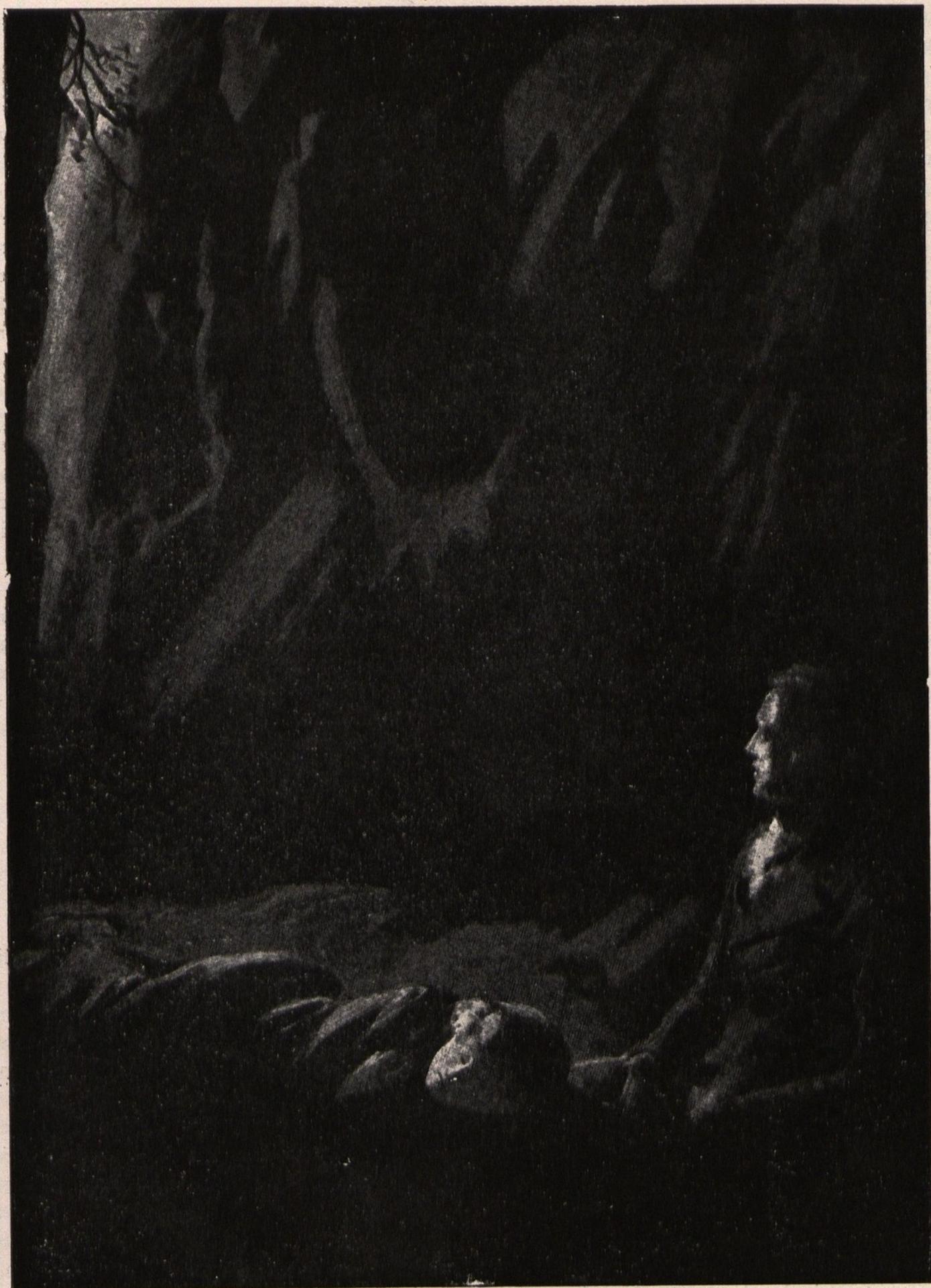
E o espirito fugia-lhe para muito longe, perdido n'um sonho vago, para voltar logo em seguida, chamado pela consciencia do perigo que os espreitava, e da responsabilidade que lhe impendia especialmente.

No entretanto, Sidonia continuava a dormir.

Principiou a sentir-se fatigado, tranzido de frio; tinha já o braço dormente. Parecia-lhe agora insupportavel a carga que tão ligeira julgara a principio. Como que ia a vencel-o a somnolencia e cuidava-se engolfado n'um pesadello, de que despertaria para encontrar-se recostado a um canto da sege. Mas antes quereria morrer, que nem de leve incommodar a placida creaturinha, que amparava com o braço.

Chegou, porém, um momento em que a tensão da immobilidade forçada lhe produziu tamanha oppressão e desespero, que lhe fez julgar que ia perder a razão. Instinctivamente voltou a cabeça para o lado d'onde vinha a corrente de ar, e sentiu algum lenitivo. Tinha parado a chuva. Afugentadas as nuvens pelo vento, surgiu-lhe ao de cima da cabeça um trecho de ceo, a que a rocha formava sinuosa moldura, e onde mal se lobrigavam tres ou quatro estrellas. Um ramo bracejava indistincto para aquella translucidez, e trepidavam folhas, já na liberdade exterior.

Só isto. E comtudo era uma consolação. Foi acalmando a tortura que o martyrisava.



COLLOCOU-SE MAIS LONGE D'ELLE E DESCANÇOU-LHE A CABEÇA NOS JOELHOS

Alongou a vista e esqueceu o doloroso entorpecimento das pernas e do braço. As primeiras estrellas passaram lentamente e desapareceram; outras vieram fluctuar-lhe na visão, tornando differente o cariz do firmamento: estas brilhantes, baças aquellas, algumas ao

de leve pestanejando; uma a projectar vivissimo fulgor. Foram-se córando diversamente. Não podia imaginar que vistos por aquella mesquinha abertura, os ceos offerecessem espectáculo de interesse tão empolgante. E á medida que o panorama se ia desenrolando,

augmentava-lhe a impressão consoladora de que a noite discorria para a madrugada.

Uma vez, Sidonia estremeceu e soltou um grito.

—Estou aqui!—disse-lhe Estevam com meiguice.

A donzella tirou-se-lhe do braço, que já estava de todo dormente. Cingiu-a á força com o outro. Aquelle pego, bocejando de tão perto, no escuro da noite, e por interminaveis horas, afigurava-se-lhe qual monstro que os estava espiando, ancioso de os devorar.

Ainda mal desperta, Sidonia passou as pequeninas mãos, ás apalpadellas, pelo rosto e pelo peito. Murmurou depois:

—Sonhei que o via cahir!

E sentindo-se bem segura, estendeu o corpo como creança exausta de fadiga, mas collocando-se um pouco mais longe d'elle, de sorte que lhe descançava agora a cabeça nos joelhos.

Tinham-se os olhos de Estevam acostumado á escuridão ou seria talvez porque os veus mais espessos da noite se houvessem erguido? O certo é que as formas de Sidonia deitada já lhe appareciam vagamente. Curvou-se para ella. Ouviu-lhe dizer baixinho, como n'um sonho: «Quando estava ferido, tambem descançou a cabeça nos meus joelhos.» D'ahi a instantes, dormia outra vez a somno solto.

Com ambos os braços livres, deixou de sentir-se constrangido. O tempo ia agora deslizando tão veloz, como antes passara vagaroso. Viu com espanto que as estrellas se tinham apagado e que se tornara de um cinzento diaphano, tirante a cor de perola, o painel do ceo. Lá fora, na folhagem, havia a palpitação de um mundo que despertava. Piou um passaro. Os muros da prisão foram tomando forma. Enxergou, sobre o negrume da enrugada capa a nodoa branca da mão de Sidonia. E afinal percebeu que tambem devia ter dormido, no seu posto, porque a primeira coisa de que teve consciencia, foi que voltava a si, n'um grandê espasmo, e que via, banhado por uma restea de luz amarella de sol, a rocha acinzentada, a terra pardacenta, e os cabellos de oiro de Sidonia espargindo-se-lhe sobre os joelhos. E logo adeante do pequenino pé calçado com um elegante sapatinho, escancarava-se o abysmo negro e medonho. Que vergonha! Tinha dormido, quando a morte a espiava famulenta. A testa aljofrou-se-lhe de suor frio.

\*

\* \*

Penetrou pela caverna um suspiro de musica. Sidonia voltou a cabeça e fitou no alto os olhos, muito abertos por effeito do espanto.

Esfregou-os por julgar que ainda estaria sonhando, e, depois de attentar no que a cercava, recordou-se de tudo. Sorriu-se, bocejou, e acabou por dizer, mirando a bocca do abysmo:

—Fomos felicissimos. Não quer sahir d'aqui, sr. de Kilmansegg? Ou tenciona cá ficar como ermitão? O caminho é este.

O companheiro contemplava-a surpreendido, e seguindo-lhe a indicação, deparou a estreita berma que orlava o pego. Explicou-lhe Sidonia que por ali teriam de ir, arrastando-se sobre as mãos e os joelhos, e que seria indispensavel sacrificarem as capas.

Mal o acabava de dizer, apanhou-as n'um molho e arrojou-as para longe. Foram cahindo e quasi arrancaram a Estevam um grito de angustia, quando mergulharam pesadamente nas aguas traiçoeiras, produzindo um som como de coisa viva, que se tivesse despenhado na morte.

—Vou adeante, para o guiar—disse a donzella.

\*

\* \*

A luz do sol, o ceo, a montanha, o ar livre! Até então nunca Estevam tinha sabido bem o que estas coisas significam para o homem. Sentou-se n'uma saliencia da rocha aquecida pelo sol, ao lado do atalho ingreme e já meio apagado, que subia em zig-zag até o desmantelado baluarte. Sidonia tambem tinha parado, a espennejar-se e enfeitar-se como passarinho, com o cabello banhado de luz. Por consenso tacito ambos se conservaram silenciosos durante aquelles instantes de repouso physico, primeiro que deliberassem a respeito do caminho que haviam de tomar. A brisa trouxe-lhes do alto, a mesma toada melancholica, já ouvida no interior da caverna. Os dedos de Sidonia, atarefados nas tranças cor de oiro, pararam de repente.

—É o Geiger-Hans! E está tocando a modinha, que ha muito me dedicou. Anda á minha procura, — disse ella, depois de ter escutado por um momento. Encurvou as mãos á

laia de porta-voz e soltou um prolongado grito de montanha, que rompeu o ar puro da manhã como se fosse o pio de uma ave.

Calou-se imediatamente a musica e perante os olhares interrogativos, que ambos erguiam para o sitio d'onde ella vinha, surgiu o rabequista, do meio dos rochedos. Empunhando a rabeça bem alto, desceu aos saltos a ribanceira, com agilidade de cabrito montez, e mal chegou ao pé dos dois, exclamou, com a voz entrecortada:

— Graças, meu Deus! — Ah! Creanças desalmadas! Nem fazem idéa do susto que me metteram.

Transpareciam tons lividos, atravez da camada de bronze que lhe cobria as faces. A despeito da severidade que mostrava, o seu olhar enfurecido notou promptamente que um e outro estavam rotos e desgrenhados, e que os seus sorrisos tinham a pallidez que sorriu á morte.

— Que succedeu? perguntou o vagabundo, com a voz alterada.

Foi Sidonia que respondeu, desentranhando-se em amargas queixas.

Estevam, acabrunhado pelo cansaço, não tinha vontade de mexer-se nem de falar.

— E foi o tio Ludovico, foi elle que fez tudo isto! — concluiu Sidonia, com energica expressão de ira. Ouvimos-lhe as risadas, quando vinhamos cahindo. Nem ao menos pensou que o sr. conde de Kilmansegg era seu hospede.

O orgulho da nobre menina era incompativel com esta idéa. Dava muito menor importancia á tentativa de homicidio praticada pelo tio contra a mulher, pois que em vez de colera mostrou compaixão, quando accrescentou: «Coitada da tia Betty! Olhem se não me tivesse mandado em seu logar!»

Quantas expressões differentes tomou o semblante do artista, á medida que a historia se ia mostrando á sua apurada visão mental! Relampagos de colera, nuvens de receio e duvida. Fitou em Estevam um olhar penetrante e a fronte logo lhe retomou uma expressão calma, á vista da perfeita franqueza que se lia no rosto do fidalgo. Depois de Sidonia acabar a narrativa, os dois homens entreolharam-se e as physionomias ficaram-lhes perfeitamente serenas. A respeito de si mesmo, é que a destemida creança não tinha tido um pensamento, uma palavra.

— Muito bem, meus amigos! — disse afinal o artista, sentando-se na ribanceira e enxu-

gando com a manga o suor da testa — podem gabar-se de que me fizeram passar uma noite tão agradável, como essa que disfructaram. Como desejava dizer uma palavra ao sr. conde, tive a audacia de tomar assento na sua sege e ahi fiquei a esperal-o, no começo da rampa... e por signal no meio de 'uma grande humidade... fazendo companhia aos seus cavallos e ao seu postilhão... Diga-se, entre parenthesis, que este sujeito dispõe de um variado sortimento de pragas. Pela noite adeante, as nossas relações tornaram-se mais tensas, e por isso nos separámos, voltando elle para a Cegonha de Prata e vindo eu... para que hei de occultal-o?... vaguear novamente pelas cercanias d'este castello hospitaleiro. Nada mais natural que ter, á ultima hora, o hospede mudado de tenção e ficado ali mais tempo; ainda assim o meu espirito adivinhava desgraça.

— Coitado de Geiger-Hans! — exclamou Sidonia. — Que molha deve ter apanhado!

— Nem por isso. O tempo depois melhorou. Não foi essa a peor contrariedade. Ao romper da manhã, o meu espirito inquieto levou-me até ao portão... Não bati logo... Isso sim! O burgrave, encontraram-n'o cahido n'um dos seus aposentos e tão embriagado, que não pude apanhar-lhe a minima informação. A burgravina estava certa de que o meu presado companheiro se escapara com a sobrinha, por qualquer caminho escuso...

— O mais escuso que é possível! — commentou o conde, com uma risadinha.

Mas Sidonia poz-se muito seria e disse com ares judiciosos:

— Folgo de que meu tio estivesse embriagado.

— Deixei a burgravina planeando um ataque hysterico e dei varias ordens aos serviçaes, como se fosse o dono da casa. A esta hora anda já meia duzia d'elles batendo essas rochas. Olhem! Lá vem um. Vejam como o consciencioso rapagão esquadrinha tudo, até por baixo das urzes e silvados. É capaz de explorar os proprios agulheiros das ratazanas, na anciancia de encontrar os dois cadaveres!

— Vou dizer-lhe que mande arranjar o almoço para nós todos — disse Sidonia alegremente. — É o menos que Wellenshausen pode fazer pelo sr. conde de Kilmansegg.

A passos ligeiros subiu a encosta, voltando para traz o rostosinho alegre, onde a fadiga se estampava.

Hans e Estevam, ao pé um do outro, observavam-n'a.

O primeiro perguntou:

—Deveras tenciona acceitar de novo hospitalidade para dentro d'aquellas muralhas, que estiveram para tingir-se com o seu sangue? Ou prefere descer livremente esta ribanceira, até encontrar a sua berlinda, e, mal se assentar no fôfo cochim, gritar com força: «Postilhão, chicoteia-me esses cavallos!»

Estevam encarou com o rabequista antes de responder. Afigurou-se-lhe que o tinha apartado completamente da sua mocidade tão myope, aquella noite negra e interminavel. Sentia-se mais velho alguns annos, sobrecarre-

fazer? Melhor fôra que nunca tivesse lá ido, não lhe parece?

Sob o seu aspecto zombeteiro, havia uma tal ou qual anciedade.



O MUSICO DESCEU AOS SALTOS A RIBANCEIRA

gado com o peso da vida. Respondeu finalmente, começando a galgar a encosta:

—Volto ao castello.

O outro poz-se-lhe ao lado e perguntou baixinho:

—Que pressa tamanha é a sua? E que vae lá

—A minha tenção — começou Estevam a dizer friamente, e esteve quasi a accrescentar — em nada lhe importa —

mas accudiu-lhe outro pensamento, que o levou para caminho di-

verso. Tudo o que se lhe accumulava no coração durante aquella noite, irrompeu em palavras de fogo.

— Porque me fez aquella pergunta? Como se não soubesse tão bem

como eu... Pois não é homem, para quem as almas dos outros se manifestam em toda a sua nudez? Se é um homem como eu sou julgará forçosamente que já não posso apartar-me d'aquella creança. Arrancou-me da morte com a sua mão pequenina; esteve a dormir nos

meus braços, cheia de confiança na minha lealdade. Julga que eu, sem me ficar desprezando, poderia deixal-a aqui sem protecção? Se consagrar toda a minha vida á simples missão de velar por Sidonia, que mais faço do que cumprir um dever?

Empolgando a mão tisonada do artista e sacudindo-lh'a com força, bradou:

—Homem, digo-lhe que essa creança esteve toda a noite nos meus braços!

—E creança ainda se conserva—respondeu tranquillamente o musico.

—Por aquelle mesmo facto. Julguei que me tinha comprehendido.

Ao que Hans retorquiu:

—Subamos para as alturas!

\*  
\*   \*

Do limiar da porta, onde os esperava, a rapariguita perguntou:

—Não toca? Julguei que a sua rabeca soltaria agora o canto da liberdade.

—Tenho musica á farta dentro da minha alma, — replicou o vagabundo.

\*  
\*   \*

Triste espectáculo o que offerecia o pobre do burgrave. Um homem pode á noite representar o papel de vingador medieval, mas de manhã pertence á sua época, e assim fica tudo nas devidas proporções. O despertar do burgrave para a sobriedade e o conhecimento da sua feição, abateram-lhe o animo de modo terrivel. Admittido o paradoxo, não menos cruel seria a descoberta de que as suas suspeitas não tinham tido fundamento; que sua esposa não se arredara do caminho da virtude e ainda pertencia ao numero dos vivos; que fôra a innocente sobrinha e o innocente hospede que elle condemnara a tremendo supplicio. Quasi se atraiçoou na exclamação de angustioso espanto, que lhe arrancou o primeiro encontro com a mulher.

—Então foi por causa de Sidonia e não da brugravina, que esse rapaz cá veiu?

—De mim!—bradou a fidalga, com energico protesto.—Como se atreveu a fazer uma tal supposição? É espantoso! Só um cego é que não veria que o conde e a cabecinha de vento desde o principio se entendiam ás mil

maravilhas. Mas se ella se perder, a culpa será unicamente do burgrave e das suas idéas ruins! Impelliu-os para a fuga, velho tolo e ciumentol!

O fidalgo enclavinhou os dedos e bateu com as mãos na cabeça; depois cahiu sentado n'uma cadeira e desatou a chorar.—Para a fuga... Ah! Se Betty soubesse!... Pobre Sidonia!

—Espero que d'ora ávante cumprirá as regras da temperança!—disse Betty, olhando enojada para a fileira de garrafas vacias.

N'este momento echoou no pateo uma grande vozearia, a proclamar o regresso dos que se julgavam perdidos.

Quando Ludovico soube que a sobrinha estava salva, teve uma enorme satisfação, só comparavel com a afflicção que sentira pouco antes. Esteve quasi desatando a pular e a cantar. Apertou a mulher contra o peito e banhou-a de lagrimas, mas como fosse repellido com enfado, correu cambaleando para a sala grande do castello, ainda estonteado pela alegria.

Sidonia encontrou-o, e severa como um joven Daniel, disse-lhe apontando-o com o dedo e despedindo-lhe um olhar flammejante:

—O tio agora está a chorar, mas hontem á noite ria ás gargalhadas. Era aquelle o seu adeus?

O burgrave recuou, dominado outra vez pelo terror, e assim deu a conhecer á sobrinha que não tinham sido victimas de um desastre casual. O desorientado senhor do castello olhou em redor de si cheio de pavor e encontrou os olhos de Estevam, que se fitavam n'elle desdenhosos... tambem sabia!... e os do rabequista, medonhamente escarninhos... tambem sabia!... e os de Betty, profundamente suspeitosos... Não tardaria que tambem soubesse!...

Resoou, como clarim, a voz despiedosa de Sidonia, e a burgravina ficou sabendo tambem, e começou immediatamente a flagellar o marido. Ameaçou-o com o rei e o imperador, com a sua familia, a justiça, a prisão, a casa de orates, o duello. O imperador tinha posto em moda o divorcio—lembrou Betty ao seu senhor.—Foi esta a setta com que mais cruelmente o feriu, porque, afinal de contas, elle amava-a, á sua maneira é certo, mas em todo o caso amava-a.

Não obstante, como nos assumptos em que o seu coração entrava a burgravina era mulher

pratica, vislumbrou-lhe a prophetica visão de regressar á alegre Cassel, em companhia do Barba-Azul, já perfeitamente domesticado.

\*  
\*   \*  
\*

—Vou-me embora, *mademoiselle* Sidonia, e desejo saber se vou sózinho,—disse Estevam.  
—Já fiz sentir a seu tio que é incompetente para guardal-a, e consegui que me auctorisasse a desempenhar tambem essa agradavel missão. Está de accordo?

E como ella fizesse uma pergunta silenciosa, erguendo os olhos, o austriaco disse-lhe em

voz baixa, admirando, de si para si, que lhe batesse tão depressa o coração:

—Posso chamar-lhe minha mulher?

A donzella baixou a cabeça. Podiam vêr-lhe as faces tingirem-se de vermelho.

—Sidonia!

Encarou-o novamente e respondeu:

—Estou prompta a acompanhal-o.

Os seus olhos infantis parece que lhe pediam mais alguma coisa. Curvou-se e beijou-a na bocca, do mesmo modo que beijaria uma creança, não advinhando que ao contacto dos seus labios tinha nascido em Sidonia a alma da mulher.

(*Continúa*).

(Traduzido do inglez por Maximiliano de Azevedo.)

AGNES E EGERTON CASTLE.



## Cantigas da nossa terra

*O seu olhar é tão doce  
Que me lembra, não sei bem,  
Se a Mãe de Nosso Senhor  
Se a minha Mãe que Deus tem.*

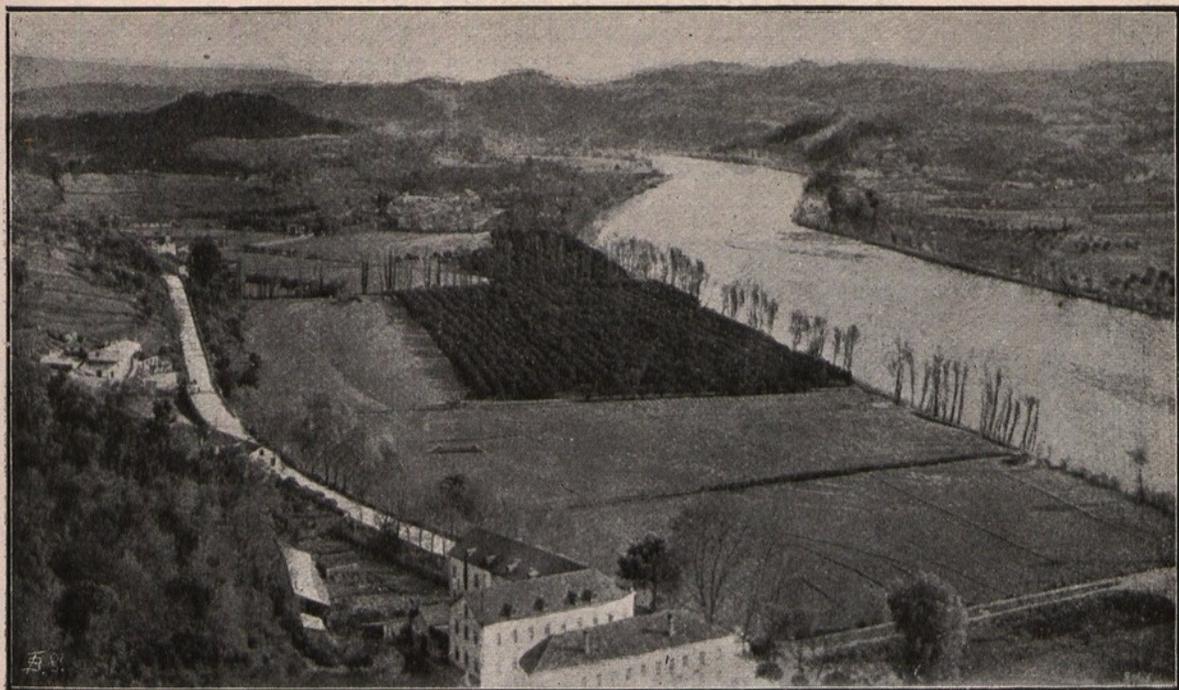
*De tanto amar a Maria  
Ganhei o Ceo do Senhor,  
Out'ora foi Jesus Christo  
Que o ganhou p'lo seu amor.*

*És tal e qual como nós,  
Meu verde e triste chorão.  
Ólhas primeiro p'r'o Ceo  
P'ra depois fitares o chão.*

*É qual a herva o amôr  
Á tôa sempre a crescer:  
Quantas vezes elle cresce  
P'ra depois se arrepender.*

*Sempre a correr, a fugir,  
Esta vida é qual um rio:  
Por mais que faça não volta  
Ao logar d'onde partiu.*

VICENTE PINHEIRO ARNOSO.



ESTRADA DA BEIRA E MONDEGO

## A Universidade de Coimbra

1772

**Coimbra.** Os novos Estatutos, ou *Estatutos pombalinos*, nonos na ordem chronologica — agruparam as faculdades em três grandes divisões:

1.<sup>a</sup>, faculdade de Theologia; 2.<sup>a</sup>, Cánones e Leis; 3.<sup>a</sup>, Medicina, Mathematica e Philosophia.

Obedece tudo, nelles, a um plano harmonico; e por cada uma destas 3 divisões são contidas — em livros, titulos e capitulos especiaes — não só todas as disposições relativas ás condições de preparação e de admissão dos respectivos alumnos, mas as que dizem respeito á divisão dos cursos, á graduação annual das disciplinas, aos exercicios a exigir, ao methodo e ordem de exposição.

Era, em verdade, indicar e particularizar de mais — o estabelecer e impôr tão minucioso plano, mais de programma singular do que de Estatuto geral. Pouco faltou para ficar regulamentada até a maneira de estudar!

Mas... era do espirito do reformador, ávido e cioso de intervenção, ao mesmo tempo que em tudo revelava a tenden-

cia da época: a noção abstrata, á priori formulada, classicamente simplificadora e normalizante, dos homens e das coisas.

Por semelhante tendencia de regulamentação e nórma feita se explicaria tanto o que os Estatutos e toda a obra do Marquês tiveram de opportuno, e tambem, em parte, de forçado, como a necessidade de modificá-la — essa obra hirta e prefixa, — quando outro espirito e tendencia chegassem a dominar.

Para o seu tempo — e em frente do espirito genericamente concludente do século XVIII — correspondeu a reforma a duas necessidades fundamentaes: a quebra e alargamento, embora dentro de delineamentos fixos, da vida mental portugûesa, quasi nulla e extinta; e o desenvolvimento das communicações com o Estrangeiro — condição indispensavel de progresso, sempre attendida nos nossos melhores períodos, como já tive occasião de notar. Estas communicações podiam estabelecer-se por dois modos: com a vinda de professores estrangeiros para o serviço do nosso ensino, e com as viagens facultadas a professores por-

tuguêses. Foi o primeiro systema o que prevaleceu, a contar do estabelecimento do *Collegio dos Nobres*, e da refôrma da Universidade; não sendo tambem des-



LIVRO DOS ESTATUTOS

curado o segundo, pois alguns professores nossos, pertencentes á geração iniciada pela dos professores da refôrma, seguiram a visitar os centros scientificos da Europa.

Não posso fazer uma analyse dos Estatutos pombalinos. E bastará ter-lhes notado a tendencia e indicado as linhas geraes para fazer comprehender a vantagem e conquista que elles representaram.

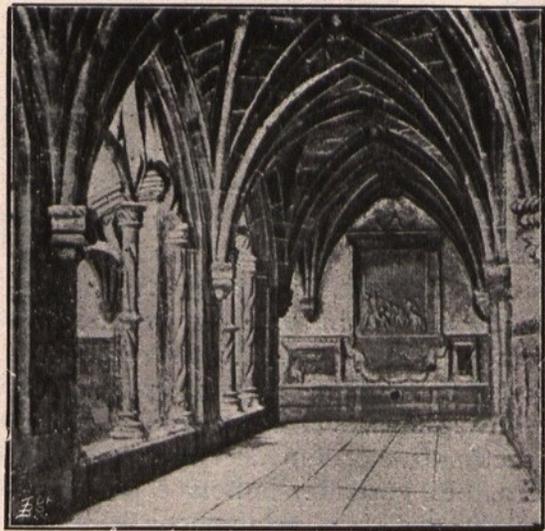
Dado o quadro geral dos estudos, vem, pois, a propósito agora o que diga respeito a disposições geraes, communs a todas as faculdades, isto é — o que nos Estatutos se regulou quanto á entrada de professores, e quanto á acquisição dos graus academicos por parte dos escolares.

A entrada no professorado das faculdades continuou a ser feita por concurso, com modificações introduzidas na parte propriamente scientifica. Só mais tarde viria o systema de provimento por opposição, a que de novo se substituiria o concurso, ainda de novo sacrificado ao systema oppositivo; até que prevaleceu e se manteve o do concurso. Relativamente aos cursos academicos, ficava estabelecido: que os alumnos fizessem no fim de cada anno exames das disciplinas

estudadas durante esse anno, e que só com a approvação das disciplinas dum anno pudessem matricular-se no anno seguinte. Com a approvação no 4.º anno recebiam o grau de *bacharel*; com a approvação do 5.º anno ficavam *bachareis formados*. Os que pretendessem os graus de *licenciado* e de *doutor* frequentavam mais um anno, repetindo o 5.º, defendiam *conclusões magnas* e faziam *exame privado*. Como é sabido, neste ponto está modificada a disposição dos Estatutos. Hoje não ha a repetição do 5.º anno; o primeiro acto grande é o de *licenciado*; é depois de obter o grau correspondente que se defendem *theses*, as antigas *conclusões*, recebendo-se depois o grau de *doutor*.

Com relação á entidade superior, ao reitor da Universidade — trouxeram os Estatutos uma modificação. Eram-lhe dadas as funcções e prerogativas da collação dos graus, até então attribuídas ao *Cancellario* — ao D. Prior dos cruzios.

Neste ponto, porém, houve logo pouco depois alteração. Voltaram ao D. Prior as antigas regalias de *Cancellario*, por *carta régia* de 1775. Seria só depois da extincção das ordens religiosas, pelo decreto de 5 de dezembro de 1836 — que viriam a reunir-se, na pessoa do Reitor,



CLAUSTRO DO SILENCIO NA EGREJA DE SANTA CLARA

ás funcções que já tinha, as do antigo *Cancellario*.

Os *Estatutos pombalinos* abrangem só a parte litteraria e scientifica. Entrava no

plano do Marquez, mas nunca chegou a ser executada, a regulamentação da parte economica, administrativa, etc.

Não foi, por isso, revogada pelos novos Estatutos toda a legislação anterior. Ainda vigoram, em parte, os *Estatutos velhos*. A vida universitaria é regulada, assim, por tres ordens de diplomas: *Estatutos* de 1653; *Estatutos* de 1772; legislação posterior a 1772 (comprehendendo a reforma de 1901).

São, comtudo, ainda os *Estatutos pombalinos* o mais importante de todos os diplomas.

Destes *Estatutos*, existe no nosso archivo um rico exemplar manuscrito, prodígio de larga e egual calligraphia burocratica — que a gravura representa.

A primeira impressão dos *Estatutos* de Pombal fez-se em Lisboa, na régia officina typographica, no anno de 1773, em duas edições: uma de 8.<sup>o</sup> e outra in-

veiu a Coimbra assistir e presidir á leitura e execução dos novos *Estatutos*.

Entrou aqui em 22 de setembro de



LIVRO DOS ESTATUTOS

1772, rodeado de luzida comitiva, e recebido com solemnidades e festas, que excederam muito as da recepção feita a D. João III em 1550, e as da visita de D. Sebastião em 1570.

Tinha o corpo universitario resolvido, em claustro do dia 19 do mesmo mês de setembro: «*que fosse o Reitor a Condeixa esperar o sr. Marquez, e as pessoas mais distinctas da Universidade além da Esperança; porque até esse lugar era antigo costume, era preciso adiantar-se mais, para fazer o applauso distincto.*» O ce-

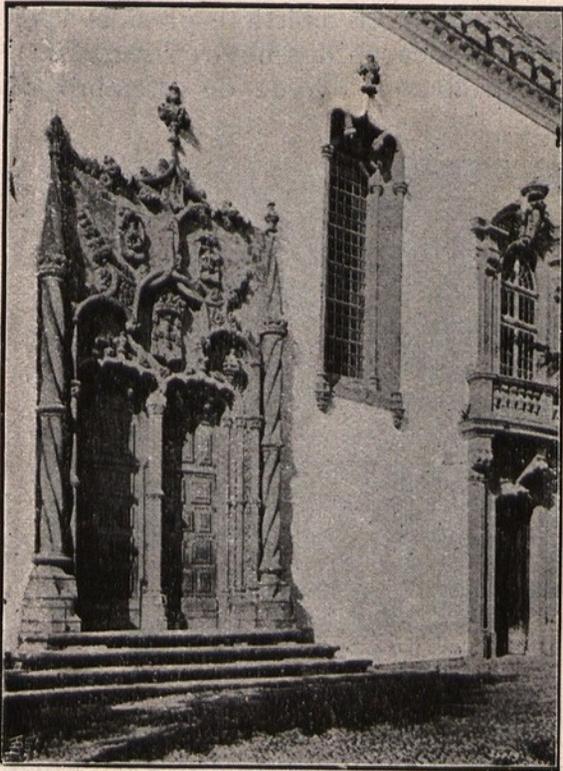
rimonial estabeleceu a ordem do cortejo, em que figuravam no dia da entrada na Universidade, 26 de setembro: — á frente, a charamela, seguindo-se 10 alabardeiros; depois os meirinhos da Universidade, ouvidoria, os escrivães, logo os estudan-



VIA LATINA

folio. Ha uma traducção latina, do mesmo anno, no formato 8.<sup>o</sup> e condições typographicas da edição portugueza.

Foi o proprio Marquez de Pombal quem, como Visitador Reformador da Universidade e logar-tenente de El-Rei,



PORTA DA CAPELLA

tes em massa, os mestres d'Artes, dois a dois, e os doutores das Faculdades; os bedéis, o Mestre de cerimonia; em seguida o Reitor, á direita, e o Decano theologo á esquerda do Marquez, a quem

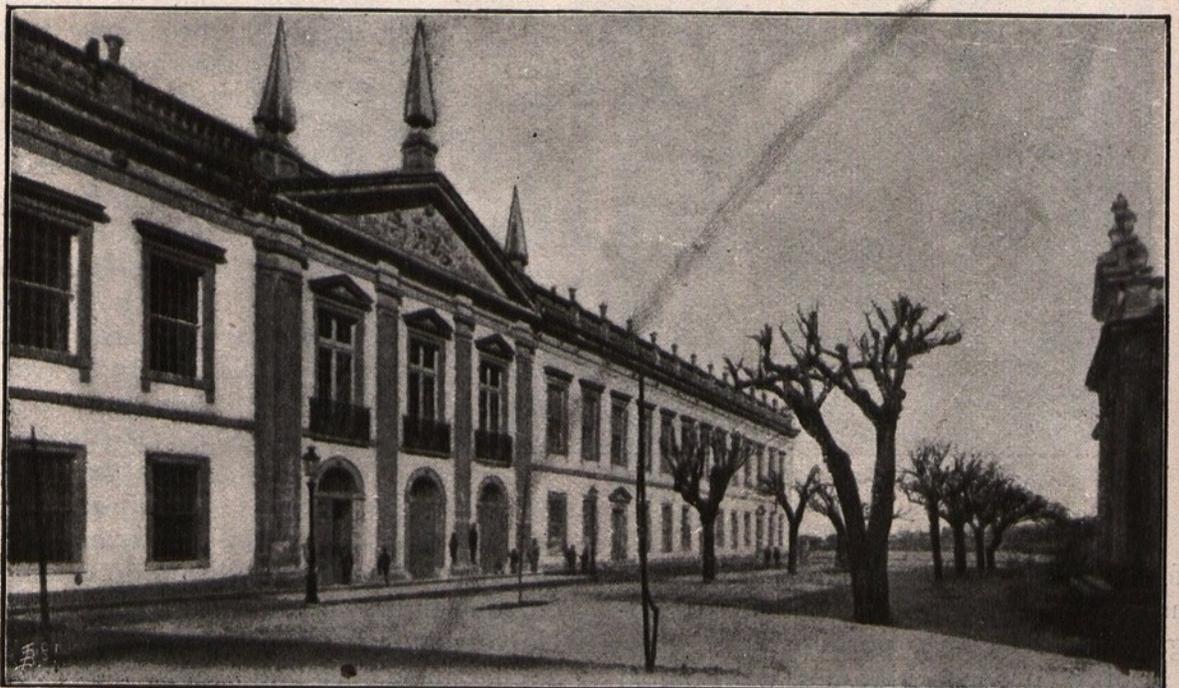
era dado assim o lugar de honra, indo então atraz deste grupo a familia do Reitor, fechando o cortejo o Guarda com a sua vara, e os officiaes da Universidade.

O Marquez, entrando na sala dos Capellos, tomou assento numa cadeira armada sob um docel de velludo. Nessa occasião foi pelo Secretario da Universidade lida a carta régia, que conferia ao Marquez plenos poderes para a realização da reforma.

No dia 29, na mesma sala e com o maior apparato de assistencia e cerimonial, foi feita, pelo Secretario, a apresentação dos *Estatutos* a todo o corpo academico, e lido o decreto de confirmação dos mesmos *Estatutos* que, desde essa hora, iam começar a ter execução. Em seguida solemne *Te-Deum* na capella da Universidade.

O Marquês conservou-se em Coímbra até 24 de outubro, procedendo á reforma coadjuvado pelo Reitor, D. Francisco de Lemos, futuro successor do bispo de Coímbra — e elevado ao cargo de Reformador por decreto de 11 de setembro de 1772.

Foi neste período que se gizaram os fundamentos do Museu de Historia Natural, do Gabinete de Physica — no antigo collegio dos jesuitas —, do Jardim



MUSEU DA UNIVERSIDADE



SÉ NOVA DE COIMBRA

botânico — na cerca dos Bentos; e do Observatorio — no local do antigo Castello; não chegando a completar-se aqui

o edificio destinado ao Observatorio astronomico, que só no reinado de D. Maria I ficou edificado onde hoje está, fechando quasi, pelo sul, o vasto pateo-jardim da Universidade.

Tambem então foi destinado para os hospitaes e gabinetes de Medicina grande parte do Collegio dos Jesuitas assente onde agora existe o vasto edificio do Museu.

Como ficasse convertida em cathedral a igreja pertencente á Companhia — a actual Sé Nova — poude ser apropriado ao estabelecimento da Imprensa da Universidade o claustro da Sé antiga — o que representou, diga-se, um monstruoso attentado de lesa arte, a remediar-se agora.

Foi tambem logo nesse mês da estada em Coímbra, que o Marquês de Pombal tratou do provimento dos logares de professores nas 6 faculdades académicas, vindo já prevenido com as respectivas auctorizações régias. Conservou, dos antigos, apenas os que lhe podiam merecer confiança, no saber e na vontade de bem cooperar; e mandou vir outros, dos mais distinctos, que, *auctoritate régia*, imme-

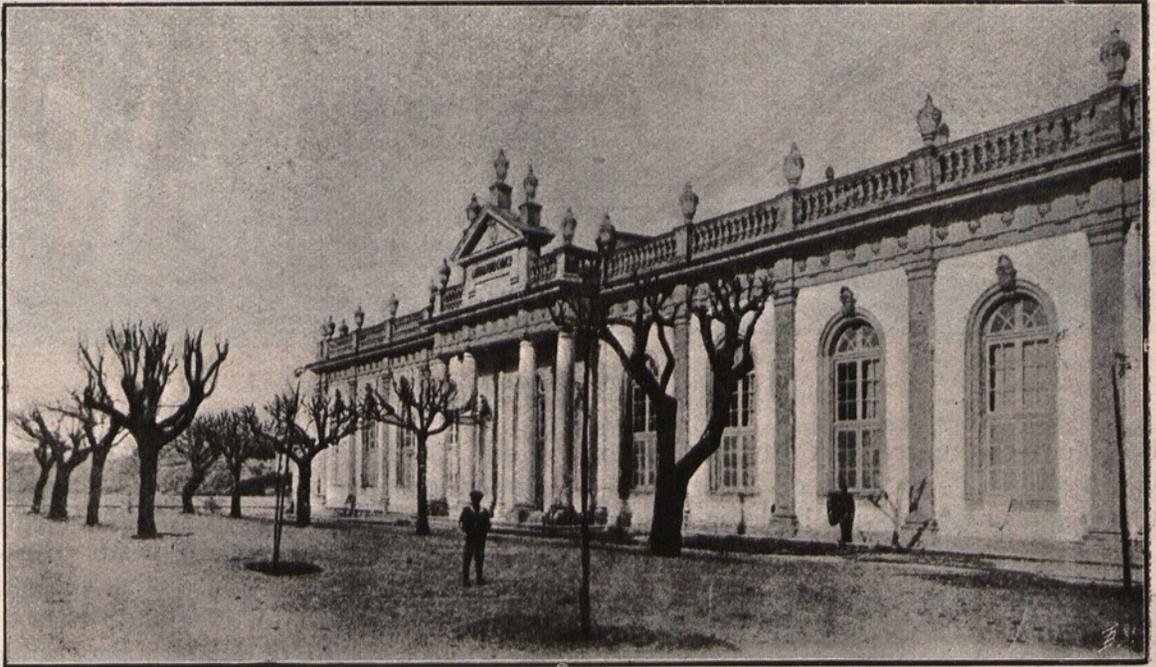


OBSERVATORIO ASTRONOMICÓ DA UNIVERSIDADE

diatamente foram por elle nomeados, doutorados e incorporados na Universidade.

As faculdades de Theologia, Cánones e Leis, que tinham, ainda assim, o pessoal indispensavel, pudéram entrar em serviço logo em principio de outubro de 1772, dando assim execução a parte da reforma. Quanto á Medicina — além das medidas de apropriação de estabelecimentos, já mencionadas, e da organiza-

traram dois professores estrangeiros, do *Collegio de Nobres*: Miguel Franzini e Miguel Antonio Ciera, e os professores portuguezes José Monteiro da Rocha e, pouco depois, José Anastacio da Cunha. A faculdade de Philosophia — que envolveu uma grande parte do antigo ensino d'Artes, excedendo-o tanto, todavia, que bem pôde dizer-se ter sido tambem creada de novo — começou os seus trabalhos apenas com dois lentes: o italiano



FRONTARIA DO LABORATORIO CHIMICO

ção do curso preparatorio, estabelecido no *Estatuto* — procedeu logo o Marquês, como para as outras faculdades, á apresentação dos lentes a substituir, e á gradação e nomeação dos novos professores. Compozeram esta faculdade os seguintes: Simão Goold, Antonio José Pereira, Luiz Cichi, José Francisco Leal, Dr. Manuel Antonio Sobral, Dr. Antonio José Francisco d'Aguiar e José Correia Picanço. As aulas do novo curso medico só pudéram abrir a 23 de novembro. Para a nova faculdade de Mathematica, creada com cinco cadeiras, e cujos ouvintes foram divididos nas três classes de *ordinarios*, *obrigados* e *voluntarios* (existentes até á reforma de 1901, que extinguiu a dos *obrigados*) en-

Domingos Vandelli — conhecido tambem e sobretudo pela sua intervenção no desenvolvimento da industria ceramica de Coímbra, e que ensinava a Historia Natural e a Chimica — e Antonio Soares Barbosa, mestre de Philosophia racional, cujas disciplinas, como pertencentes á antiga faculdade de Artes, se ficaram a lêr na recente faculdade onde, passado pouco, entrava, professor de Physica, João A. Dellabela. Em 1791, 19 annos depois da reforma, soffreria a faculdade de Philosophia uma salutar modificação.

A cadeira de Philosophia racional passava para o curso preparatorio do Collegio das Artes e Humanidades (mandado já incorporar novamente na Universi-

dade, em 16 de outubro de 1772), e era substituída pela de Botanica e Agricultura — confiada então, com a direcção do Jardim Botânico, ao celebre naturalista Felix de Avellar Brotero, cuja estatua, devida a Soares dos Reis, se ergue actual-



PASCHOAL JOSÉ DE MELLO FREIRE

mente em frente á entrada nobre do Jardim.

Como o da faculdade de philosophia, os quadros das differentes faculdades viam a soffrer modificações, mais ou menos, depois da reforma pombalina. Não posso seguir a evolução miúda dos estudos universitarios a ponto de ir dando conta de todas essas alterações. Bastará indicar, a traços geraes, as reformas mais importantes, e os nomes de alguns professores que, pelo valor proprio, ou pela

circumstancia de pertencerem a períodos de iniciação ou transformação — deviam fixar-se como para balizarem o caminho a percorrer.

Póde dizer-se que as medidas adoptadas pelo governo de D. Maria I, em relação á Universidade, não contrariaram, antes favoreceram o desenvolvimento do ensino. Deveu-se isto: á qualidade dos professores, á firmeza do plano executado pelo Marquês, e tambem, em grande parte, á dedicação de D. Francisco de Lemos, cuja dissertação sobre a Universidade e reforma pombalina concorreu para salvar a obra do ministro caído. Não deixa, comtudo, de ser curiosa e instructiva a leitura das criticas fundamentadas de Brotero á obra capital de D. Francisco de Lemos: a construcção do Jardim Botânico — grandioso e nobre todavia. Já citámos Brotero, na faculdade de Philosophia — que em 1791 ficou composta das cadeiras de Botanica e Agricultura, Zoologia e Mineralogia, Physica, Chimica e Metallurgia. Já tambem alludi ás viagens de

instrucção, promovidas pela Universidade no campo das sciencias mathematicas, physicas e naturaes. Sob a direcção de Monteiro da Rocha, os estudos mathematicos entravam em actividade, e progredia a organização do Observatorio astronomico. Era, realmente, nas duas faculdades recentes que se manifestava mais vida, apesar de ser creada na Medicina, em 1783, uma nova cadeira, para o ensino da Therapeutica, e de ser, em 1784, augmentado o quadro da de Theo-

logia. Na de Leis — só mais tarde, em 1805, viria a dar-se reorganização notável, creando-se então duas cadeiras para o ensino de Direito patrio, segundo as vistas do grande jurisconsulto Paschoal José de Mello Freire.

No que não vemos melhoramento nem progresso — é nos costumes e nos sentimentos da época. A reforma pombalina, nos estudos, como no mais, representára antes um producto genial do espirito abstractamente constructivo do tempo, uma intervenção exterior, uma justaposição de elementos de civilização, do

que o resultado e effeito da vida e das condições historicas do país. Foi, nas suas linhas geometricas, e na rigidez das suas peças, antes uma fôrma imposta á substancia viva e complexa duma nação, do que uma producção organica, um fructo, uma resultante da existencia nacional, vinda do fundo, de raiz.

Por isso, util e fecunda na parte intellectual — o que já foi muito — não produziu no mundo dos sentimentos, e nos costumes da nação, tão largo effeito rejuvenescedor e moralizador. Tambem, não era facil, estando o país como estava.

(*Continúa*)

MANOEL DA SILVA GAYO.



ESTATUA DE BROTERO—ENTRADA DO JARDIM BOTANICO

# Os Serões dos Bébés



A PRINCEZA QUE

NÃO PODIA RIR

**H**AVIA em certo paiz e em tempos que já vão muito longe um rei e uma rainha, que a toda a hora pediam a Deus que lhes dêsse um herdeiro. Afinal viram satisfeito o seu desejo, porque lhes nasceu uma filha linda como os amores.

O rei tornou-se ainda mais amigo da mulher, e a rainha, que era muito bonita, caritativa, e cuidadosa pelo governo da sua casa, maior afeição ganhou ao marido.

Era bom homem o rei, apesar do seu costume de pregar peças a toda a gente.

A rainha ninguém podia apontar um unico defeito, porquanto defeito não podia chamar-se o que tinha costume de estar sempre a dizer anexins.

No dia do baptisado da princeza, a quem deram o nome de Violeta, houve no paço um grande banquete, para que foram convidadas todas as pessoas mais importantes do reino. Uma d'ellas era a fada Gulosía, que se tinha offerecido para madrinha da princeza, o que o rei e a rainha acceitaram logo, porque a fada era muito poderosa e ninguém a queria para inimiga.

— Sabes o que eu pediria de boa vontade á nossa futura comadre? — perguntou o rei á rainha — Que fôsse mênos emproada. Bem sei que não é d'ella só a culpa, mas tambem da sua disforme gordura, que nem a deixa curvar-se. Mas para que come ella tanto?... Verás que logo, ao jantar, não deixa de servir-se duas e tres vezes de todos os pratos.

Ao que a rainha respondeu:

— Se come muito, é porque tem vontade e porque é rica. Não é d'aquella que póde dizer-se: «Quem come sem conta, vive sem honra.»

— Mas hoje á minha custa é que ella vae comer. Ora espera! Lembrei-me agora de uma coisa, que nos vae divertir immenso.

E como visse o marido rir ás gargalhadas, a rainha pediu-lhe:

— Pelo amor de Deus não digas a Gulosía qualquer coisa que a faça desconfiar! Bem sabes que «Amigo anojado é inimigo dobrado» e que «Mais fere a má palavra, que a espada afiada».

— Basta de ditados — tornou o rei. — Verás que é uma brincadeira innocente. Mas a rainha replicou:

— Mesmo assim o melhor é não a fazeres. Gulosía póde muito e «Com teu amo não jogues as peras»....

Mas o rei desprezou o conselho, e, enquanto a mulher se preparava para a festa, foi fazer certas recommendações aos creados e cozinheiros.

Até que foram para a mesa correu tudo sem novidade, o que socegou o espirito da rainha.

Era a mais rica que dar-se pode a sala do banquete. A baixella de prata cinzelada estava disposta na grande mesa e pelos aparadores e luzia muito a par dos crystaes e das porcelanas.

Gulosía quando viu os doces, que na sua frente formavam um gracioso castello, sentiu crescer a agua na bocca, e, ainda mais, quando os lacaios, de ricas librés agaloadas de prata e oiro, serviram a sopa de azas de moscas. Devia estar excellente, pelo bello perfume que exhalava!

Mas apenas levou á bocca a primeira colhér, a fada fez uma careta medonha, e teria cuspidado para o prato, se não receiasse faltar ás regras da civilidade. Voltou-se para o ministro da guerra, que estava á sua direita, e que tambem passava por ser grande apreciador de bons petiscos, e disse-lhe baixo:

— Oh! Que pessimo gosto o d'esta sopa! Não acha, general?

— Ora essa! Parece-me excellente, pelo contrario!—respondeu o velho militar, limpando ao guardanapo o farto bigode. — Veja! Não deixei nada no prato.

Serviram-se depois uns pasteis de gafanhotos, muito aloirados e tão encantadores para a vista, como o promettiam ser para o paladar.

Querendo desferrar-se da sopa, Gulosía tirou sete pasteis. O general acabava de servir-se da mesma iguaria e tambem de vespas recheadas — acepipe em que primava o chefe das cozinhas reaes.

— Devem estar divinos estes pasteis! — disse a fada ao ministro. Ao que este respondeu, ao mesmo tempo que engolia a primeira garfada:

— Hum! Devem, sim! Hum! Hum! Pois estão!...

Gulosía empunhou tambem o garfo, mas soltou immediatamente um grito de espanto e indignação.

O prato já não estava deante d'ella! Tinha-lh'o tirado um dos lacaios.

Ia chamal-o e recommendar-lhe que fosse menos apressado para a outra vez, quando, por acaso, fitou os olhos na cara do rei.

Sua Magestade estava perdido de riso e mirava-a de revez.

Gulosía percebeu tudo. O mau gosto da sopa e a pirraça do lacaios, era tudo obra do rei. Furiosa, com a physionomia transtornada, pôz-se em pé com certa difficuldade e disse em voz muito forte e meio enrouquecida pela colera:

— Vejo que Vossa Magestade quer divertir os seus convidados á minha custa! Saiba que sou muito grossa para palito, e que é perigosissimo escarnecer da fada Gulosía!

E dirigindo-se aos outros convivas, protestou:

— Ficae todos sabendo que para compensar a excessiva alegria do genio de seu pae, a princeza Violeta nunca se ha de rir, ou, quando muito, o seu riso será tão silencioso como as aguas, que hoje correm com jovial sussurro por todo esse reino, mas que d'ora ávante, convertidas em gelo, ficarão sem movimento. Affirmo-vos que todos vós lamentareis sinceramente que se tenha feito escarneio da fada Gulosía!

O rei disse, muito pressuroso:

— Foi uma brincadeira! Uma simples brincadeira! Eu podia lá ter intenção de offender-vos!...

A fada sorriu-se maliciosamente e respondeu, apontando para os crystaes que estavam sobre a mesa:

— Pois vêde todos se tambem é brincadeira o que eu acabo de annunciar.

E, mal tinha proferido estas palavras, desapareceu como por encanto, o que aliás não espantou ninguem, por ser este o costume das fadas, tanto ao irem-se embora, como no instante de apparecerem aos miseros mortaes.

Espanto verdadeiro, e até pavor, sentiram todos os circumstantes quando, ao olharem para a mesa, viram que, apesar de estar um bello dia de verão, todo o liquido contido nos copos e garrafas se tinha tornado em solidas massas de gêlo.

A rainha, toda a tremer de frio e de medo, disse baixinho:

—«Vento e ventura pouco dura!»

\*  
\*   \*

Passaram annos, mas as desgraças do reino é que não passaram, e foram sendo pelo contrario, cada vez maiores.

Decididamente a fada Gulosía queria mostrar que as suas promessas se cumpriam á risca.

Coberto de gêlo, o campo nada podia produzir. Esgotado o dinheiro que todos tinham economisado, já nada se podia mandar vir dos outros paizes, para a alimentação dos infelizes subditos do rei, que se tinha rido á custa da fada.

Todos se affligiam, menos as creanças. Essas, coitadas, levavam os dias a fazer bolas de neve, para atirarem umas ás outras, no meio de grande galhofa, ou a patinar sobre o gêlo.

A princeza Violeta, durante aquelle tempo, tinha crescido, e de bonita creança tornara-se uma linda rapariga.

Quando a princeza fez dezeseite annos, o rei mandou deitar um bando, em que promettia uma grande recompensa a todo o homem, mulher ou creança, que fosse capaz de livrar o reino d'aquella calamidade. Ora, n'uma nação proxima, havia um principe chamado Jacintho, que era filho do rei d'esse paiz, e que tinha ficado perdido de amores pela princeza Violeta, logo que a vira n'um baile do paço. Soube do bando e montou a cavallo, vindo apresentar-se ao pae de Violeta, para lhe participar que ia fazer o possivel afim de que a princeza se risse e acabassem tantos males.

O rei, que já não fazia brincadeiras, abanou a cabeça e deu ordem para que



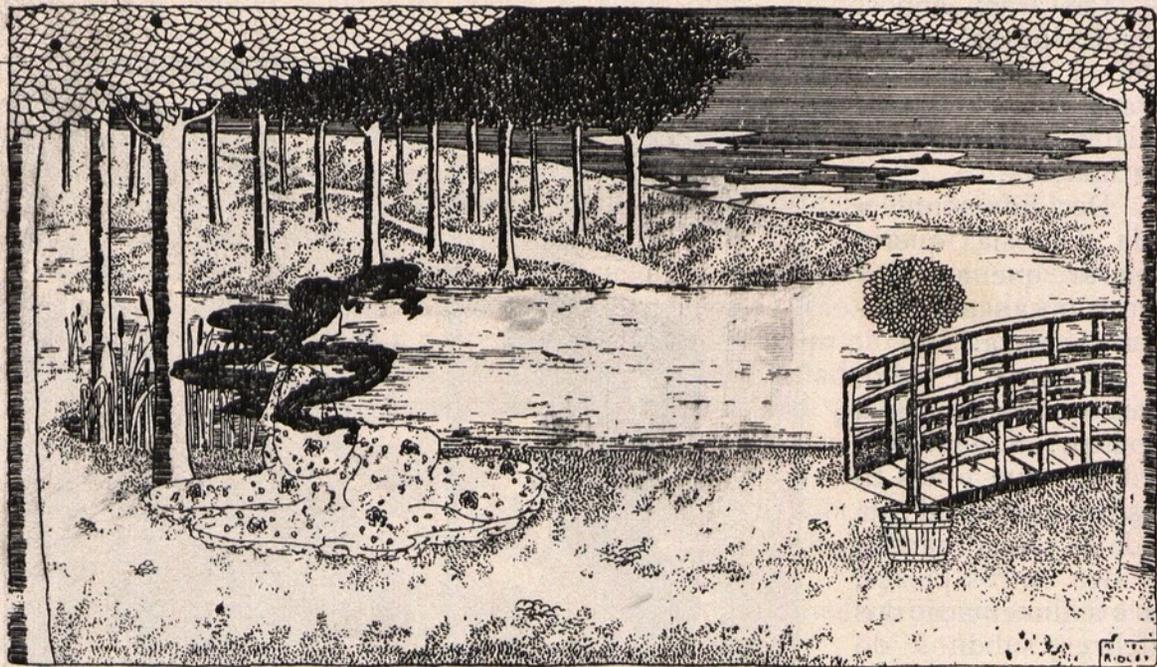
O PRINCEPE JACINTHO MONTOU A CAVALLO, VINDO APRESENTAR-SE AO REI

o príncipe fosse levado á presença da princeza Violeta, dizendo-lhe antes que não tinha a menor esperança no bom resultado.

Ao que o príncipe redarguiu promptamente:

— Se eu fôr bem succedido, Vossa Magestade concede-me a mão de sua filha?

O rei disse que sim, e o príncipe foi ter com a princeza e achou-a no meio



ENCONTROU VIOLETA SÓ SINHA NO JARDIM, COM UM VESTIDO BRANCO SEMEADO DE ROSAS

de uma chusma de pretendentes, porfiando todos elles no empenho de a fazer sorrir.

D'ali a pouco a princeza Violeta preferia aos mais o príncipe Jacintho, por causa dos cabellos castanhos annellados e dos grandes olhos azues do namorado, e do sorriso insinuante que lhe via no rosto. Ainda assim elle não conseguiu despertar-lhe o riso.

\*  
\* \* \*

Uma noite o príncipe poz em pratica um plano audacioso. Esteve á espera da meia noite, e caminhou direito a um logar a que o povo chamava a Clareira Magica. Apenas lá chegou, fez tres medidas á lua, que ia muito alta no céo, deu dois assobios fortes e prolongados, e bradou:

— Sábia e generosa fada Gulosía, acudi-me! Acudi-me!

Como não obteve resposta, repetiu outra vez os assobios e as palavras, e logo ouviu, por entre as arvores, um ligeiro sussurro e viu apparecer Gulosía, que vinha descendo no meio de uma enorme flor de magnolia, transportada por dois moscardos, tambem de tamanho descommunal.

Estava de muito bom humor, porque tinha acabado de comer uma bella ceia-sinha: tres corujas de fricassé, dois pratos de caldeirada de morcegos, e outros tantos de *purée* de borboletas. Perguntou com brandura a Jacintho:

— O que te afflige? Como nunca me fizeste zangar, estou prompta a valer-te. E o príncipe respondeu:

— Estou apaixonado pela princeza Violeta, e desejo ardentemente fazer com que ella se ria, para assim quebrar o feitiço que armastes ao reino do pae d'ella. Não me quereis ajudar?

Gulosia pensou um momento.

— Hum!... Deixa ver se me lembro... Ah! Sim! Agora me recordo do castigo que lhe dei. Bom! Sei de dois remedios, que podem curar o mal. Levalhe amanhã estas flores. Se Violeta se rir quando lhes aspirar o perfume, está satisfeito o teu desejo. No caso contrario, procura-me de novo amanhã á noite.

Ao dizer estas palavras entregou ao principe um lindo ramo de cravos, e desapareceu de repente conforme o seu costume.

Cheio de esperança, Jacintho offereceu o ramo a Violeta, na manhã seguinte.

— São lindissimas estas flôres — disse ella — e fazem-me uma singular impressão, quando as cheiro.

— Descreve-me a impressão que é — pediu Jacintho.

— Não a posso explicar. Agora já passou. Mas emquanto a senti, pareceu-me muito agradável.

Horas depois o principe voltou á Clareira Magica, e ao bater da meia noite appareceu-lhe a fada e disse, tendo-lhe ouvido a queixa:

— Já que as flôres falharam, vae empregar-se o outro remedio.

— Qual? — perguntou o principe.

— É segredo — respondeu Gulosia. — Não me perguntes nada e vae ter com a princeza amanhã cedo. Agora, curva-te.

O principe obedeceu e Gulosia foi dizendo certas palavras magicas, e fazendo passes no ar com uma varinha que tinha na mão.

Quando elle endireitou o corpo, a fada tinha já desaparecido.

\*  
\*   \*  
\*

Na manhã seguinte o principe encaminhou-se para o palacio. Encontrou Violeta sósinha no jardim, parecendo mais linda que nunca, com um vestido branco semeado de rosas.

— Vindes hoje muito cedo — disse ella.

E Jacintho respondeu logo:

— Póde menos de uma fada  
A varinha de condão,  
Que os teus olhos, minha amada,  
N'este meigo coração.

Violeta, ouvindo o principe discursar tão poeticamente, sentiu vontade de rir. Jacintho continuou a dizer:

— Se por ser p'ra ti meu canto,  
Encanto eu sinto e prazer,  
De fazer versos me espanto,  
Pois nunca os soube fazer.

— Se realmente me tendes amor — disse Violeta — deixae de falar d'esse modo e mostrae-vos meigo e simples como d'antes.

O pobre principe ficou pensativo durante alguns momentos, e afinal replicou:

Se não te agrado fico em dôr immerso...

Tornou a calar-se, como se estivesse lutando comsigo mesmo, e resmungou afinal:

Mas contigo, por força hei de falar em verso.

Houve de repente uma gargalhada imitante ao som de campainhas de crystal que tocassem todas ao mesmo tempo. O principe levantou os olhos e viu a princeza a rir tanto, que as lagrimas lhe corriam a quatro e quatro pelas faces.

— Estás curada, Violeta! — exclamou elle, muito contente. — Ah! E eu, graças a Deus, já posso falar como todos falam!

— Oh! Nem tu imaginas a graça que tinhas, falando como os poetas! — observou-lhe a princeza, a quem não passára ainda o ataque de riso. — Vamos! Dize mais alguns versos!

Jacinto respondeu que não, com a cabeça. Acabava de saber que tinha sido poeta por obra de Gulosía, e que desde que Violeta desatara a rir estava quebrado o encanto, e podia consideral-a como sua noiva.

N'esta occasião appareceu o rei, sem quasi poder tomar a respiração, tão depressa tinha vindo. Perguntou, muito admirado:

— Pois é crível que minha filha já possa rir? Como foi isto? O gêlo começa a derreter-se por toda a parte, e o povo, cheio de enthusiasmo, prepara grandes festejos.

O principe Jacinto avançou alguns passos e disse, pegando na mão de Violeta:

— Sim, meu senhor, já se quebrou o encanto de que era victima a princeza. Posso reclamar a promettida recompensa?

O rei respondeu, muito commovido:

— Eu vos abenço, meus queridos filhos. Principe, nunca poderei pagar-vos a minha divida de gratidão. Vou dar immediatamente ordem para os preparativos do noivado.

Violeta olhou para Jacinto, e, com um sorriso a brincar-lhe nos labios, segredou ao rei:

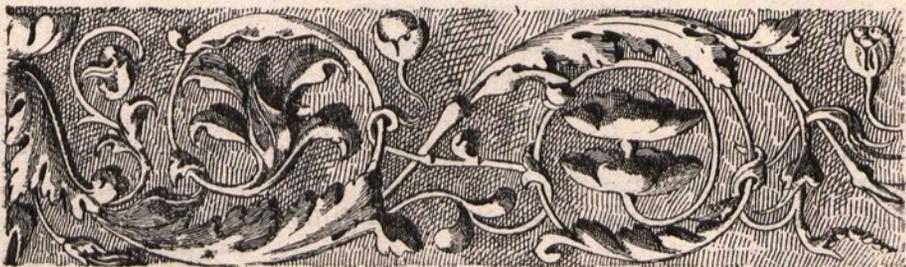
— Que pena, meu pae, que não o ouvisse falar em verso!

\*  
\* \* \*

Quando a rainha soube de tão boas noticias, disse logo:

— «Não ha bem que sempre dure, nem mal que sempre ature!»

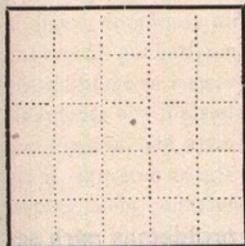
(Imitado do inglez de Hilda Hamond-Spencer)





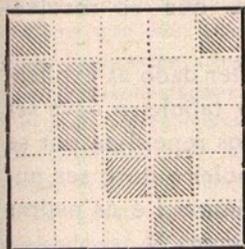
Continuamos a recomendar esta secção ao interesse dos nossos leitores, pedindo-lhes que a enriqueçam com problemas de varia especie, comtanto que sejam originaes e engenhosos. E ao mesmo tempo agradecemos aos que até hoje tem contribuido para o desenvolvimento do «Quebra-cabeças».

### AS SOMMAS DESCONHECIDAS



Collocar cinco numeros em cada columna, sommal-os depois horizontal e verticalmente (de forma, que para sommar, o mesmo numero não esteja repetido) dando depois de sommados o mesmo total para os quatro lados.

1



Depois, collocar o quadrado n.º 2 sobre o n.º 1 de maneira que os numeros que ficarem á vista, isto é nas partes que não estão riscadas deem o mesmo total na somma (o total são 9) horizontal e verticalmente.

2

IGNACIO CARVALHO.

### MEDIÇÃO DO LEITE

Ha dias apparece-me o leiteiro, trazendo n'uma vasilha 8 decilitros de leite. Eu não precisava senão de 4; mas o patusco do leiteiro não tinha comsigo senão uma medida de meio litro, ao passo que eu dispunha de um copo que contem exactamente 3 decilitros. Como se havia de fazer esta complicada medição? Tanto scismei, que atinei. Digam lá os leitores o que fiz.

### EXERCICIO DE PRONUNCIA

Um excellente exercicio de pronuncia, para quem aprende francez, é a seguinte phrase:

«Si six scies scient six cigares, six cent six scies scient six cent six cigares.»

### QUANTO TEMPO LEVA?

Um sujeito cauteloso põe todos os annos ao canto da gaveta uma quantia, que de anno para anno augmenta 10\$000 réis. Assim, ao cabo de um certo prazo, as suas economias estavam elevadas á somma de 3:000\$000 réis. No ultimo anno d'este periodo, a quantia posta em reserva foi 245\$000 réis. Qual foi a quantia com que principiou, e quantos annos levou a accumular aquelle capital?

### PERGUNTAS DE ALGIBEIRA

Quando se abre a porta aberta  
Quando a Bertha bate á porta.

Quando se abre a casa?  
Quando o Seabra encontrar noiva.

Quem de vinte cinco tira, quantos ficam?  
Ficam quinze.

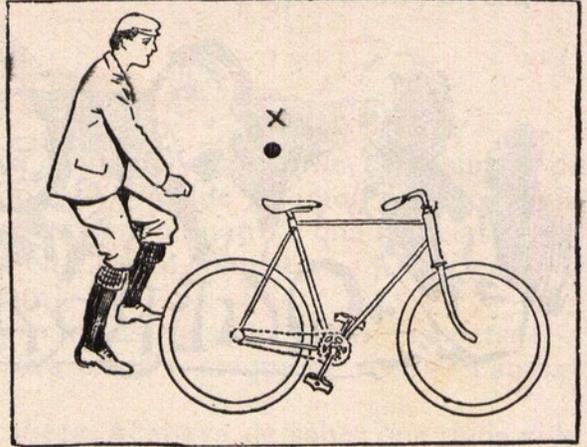
### PERGUNTAS SEM RESPOSTA

Um cego pôde ser obrigado a pagar uma letra á vista?

As raizes das palavras poderão produzir flores de rhetorica?

Um cantor desafinado poderá ser preso por fabricar notas falsas?

Diz um conhecido aphorismo que não ha nada certo. Mas então se não ha nada certo, como pôde ser certo não haver nada certo?



*A' pilula e á cruz dirige a vista,  
Pucha o papel p'ra ti. com lentidão,  
Verás saltar na machina o cyclista  
E a pilula engulir o fradalhão.*



## Jogo de damas

FOR JOSÉ SYDER

**Explicações:**—Convidados pelos novos editores d'esta utilissima publicação, *Serões*, para continuar dirigindo esta secção, aceitamos o convite, pela amizade que nos liga a um d'elles e ao mesmo tempo pelo ensejo que nos proporciona de continnar a propaganda d'este jogo, que constitue um manancial inexgotavel de distracção, e um passatempo dos melho-res que conhecemos.

Em cada numero dos *Serões* publicaremos

jogos muito interessantes, problemas para serem decifrados pelos nossos leitores, bem como o nome d'aquelles que os resolverem.

Apesar de já em tempo ter dado as explicações sobre a fórmula que o taboleiro deve ser numerado, etc., etc., vamos repetil-as por se tratar de vida nova: O taboleiro deve ser numerado conforme o diagramma I e as pedras collocam-se como o diagramma II.

*Diagramma I*

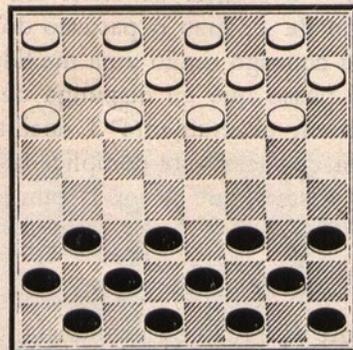
BRANCAS

4	3	2	1
8	7	6	5
12	11	10	9
16	15	14	13
20	19	18	17
24	23	22	21
28	27	26	25
32	31	30	29

PRETAS

*Diagramma II*

BRANCAS



PRETAS



## Grandes topicos

O PRESIDENTE  
LOUBET  
EM LISBOA

**M**r. Emile Loubet, que honrou Portugal com a sua visita, é o verdadeiro exemplo do

cidadão de um povo, que deve á democracia toda a sua força e prosperidade. Modesto e simples, dotado de um intenso patriotismo, elle guindou-se successivamente aos mais altos logares, até attingir a suprema magistratura, pela confiança que a sua intelligencia, o seu character, a sua fé nos principios democraticos e o seu bom senso inspiravam a todos os seus concidadãos. Chegado á presidencia da Republica não se deslumbrou nem embriagou com os seus esplendores; conservou inalteraveis a sinceridade, a modestia, o criterio seguro e firme.

Mr. Loubet, grande cidadão, é um chefe de familia exemplarissimo, que fez do seu lar o altar sagrado onde se queimam incensos á virtude. Nas suas visitas a Montelimar, onde tão modestamente vivia sua mãe, mostrou elle quanto o amor filial vicejava dentro do seu coração. Como pae nenhum outro terá ensinado melhor a seus filhos o respeito pelos concidadãos e o culto da sua patria.

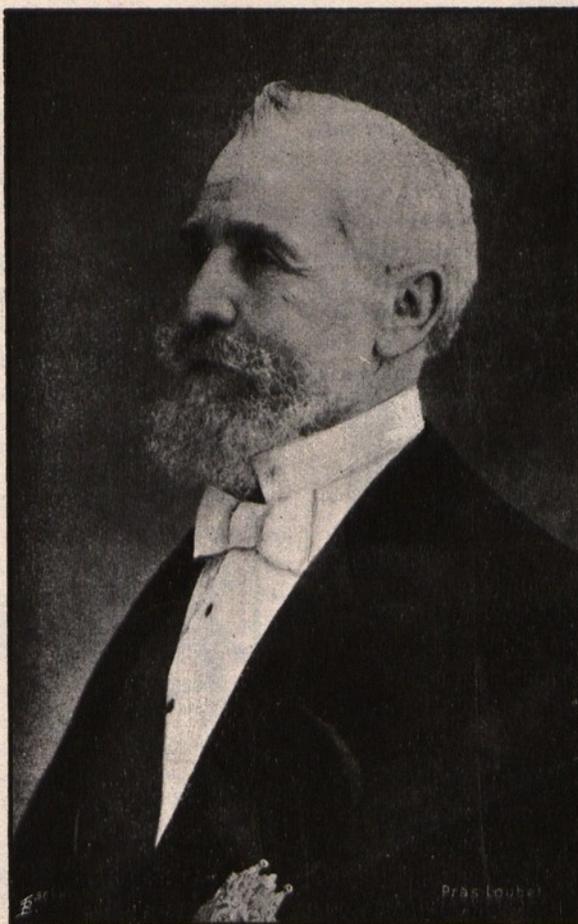
O consulado de Mr. Loubet ficará na historia da França como um periodo excepcionalmente bene-

fico para a sua tranquillidade interna, para a consolidação das suas forças, e para o robustecimento do seu poderio exterior. Conseguido este triunfo, e em

vez de aspirar ao prolongamento da presidencia, em que tanto se tem nobilitado, elle só deseja agora voltar ás tranquillias relações com os seus patricios da humilde communa de Montelimar, e ali acabar sereno os dias da sua prestimosa existencia.

Para nós, portuguezes, o facto mais importante da politica internacional no presente mez, é sem duvida a visita feita pelo Presidente da grande Republica latina á nossa capital.

Lisboa, honrada com a presença recente de tantos chefes de Estado, preparou-se para receber condignamente este novo e illustre visitante. D'esta vez, mais porventura do que por occasião da vinda de Eduardo VII, o coração do povo vibrou sinceramente em harmonia com os festejos officaes.



MR. EMILE LOUBET, PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

TRATADO ENTRE A INGLATERRA E O JAPÃO

**S**ó agora, *post pacem*, é que se tornou conhecido o texto do tratado assignado entre a Inglaterra e o Japão, durante a lucta que esta ultima nação sustentou com a Russia. A anciedade da Europa,

que tanto se sobressaltara com a noticia de que um novo convenio anglo-japonês confirmava e ampliava o antigo, está satisfeita. O texto foi publicado por inteiro, e não envolve clausulas secretas.

Por esse tratado, estabelece-se a conciliação e a



LESTE E OESTE

Caricatura extrahida do «Melbourne Punch».

JOHN BULL — Entre os dois guardaremos de futuro a liberdade dos mares.

A AGUIA AMERICANA — E se precisam de mim, cá estou eu!

manutenção da paz geral nas regiões da Asia Oriental e da India; a manutenção dos interesses communs de todas as potencias na China, assegurando a independencia e a integridade do Celeste Imperio, e o principio da egualdade ali para o commercio e para a industria de todas as nações; a manutenção dos direitos territoriaes das altas partes contratantes nas regiões da Asia Central e da India, e a defesa dos seus interesses especiaes nas mesmas regiões.

As duas potencias compromettem-se a mutuo auxilio armado no caso de uma d'ellas ser atacada, sem provocação, por outra potencia.

Um dos artigos do tratado reconhece nos termos os mais claros a situação predominante que o Japão occupa neste momento e deve d'ora ávante occupar na Coréa, assim como o direito que tem o Japão de ali tomar todas as medidas necessarias para a protecção dos seus interesses politicos, militares e economicos.

A INSURREIÇÃO  
EM BAKU

A cidade de Baku foi ha pouco theatro de uma formidavel insurreição dos tartaros do Caucaso. Estes aproveitaram a ausencia das tropas que tinham partido para a guerra com o Japão, ou para alguns pontos sublevados do interior, e deram livre curso aos seus terriveis odios de raça, seculares e irreductiveis. O tartaro é mahometano fiel, e o culto pela sua crença attinge o fanatismo. Estabeleceu-se no Caucaso pelo acaso das emigrações, mas conservou sempre a sua lingua, as suas idéas religiosas e o seu odio. Ora, o maior rancor que o tartaro tem é ao christão, quer este seja orthodoxo ou catholico romano. As margens do Caspio contam cerca de 1.400:000 in-

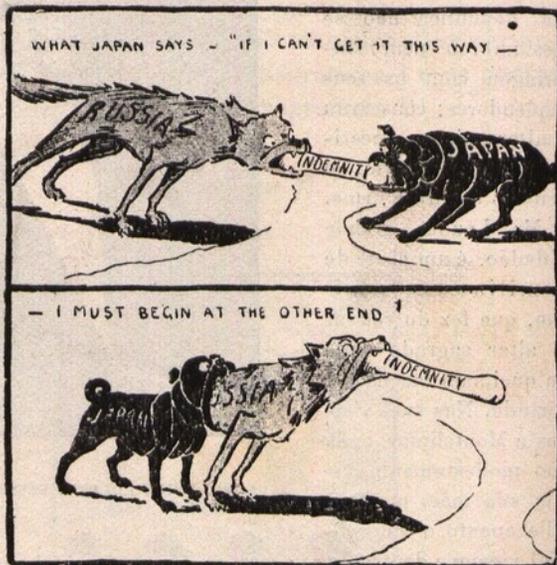
dividuos d'esta raça, muito intelligentes e trabalhadores, tendo conseguido intrometter-se em toda a industria local, quando o desenvolvimento da producção da naphta modificou as condições economicas do paiz. A este tempo emigraram para as margens do Mar Negro muitos armenios que fugiam ao dominio turco, e as agencias de trabalho collocavam-nos em Tiflis e Baku. Os armenios tinham qualidades de trabalho e sobriedade que a breve trecho ameaçavam a supremacia dos tartaros, e assim começou a lucta de interesses que depois foi confundida com a lucta religiosa. O governo russo mandou fechar as egrejas armenias onde se propagava o odio contra os tartaros; mas quando quiz que se fechassem tambem as mesquitas dos tartaros, estes revoltaram-se.

A matança entre tartaros e armenios, os bairros saqueados e incendiados, os prestitos dos revoltosos armados até aos dentes e desfraldando bandeiras embebidas no sangue dos assassinados, são espectaculo de pavor que não se descreve facilmente.

OS TERREMOTOS  
NA CALABRIA

A A immensa catastrophe da Calabria, de que já são conhecidos todos os horriveis pormenores, produziu em todo o mundo uma impressão dolorosissima. Situada na extremidade sul da Italia, envolvida pelos vulcões Etna, Stromboli e Vezuvio, a Calabria é tambem de origem vulcanica. Desde 1700 a 1783 deram-se ali 25 convulsões terrestres. As de 1755 produziram em toda a costa abalos formidaveis, que antecederam, acompanharam e se seguiram ao violentissimo terremoto que no dia 1 de Novembro destruiu a cidade de Lisboa. As de 1783 causaram 30:000 victimas, e destruíram completamente as mais importantes povoações d'aquella região

Como em quasi todos os terremotos, os movimen-



ALTERNATIVA DESAGRADAVEL

Caricatura extrahida de «Daily Mirror».

— O que diz o Japão: — Se eu não puder apanhar por este lado o osso da indemnidade, tenho de começar pelo outro extremo.



A FRANÇA, A INGLATERRA E A ALLEMANHA

A FRANÇA — *Olhem que me quebram os ovos!*  
 Caricatura extrahida de «La Silhouette».

tos sísmicos na recente catastrophe estenderam-se a enormes distancias e foram notados em todos os observatorios da Italia, fenomenos que já anteriormente eram observados por vezes, e referidos á mesma causa que determinou o terremoto e as ultimas erupções do Stromboli e do Vezuio. O centro do movimento ondulatorio foi a cidade de Monteleone, na costa calabrésa fronteira á Ilha de Stromboli, cujo vulcão se acha em plena actividade, obrigando os habitantes da ilha a refugiarem-se no archipelago Eolio ou Lipari. Das provincias de Reggio e Catanzaro nenhuma povoação ficou inteira e, em muitas, não resta de pé uma casa. San Procopio, quasi destruido em 1894, e já reconstruido, foi outra vez arrazado. Villas e aldeias foram reduzidas a montões de escombros, que as tropas italianas, com um ardor e uma abnegação inegalaveis, revolveram febrilmente em busca dos mortos e feridos. E tantos foram os mortos e os feridos, que só ao fim de muitos dias de buscas e diligencias, se poude estabelecer a pavorosa estatistica.

Os rios mudaram de curso, o solo rachou, fendeu-se, estalou, os sinos tocaram a rebate tangidos por mãos invisiveis, a multidão, ululante, vagueiou pelas campinas, semi-nua, esfomeada, gritando por misericordia!

MORTE  
 DO EXPLORADOR  
 BRAZZA

**F**ALLECEU no Senegal Pedro Savorgnan de Brazza, o celebre explorador italiano naturalizado francês. A primeira exploração comprehendida por Brazza foi a do alto Ogoué, subindo o rio até 688 kilometros da costa e alcançando as nascentes do

Alima; constringido porém pela hostilidade dos indigenas, proseguiu para o norte e veiu a descobrir o Licona. No alto do Ogoué estabeleceu uma estação scientifica e hospitaleira, denominada Franceville, que serviu de ponto de apoio para abrir a via do



O EXPLORADOR BRAZZA

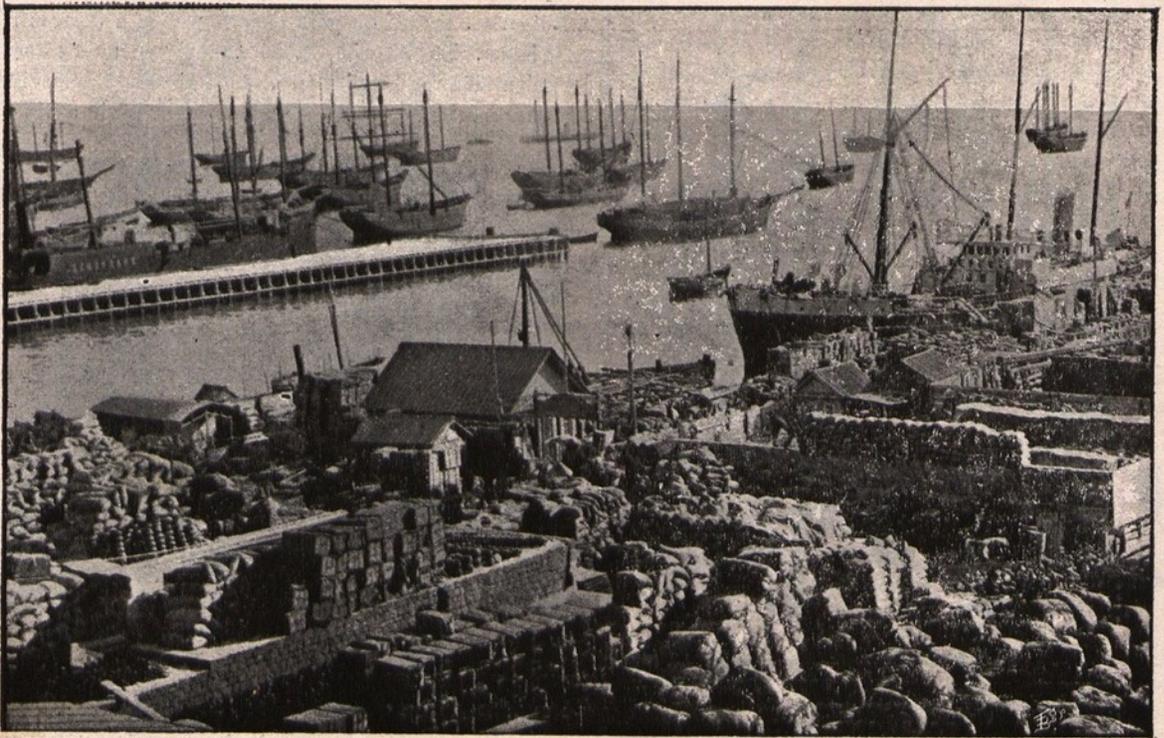
Congo; outra estação identica, denominada Brazzaville, e estabelecida no proprio Congo, facilitou a acção civilisadora da França naquellas paragens.

Brazza concluiu com o Rei Makoko um tratado pelo qual este ultimo punha os seus estados sob a protecção da França, e concedia o local para o estabelecimento de uma aldeia, que foi centro de toda uma formidavel rede de vias commerciaes. Mais tarde abriu definitivamente o caminho desde a costa até



RENOVANDO A MONARCHIA NORUEGUEZA

Caricatura extrahida do «Kladderadatsch»



PORTO DE BAKU

ao Congo, pelo Ogôué, e pelo Alima, estabelecendo uma série de muito importantes estações, completando o estudo do Ogôué, determinando a bacia do Alima, e fomentando intensamente as boas disposições dos indígenas pela França.

O celebre explorador, que foi um defensor integerrimo dos interesses da França no Continente Negro, publicou dois livros notaveis em que ficaram relatadas as suas expedições, e reunidas as suas conferencias e cartas sobre as explorações por elle realisadas no oeste africano.

Incumbido ultimamente de ir fazer uma syndicancia a actos de má administração no Congo, ali falleceu. A sua morte é por uns attribuida a febres, e por ou-

tros a um attentado dos indígenas, que eriam sido instigados pelos administradores que a syndicancia visava.

O COURAÇADO  
JAPONEZ MIKASA

**A**o navio do almirante Togo, illustrado pelas victorias durante a guerra russo-japoneza, reservou o destino, já feita a paz, uma destruição tragica. Por effeito de explosão de um paiol, estando ancorado em Saseho, foi a pique no dia 10 de setembro, com a perda de 600 vidas.

Tinha 15:200 toneladas, e fóra construido nos estaleiros de Barrow, de 1899 a 1902.



CONVIVA INESPERADO

CHINA — Então não ha um lugar para mim, visto ser eu que dou o peru?

A QUESTÃO

SCANDINAVA

**D**EPOIS da tremenda guerra no Extremo Oriente, uma outra esteve imminente mais proximo de nós; guerra fratricida entre duas nações da Peninsula Scandinava, ha um seculo unidas sob o governo de um mesmo monarcha. Os plenipotenciarios da Suecia e da Noruega, reunidos em Karlstad para tratar do divorcio dos dois estados, tiveram dificuldade de entender-se sobre duas condições importantes: o dismantelamento das fortificações da fronteira e o tratado de arbitragem. Felizmente, depois de consultados os respectivos governos, chegou-se a um accordo, e as ameaças bellicas dissiparam-se.

O futuro da Noruega ainda não está definitivamente determinado. Será monarchia? Será republica? E no

primeiro caso qual será o soberano escolhido? Desviada, segundo parece, a hypothese de um príncipe da casa real sueca, vogava a candidatura de um príncipe dinamarquez. Agora, para cimentar a concordia dos dois povos, aventa-se a ideia do príncipe Arthur de Connaught, irmão da princeza real da Suécia.

Seja como fór, façamos votos para que a espada de algum potentado não desça a desatar o nó gordio.

A pequena cidade de Karlstad, onde os delegados estiveram reunidos desde 31 de agosto, tem cerca de 11:000 habitantes e é notavelmente bella e atrahente.

Está situada quasi a meio caminho entre Christiania e Stockolmo sobre o Klar Elf, extendendo-se ao longo das margens do rio no ponto em que este se lança no lago Wener. A conferencia reuniu-se no Palacio dos Maçons, na maior sala que a pequena povoação podia offerecer aos delegados. Cada delegação tinha um presidente, e cada um dos presidentes presidia alternadamente ás sessões.

#### O CONFLICTO AUSTRO HUNGARO

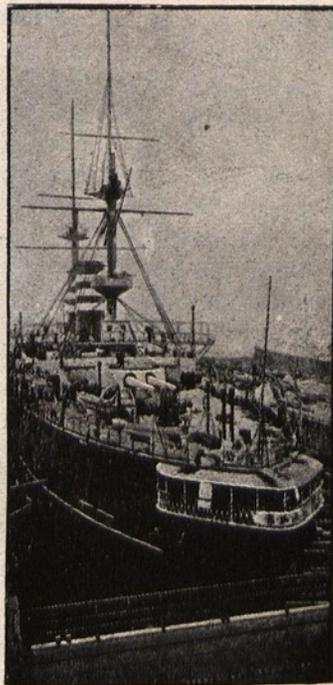
**S**E o conflicto scandinavo está em via de solução pelo desmembramento, outro tanto não succede com a questão austro-hungara, que ha mezes se perpetua e que as circunstancias parecem tornar cada vez menos reductivel.

Como se sabe, a origem do conflicto é, alem de divergencias economicas entre as duas nações unidas sob o mesmo soberano, a reluctancia da Hungria em acceitar no seu exercito as vozes de commando em allemão. Baqueou um ministerio, a coroa appellou para o paiz, a urna deu-lhe uma maioria contraria, ainda debalde tentou governar outro ministerio de

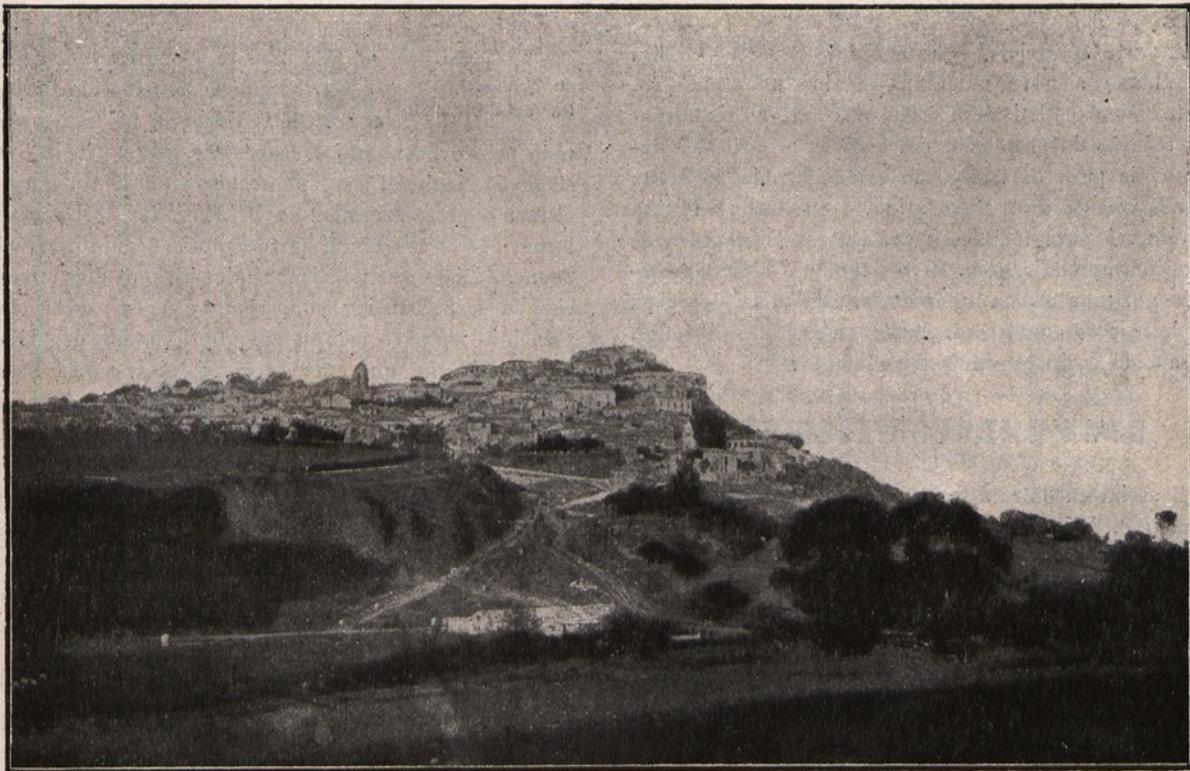
confiança do Imperador-Rei, e a Hungria permanece ainda n'um estado anormal, emquanto os chefes da opposição, os condes Apponyi, Andrassy e Zichy, o barão Banffy e o filho do grande patriota Kossuth, tentam, em repetidas conferencias com o monarcha, chegar a termos de conciliação.

Na conferencia realisada a 23 de setembro, o Rei apresentou um *ultimatum* que foi rejeitado *in limine* pelos representantes da coalisção hungara. A situação creada por esta ruptura é assaz melindrosa. A Hungria, quasi em peso, applaude os seus representantes, ao passo que a maioria dos austriacos dá razão ao Imperador.

Tudo isto leva a receiar que se esteja em vespas de uma dissolução, que não virá talvez a operar-se pela maneira pacifica que notabilizou a scisão da Suécia e da Noruega.

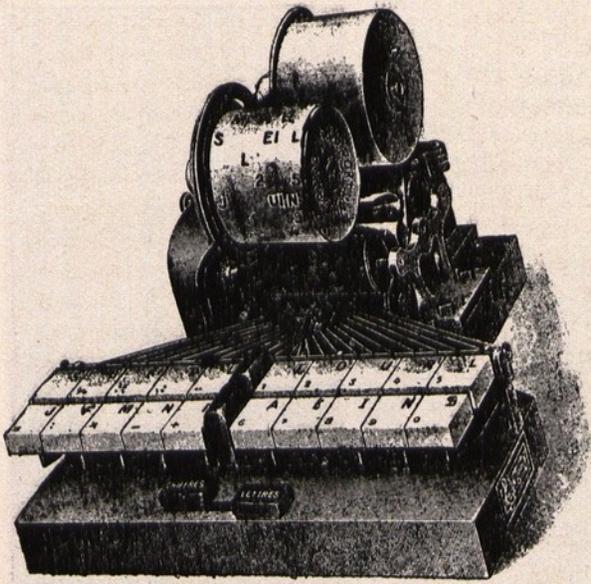


O COURAÇADO MIKASA



MONTELEONE, RESTRUIDA PELO TERRAMOTO — ANTIGA RESIDENCIA DE CICERO

# Vida na sciencia e na industria



ESTENOPHILO BIVORT

NOVA MACHINA  
ESTENOGRAPHICA

A estenographia alcançou ultimamente um importante progresso pela invenção de uma nova machina estenographica. É seu inventor o francês Charles Bivort, director do *Bulletin des Halles*, que apoz pacientes investigações pôde conseguir organizar um alphabeto phonetico que, applicado a uma singelissima machina d'escrever, simplifica assombrosamente a inscripção rapida da linguagem fallada.

A parte essencial do «Estenophilo Bivort» — assim se chama a nova machina — reside no alphabeto. Este não é constituído, como nas antigas tentativas da solução do problema, por signaes proprios e indecifráveis para os leigos em estenographia, mas sim por letras do alphabeto latino, o que torna a leitura decifrável para todos e a prática estenographica de facilima aprendizagem. Bivort tomou o alphabeto latino por uma ordem differente da ordinaria, deprezou as letras de equal som, juntou outras num só signal, formando assim o seguinte alphabeto:

**S J B V E M D N L R H I A O E U I R N L S**

E assim encontram-se reunidos no mesmo signal os sons BP, FV, CGKQ, DT e XZ (ultimo signal). O segundo I é empregado para representar os sons francêses em IO e OI e as ultimas letras L, N, R e S foram repetidas por serem as mais usadas como finaes. Além destes signaes ha ainda os algarismos, os signaes das operações e tres combina-

ções de pontos para significar 100, 1.000 e 1.000.000. Escusado será dizer que o alphabeto como está formado é destinado á inscripção de palavras francêsas; umas levissimas modificações adaptam-no a qualquer outra lingua que use o alphabeto latino.

A machina é constituída por um teclado de vinte teclas sobre cada uma das quaes se desenha uma letra do alphabeto e um algarismo ou um dos outros signaes. Cada tecla, quando premida, põe em movimento uma alavanca que por sua vez vae actuar sobre outra que faz a inscripção n'uma fita de papel que, desenrolando-se dum tambor collocado posteriormente, se vae enrolar novamente num outro apoz feita a inscripção.

As vantagens do *Estenophilo Bivort* residem na grande facilidade da aprendizagem, na admiravel rapidez da inscripção e no completo silencio do funcionamento.

Um principiante, ainda que seja uma creança, depois d'alguns dias d'exercicio, escreve 50 palavras por minuto; em menos de dois meses de pratica attinge-se a velocidade de 125 a 150 palavras por minuto. Uma longa pratica permite attingir um maximo de 300 palavras por minuto, *record* que poucos oradores poderão attingir.

O *Estenophilo Bivort* é, pois, um importante e utilissimo invento.

MARIOTTE

O TRATAMENTO  
DA TUBERCULOSE

No recente Congresso da Tuberculose, reunido em Paris, onde Portugal foi representado pelo dr. Antonio de Lencastre, secretario da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, um dos congressistas, o professor allemão Behring, fez declarações importantes sobre um novo tratamento da terrivel doença. Disse que no decurso dos ultimos dois annos chegou a reconhecer com certeza a existencia do principio curativo completamente differente do principio antitoxico que encontrara ha quinze annos. Este novo principio representa a acção immunisadora da vaccina de Behring, que ha poucos annos fez as suas provas para a lueta contra a tuberculose dos bovideos. Trata-se da impregnação de celulas vivas do organismo por substancia proveniente do virus da tu-

S	B	E	D	L	H	I	O	U	R	L
1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	
J	V	M	N	R	A	E	I	N	S	

O ALPHABETO DO ESTENOPHILO

berculose, e que Behring designa por *T. C.* Quando tal substancia se tem tornado parte integrante das células do organismo dos animaes tratados por ella, e é metamorfoseada pela célula designada por *T. C. A.*, dá-se a reacção protectora contra a tuberculose.

Behring explicou ao Congresso quantos obstaculos teve de vencer para chegar a esta concepção da immunidadade das células, querendo transformar a immunisação activa em immunisação passiva. E concluiu exhortando os sabios a verificarem a acção therapeutica do seu remedio, esperando que o proximo Con-



UMA CRENÇA DE 7 ANOS, ESTENOGRAPHANDO  
NO ESTENOPHILO BIVORT  
COM A VELOCIDADE DE 50 PALAVRAS POR MINUTO

gresso da Tuberculose, a reunir em 1908 nos Estados Unidos da America, terá a registar consideraveis progressos realisados.

CANAES  
DE MARTE

**Q**UEM não conhece a velha questão dos canaes de Marte? Como se sabe, muitos e illustres astrónomos assignalam na topographia marciana determinados accidentes com a forma de linhas que por toda a parte sulcam a superficie do planeta. Mas outros astrónomos, como Lane, Ledger e Waiss, têm querido sustentar que taes canaes são puramente subjectivos ou puras illusões que não correspondem a uma realidade existente em Marte. Assim se tem vindo debatendo esta questão, desde ha muito tempo, sem se ter chegado a uma prova decisiva que a resolva num ou noutro sentido. Para muitos a realidade dos canaes seria até um verdadeiro escandalo, porque denunciaria a existencia duma outra humanidade

que nos acompanhasse na indefinida peregrinação pelo espaço. Como se fosse dogmatico que a vida seja um patrimonio exclusivo da Terra! Mas que obsta a que Marte, este nosso proximo parente cosmogonico, albergue uma outra humanidade nossa irmã? E, sendo assim, desde que Marte está numa phase hydrologica mais adeantada que a terrestre, porque não hão de ser os canaes um meio duma irrigação methodica e immensa á superficie do planeta? Os obstaculos provenientes da ausencia de rios, da evaporação rapida e da condensação difficil são assim vencidos pelo engenho dos marcianos que nos mostram na sua vasta réde hydraulica a grandiosidade das suas obras e uma industria a que tambem teremos de recorrer no futuro, quando as aguas superficiaes terrestres tiverem baixado em grande parte para a réde subterranea, como o demonstra a moderna sciencia espeleologica. Os canaes de Marte devem, pois, ser como que immensos rios artificiaes por onde corre a flux e segundo as exigencias da vegetação marciana, a benefica agua proveniente do degelo das regiões polares. E devem-no ser porque a sua realidade acaba de ser demonstrada por Lampland e Percival Lowell, illustres astrónomos americanos. Emquanto que Percival Lowell fazia observações visuaes e desenhava o planeta, Lampland photographava-o, havendo completa concordancia entre o desenho e a photographia. Em dezenas de chapas ficaram visiveis muitos dos canaes anteriormente conhecidos. Egualmente deixaram nitidas imagens photographicas alguns mares e as neves do Polo Norte. Se, pois, até agora se podiam attribuir os canaes a um erro de visão, a chapa photographica, que apenas regista o que realmente existe, faz terminar o longo debate e introduz um grande progresso na topographia marciana. Os canaes existem realmente e devem portanto ser a manifestação do grande engenho — engenho impulsionado pela necessidade — dos engenheiros de Marte.

MARIOTTE

OS PROGRESSOS  
DO ESPERANTO

**E'** uma verdade — embora con-  
tradicta pelos que tudo desdenham — que o Esperanto, a maviosa lingua artificial creada pelo dr. Zamenhof, vae conquistando o logar para que foi organizada. Desfazendo prejuizos, vencendo reluctancias, derrubando emfim todos os numerosos obstaculos que a ignorancia conjugada com a má fé lhe tem levantado, o Esperanto cada vez manifesta maior vitalidade. Praticado já por milhares d'adeptos na linguagem fallada e especialmente na escripta, utilizado mesmo em obras litterarias e em algumas dezenas de revistas, umas das quaes scientificas, o Esperanto desde ha muito provara aos seus proprios inimigos quão apto era para constituir a lingua auxiliar da humanidade, ligando assim todos os homens, fallem elles as mais diversas linguas, num terreno neutro onde todos se comprehendam. Mas se a historia do Esperanto, se

a lucta sustentada pelos seus evangelisadores não bastavam ainda para fazer desaparecer atrophiados preconceitos, o Esperanto acaba de fornecer uma



DR. ZAMENHOF, INVENTOR DO ESPERANTO

prova inilludível da sua efficacia para a solução do problema da lingua internacional, prova que responde a todas as objecções com a subjugadora força dos factos. É o primeiro congresso internacional esperantista reunido, de 5 a 10 d'agosto ultimo, em Boulogne sur-Mer (França). O congresso foi aberto sob a presidencia do proprio dr. Zamenhof que pronunciou em Esperanto um discurso cheio de plena confiança no futuro da sua lingua e calorosamente applaudido por cerca de mil esperantistas, entre os quaes predominavam francezes e ingleses. Os diferentes discursos dos congressistas, alguns dos quaes eminentes homens de sciencia, a conversação entre pessoas das mais diversas nacionalidades, canticos e até mesmo representações theatraes, tudo emfim mostrou que o Esperanto é uma lingua admiravelmente apta para exprimir todas as relações verbaes entre os homens. A extrema facilidade com que se comprehenderam pessoas dos mais diferentes e mais affastados paizes mostram igualmente a inanidade da objecção fundada sobre as differenças d'accento. O recente congresso foi, pois, a consagração definitiva do Esperanto como completa solução do problema da lingua auxiliar internacional. Importa, pois, que a sua propaganda não esmoreça, para que a harmoniosa lingua de Zamenhof venha a unir brevemente todos os homens num fraterno e immenso abraço de confraternisação universal.

MARIOTTE.

O RETRATO  
PELO TELEGRAPHO

Último prodigio de sciencia são sem duvida as propicias experiencias realizadas recentemente pelo professor Korn, de Munich, no intento de enviar photographias por via dos arames telegraphicos.

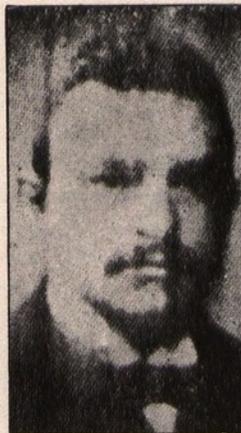
O processo do professor Korn é altamente technico.

O apparelho transmissor consta de um tubo de selenio, que gira sobre um pequeno fulcro e que é cercado por um cylindro de vidro sobre o qual se enrola a transparencia (positiva ou negativa) que tem de ser telegraphada. Atravez da transparencia passa a luz de uma lampada electrica de arco, e cae sobre o tubo de selenio n'um certo ponto, que muda constantemente de força á medida que debaixo d'ella passam as varias partes da transparencia, no movimento gyrotorio.

O systema de revolução não só gyra em roda mas move-se tambem lentamente na direcção do seu eixo, de forma que todas as partes da transparencia e todas as partes do tubo de selenio passam alternadamente sob o ponto de luz.

O receptor consta de um cylindro com uma pellicula sensibilizada, gyrando e tambem movendo-se ao longo da linha do eixo, com a mesma velocidade do cylindro transmissor. Perto d'elle está uma luz, n'um tubo de vacuo, resguardada por uma substancia não actinica, a não ser n'uma fresta minuscula d'onde cae um raio de luz sobre a pellicula gyrante sensivel.

A intensidade d'esta luz é variavel e regulada pela corrente electrica, a qual por seu turno e regulada



PHOTOGRAPHIAS TRANSMITTIDAS PELO TELEGRAPHO

pela luz actuando atravez da transparencia do transmissor sobre o selenio. Todos os pontos do cylindro receptor são alternadamente expostos, e podem dar um negativo ou um positivo.

É portanto hoje possivel enviar retratos pelo telegrapho, sendo reproduzidos na estação receptora com exactidão notavel. Os dois retratos acima são excellentes exemplos dos resultados até hoje obtidos.

AS ESCAVAÇÕES  
DE  
KARNAK

**D**URANTE os trabalhos ha nove annos feitos por M. G. Le-grain para a restauração do grande templo de Ammon em Karnak, perto de Luqsor, acaba de se descobrir um admiravel jazigo de estatuas e objectos preciosos de toda a casta pertencentes á época dos Ptolomeus. Desenterraram-se até hoje oito mil estatuas de bronze dourado, mais de quinhentas de granito, basalto, beryllo, calcareo, madeira petrificada, etc., tendo quasi todas ellas inscrições historicas. Esta descoberta é a mais importante que se tem feito no Egypto, desde a do Serapeum de Memphis por Mariette.

O MAIOR AQUARIO  
DO MUNDO

**E**o de New York, construido ha oito annos, e modelar sob todos os pontos de vista.

Possue 3:000 peixes representando 250 especies diferentes. Tem sete grandes lagos, 98 tanques de pedra, sendo quatro d'elles para tartarugas, além de um grande numero de tanques menores. Contém representantes dos principaes generos ichthyologicos desde o oceano Arctico até ao golpho do Mexico. Durante dez mezes do anno, a agua tem de ser aquecida para uso das especies tropicaes, e durante quatro ou cinco arrefecida artificialmente para outras especies.

Na lagoa circular central vêem-se tubarões e outros peixes vorazes. A' borda d'este lago ha pequenos aquarios de vidro, onde se assiste ao nascimento e á evolução dos mosquitos.

Os bichos que excitam maior curiosidade no aquario são: um bello especimen de phoca, capturado nas costas da Florida, de dimensões collossaes, que pesa cerca de 220 kilos; duas baleias brancas; uma lagosta gigantesca, com o peso approximado de 13 kilos; e uma especie de grande congro (serpente do mar).

O custeio do Aquario anda por 10:000 libras por anno. O numero annual dos visitantes regula, em media, por 1.750:000.

ILHAS  
FLUCTUANTES

**N**os rios da bacia do Amazonas encontram-se ilhotas fluctuantes que offerecem a particularidade de se deslocar e seguir ao sabor da corrente. A's vezes attingem dimensões consideraveis, engrossam com os troncos de arvores apanhados no caminho, arrastando a terra, e são geralmente cobertos de uma vegetação que supporta a seccura.

Egual phenomeno se dá no Zaire, onde as *ilhas de capim* embaraçam a miude a navegação.

LEÕES  
NA INDIA

**D**URANTE muito tempo, recebeu-se a desappareição do leão sem juba de Guzerate (*uncia geogratensis*), a unica variedade de leão que tem sobrevivido na India asiatica. Promulgaram-se leis

em favor do bicho. Só os principes e rajahs da provincia de Kathiawar é que tinham direito de caçar essas feras. Ha cinco annos, andavam por duzentos os que havia na floresta de Gir, seu ultimo habitat. O numero cresceu por forma assustadora, graças á protecção das auctoridades. Sahem agora da sua solidão, onde rareia a caça, e atacam em pleno dia as povoações circumvisinhas. No anno passado, devoraram muitos centos de bois domesticos e mataram numerosos indigenas. Os jornaes da India reclamam que se organise contra elles uma batida. Ha cinco annos a esta parte, apenas foram mortos sete d'esses leões, um pelo principe Raujitsinhji, os outros seis por occasião de uma caçada organisaada em honra de uma alta personagem ingleza. Um dos leões feridos matou o prefeito de policia de Bombaim, major Carnegy. Esta tregua de cinco annos provou pelo menos que o leão sem juba não estava ameaçado de extincção total.

PERFURAÇÃO  
DO PEQUENO  
S. BERNARDO

**S**s francezes estão-se preocupando seriamente com a abertura do tunnel do Simplon, á qual no nosso numero 2 consagramos um interessante artigo. As linhas francezas vão perder uma corrente consideravel de mercadorias. A solução, em favor da qual se pronunciou o syndicato de iniciativa de Saboya, é a perfuração do Pequeno S. Bernardo, a qual interessa altamente ás regiões do centro, do sudoeste e do meio-dia de França. Os centros commerciaes e industriaes de Grenoble, Lyon, Saint-Étienne e a bacia do Loire, Saint-Nazaire, Bordeus, etc., seriam favorecidos pela linha do S. Bernardo, ao passo que a rectificação, adoptada para a linha do Simplon, aproveitaria apenas ás regiões de leste e de norte da França.

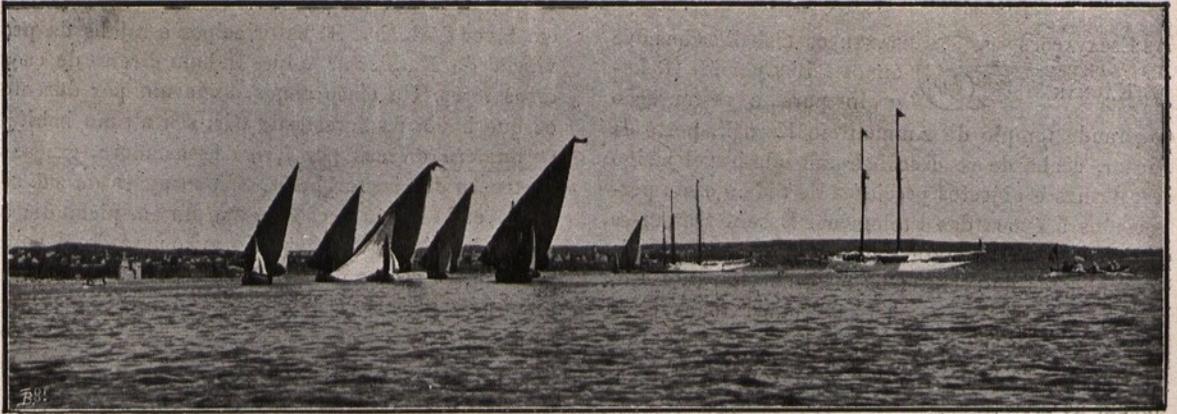
A SAUDE  
DAS CRIANÇAS  
NO JAPÃO

**N**o Japão, a mortalidade das creanças é inferior á da Europa ou da America. As casas estão todas uns dois pés acima do soló e o ar é tão puro dentro como fóra. Não ha ninguem que não tome banho e não se lave a valer todos os dias. O extremo aceio dos japonezes é decerto uma das causas do abaixamento da mortalidade infantil.

ACÇÃO DO RÁ-  
DIUM SOBRE O  
SYSTEMA NER-  
VOSO CASTRAL

**E**XPERIENCIAS feitas pelo professor Obersteiner sobre ratos brancos sujeitos á acção do brometo de radium, em circumstancias variaveis de tempo e de exposicção, tiveram como resultado o succumbirem todos os 34 animaes observados. Na caixa onde os mettiã, os ratinhos permaneciam encolhidos, sentados nas patas posteriores, de olhos fechados. Tinham uma tremura continua, a respiração accelerada e laboriosa. A morte era geralmente precedida de suores e paraplegia.

As lésões verificadas pela autopsia, são attribuidas pelo sabio professor a perturbações circulatorias e metabolicas.



REGATA DE 26 DE SETEMBRO — LARGADA DAS CANOAS DA PICADA  
Cliché Benolie!

## Vida no Sport

REGATAS  
DE CASCAES

COM um tempo esplendido, verdadeiramente apropriado, realisaram-se no primeiro domingo de outubro as annunciadas regatas de Cascaes, promovidas por uma commissão em honra de Suas Majestades.

As corridas dos barcos de vela, muito bem organisadas e dirigidas, foram coroadas do melhor exito. Anciosamente esperada era a dos *schooners* de mais de 50 toneladas, primeira do programma, que apresentava o enorme atractivo de correrem pela primeira vez em competencia os dois melhores *racers* portuguezes, *Maris Stella* e *Elisa* contra o *cruizer Dinorah*, até ha pouco considerado invencivel no nosso meio. Dos tres barcos que corriam em *handicap*, a victoria pertenceu ao *Maris Stella*, adquirido ultimamente por Sua Magestade El-rei em Inglaterra, onde na ultima temporada mostrou as suas admiraveis qualidades nauticas, classificando-se em primeiro logar em quasi todas as regatas em que tomou parte. Em Cascaes fez as 30 milhas de percurso em 4 horas e 42 minutos, o que dá a velocidade media de 6,3 milhas a hora, magnifica em vista do pouco vento que soprava.

O *Elisa* e o *Dinorah* são egualmente dois bellos barcos, veleiros e elegantes, motivos que tornariam esta corrida verdadeiramente interessante, se não tivesse como principal interesse o facto de Sua Magestade El-rei se ter dignado correr a bordo do *Maris Stella*, o que foi para os membros da commissão e para os seus competidores uma honra por todas as razões excepcional.

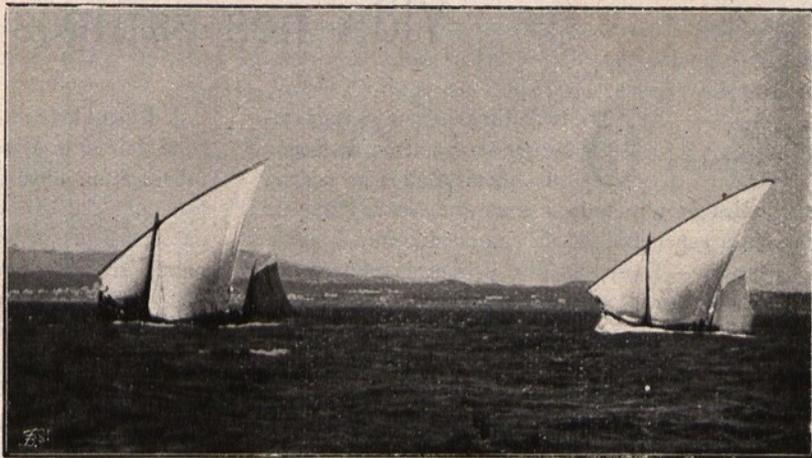
Todas as outras corridas foram bem timonadas, o que contribuiu para tornar estas regatas de vela as mais brilhantes que se tem realisado em Cascaes. A notar, apesar de tudo, a largada do *cutter Maria Luiza* na segunda corrida, que foi soberba.

A bahia presta-se admiravelmente á realisação de corridas de barcos de vela; outro tanto não succede ás de remos, — *guigas*, *pic-nics* e *outriggers*, — que tem de correr a uma enorme distancia da praia, distancia tão grande que os que procuram seguir as phases da lucta desde o começo, tem de se contentar com o vêr a chegada, ficando comtudo sem saber qual o vencedor pela dificuldade de distinguirem as tripulações. D'ahi a frieza notada nos assistentes que vão debandando a pouco e pouco e deixando a praia deserta ás ultimas corridas, que acabam quasi noite pelos enormes intervallos que as separam. Tem sido este o resultado de corridas realisadas em taes condições; foi este o resultado das corridas de remos



REGATA DE 1 DE OUTUBRO — «ORION»  
Cliché A. Lima

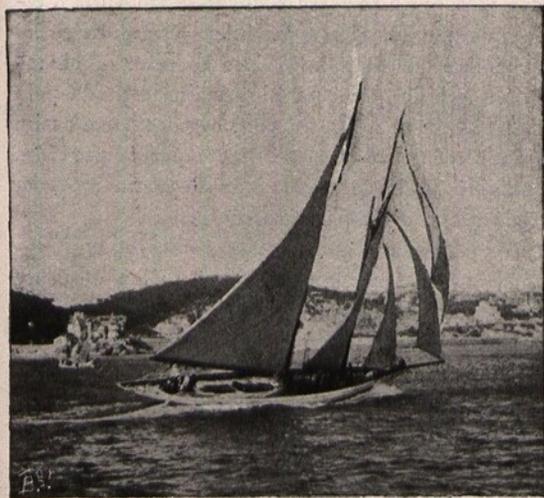
realizadas no primeiro domingo de outubro em Cascaes. As regatas anteriores deveriam ter servido de lição aos organizadores de festas d'esta ordem, para que pensassem sómente em barcos de vela e deixassem as corridas de remos para serem levadas a effeito em logares em que possam ser observadas de perto, como succede ao longo das muralhas do Tejo, onde se realisam annualmente as provas da Taça Lisbôa. Ahi é que a lucta pode ser observada em todas as suas phases, o que contribue immenso para levantar o rowing em Portugal ao



REGATA DE 6 DE SETEMBRO — CANOAS DA PICADA NA BAHIA DA CABEÇA DO PATO  
Cliché Benoliel

A victoria coube á *Nova Julia d'Almeida*, depois de uma lucta renhidissima com a *Emilia* 1.<sup>a</sup> graças a uma correcta manobra do seu timoneiro.

Para a corrida das canôas do Seixal estavam inscriptos 3 barcos — *Nova Andorinha*, *Andarilha* 1.<sup>a</sup> e *Senhorinha* — ganhando a *Nova Andorinha* o premio de 100\$000 réis.



REGATA DE 1 DE OUTUBRO — «ELISA»  
Cliché A. Lima

logar que deve occupar pelas magnificas condições naturaes que os nossos rapazes possuem. Regatas de remos realisadas nas condições das de Cascaes dão, como propaganda, resultados contraproducentes; não servem como diversão; e pelo lado do valor sportivo... havia muito a dizer.

As festas terminaram com o baile e cotillon no Sporting Club, precedidos da distribuição de premios aos vencedores, distribuição feita por Sua Alteza o Sr. Infante D. Afonso.

As regatas realisadas em 26 de setembro tambem foram magnificas, mas a estas sómente concorreram barcos tripulados por profissionaes.

Correram *candás da picada* e *canôas de latino das muletas do Seixal*.

A primeira largada foi a *das candás da picada* para que estavam inscriptas as seguintes: 20 de Janeiro, *Emilia* 1.<sup>a</sup>, *Restauradora*, *Flôr de Setubal*, *Africana*, *Leonor* 1.<sup>a</sup>, *Leonor* 2.<sup>a</sup>, *Nova Julia d'Almeida*, *Rita* 1.<sup>a</sup>, *Maria*, *Bonita União*, *Dois Garotos*, *Julia* 1.<sup>a</sup> e *Adelina Cara*.

#### RECORD DE PIANISTA

Um pianista, George Sherry, parece que executou no piano sem interrupção mil cento e dois trechos. N'essa sessão, que durou 26 horas e meia, o precedente campeão, chamado Waterburgo, foi batido por meia hora. Esta façanha pertence ao sport, não tem decerto nada que vêr com a arte.



REGATA DE 1 DE OUTUBRO — «MARIS STELLA»

Cliché A. Lima

## Vida nos campos

OUTUBRO

NOVEMBRO

**G**s trabalhos do campo seguem-se uns aos outros de forma que quem d'elles se occupa com dedicação tem todo o anno que fazer, qualquer que seja a especialidade da sua producção.

*No campo*—É depois das primeiras águas, que amaciam as terras, que a charrua melhor entra com ellas para virar de baixo para cima a camada aravel.

O sol é o primeiro fertilizador da terra e é depois de receber a sua influencia que ella melhor produz. É por isso que as lavouras no secco, quer dizer, antes de começar as chuvas, melhor resultado dão, devido a durar mais tempo a acção do sol, até que comece o inverno. O trabalho então é mais penoso, mas mais util.

O mais vulgar porém é agora charruarem-se as terras que deram a sua colheita, mesmo porque n'este tempo é que se começa a tratar das sementeiras segundo o estado do tempo.

*Na vinha*—Pouco se faz agora na vinha, por todo o viticultor estar preocupado com os trabalhos da vinificação. N'esta epoca vae terminando a fermentação do mosto, o desdobramento do assucar e a formação dos vinhos que no começo do mez de novembro já dão prova. No dia de S. Martinho, 11 do mez, já costuma haver vinho novo!

*No jardim*—N'esta epoca tambem se devem cavar os jardins remechendo a terra o melhor possivel á volta das plantas, e misturando-lhe os esterco de curral.

É agora que devem ficar enterradas as plantas bolbiferas, taes como rainunculos, jacintos, junquillos, anemonas, etc.

Tambem é nesta occasião que se podam as rozeiras enxertadas, e em principio de novembro que se deve semear esta encantadora planta, a primeira dos nossos jardins.

Florescem n'este mez os crysanthemos, ou despedidas de verão, flores que por serem abundantes, vistosas, de enorme variedade, e apparecerem n'uma época em que poucas outras flores ha, se tem tornado muito estimadas e dignas do capricho com que os jardineiros e amadores teem conseguido a multiplicação das suas variedades.

Esta planta semea-se na primavera.

As plantas são dispostas em vasos, ou no chão com um afastamento de 30 a 40 centímetros. Os rebentos lateraes são cortados uma vez em junho, outra em julho, outra em agosto, para que concentre no topo da haste toda a força para a producção da flor, que se pode assim obter de qualidades admiraveis.

CHOCADEIRA

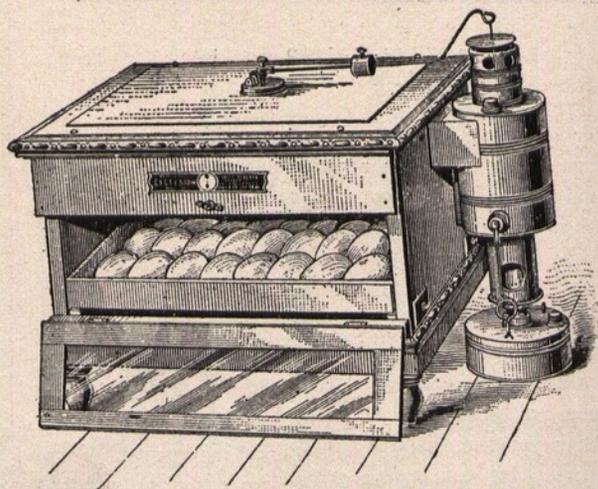
ARTIFICIAL

**A** criação de gallinhas constitue uma das distracções mais uteis para uma dona de casa durante os ocios de provincia.

A difficuldade de se obterem sempre boas gallinhas chocadeiras e criadeiras, deu origem á ideia de se fabricar um apparelho que as substituísse com vantagem, e é d'esse apparelho hoje muito vulgarisado na America, em França e mesmo no norte do nosso paiz, que aqui vamos fallar.

A chocadeira ou incubadora artificial consiste em uma caixa sobre quatro pequenos pés, que a isolam do chão; dentro d'ella acha-se uma especie de tabolleiro, dentro do qual se estende uma certa quantidade de ovos. Ao lado da caixa ha um candieiro que aquece uma porção de agua encerrada n'um deposito sobre os ovos. Estes recebem assim o calor nas mesmas condições em que o receberiam da gallinha. Essas condições são mantidas pela fórma seguinte: os ovos ficam collocados no taboleiro, que é de rede para que o ar possa renovar-se em volta d'elles, o que succede com a gallinha. No candieiro ha uma chaminé que dá sahida livre ao calor da chamma. Essa sahida póde porém ser interceptada pelo metallico (veja-se a fig. na pag. seguinte) que assim obriga a corrente do ar quente a escapar-se por fóra da chaminé junto ás paredes do deposito da agua elevando assim a temperatura d'esta.

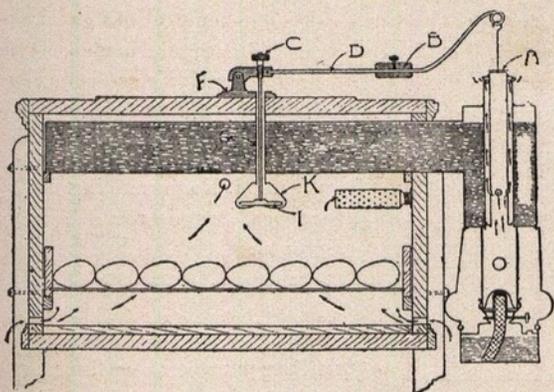
Dentro da camara onde estão os ovos ha um suporte K que sustenta um disco ou lentilha de cobre ócca e fechada dentro da qual está encerrado um gaz muito expansivo. Quando na camara o calor sóbe a um certo ponto, a lentilha augmenta de volume, devido a dilatação do ar que encerra e com isso levanta pela haste G a alavanca D que fica na peça F, sus-



CHOCADEIRA ARTIFICIAL

pende o disco destapando a sahida livre da corrente d'ar quente que assim deixa de passar junto das paredes do deposito, e por conseguinte deixa de o aquecer. Por tentativas chega-se a afinar estes movimentos, á vista do thermometro dentro da camara,

e por meio do parafuso C e do peso B a um tempo correcto de calor perfeitamente mantido durante o tempo necessario. A mesma quantidade de agua



SECÇÃO DE UMA CHOCADIRA

chega para uma incubação. O oleo do candieiro pode facilmente renovar-se. O ar é mantido com a necessaria humidade pela cooperação da agua embebida

por uma esponja, mettida num pequeno tubo horisontal perfurado, dentro da camara. E finalmente os ovos, são diariamente rolados no taboleiro para mudarem de superficie aquecida, como quando são chocados pela gallinha.

Ha chocadeiras comportando desde 50 ovos até 500.

Escolhendo bem os ovos, a percentagem de falhas na chocadeira artificial é muito insignificante, e para este assumpto chamamos a attenção das boas donas de casa que vivendo no campo com isto podem criar uma industria muito interessante e util.

Como complemento a este apparatus, ha outro aquecido pela mesma fórma e disposto de maneira que possa servir de criadeira artificial, para substituir ainda a gallinha na criação dos pintainhos.

Este apparatus, de grande utilidade domestica, póde igualmente prestar-se para uma importante exploração industrial, em que podem interessar-se as donas de casa, juntando assim o util ao agradável. O commercio dos ovos póde attingir um desenvolvimento consideravel, como se prova pelas estatisticas de alguns paizes, sobretudo no norte da Europa.

## Vida na arte

UMA PEÇA DE  
MOUNET-SULLY

Os louros de Sarah Bernhardt, se bem como autora não fossem muito viçosos, excitaram, segundo parece, o seu collega Mounet-Sully. Annuncia-se uma peça d'este illustre actor, feita em collaboração, sob o titulo *A Velhice de Don Juan*, a qual deve ser representada no Theatro Francez, sendo o papel do protagonista desempenhado pelo auctor.

O assumpto parece realmente interessante. O typo de D. João, meio cavalheiresco meio picaresco, já tratado por tantos escriptores insignes, Tirso de Molina, Molière, Byron, para não citar outros, tendo inspirado a musica genial de Mozart, já morto pelo nosso eminente poeta Guerra Junqueiro, resurgirá porventura admiravelmente no tablado, sob a figura ainda esbelta de Mounet-Sully, se acaso as suas faculdades de invenção litteraria corresponderem ás suas brilhantes qualidades, já de sobejo reconhecidas, de criação artistica.

UMA ESTATUA  
EM PERIGO

Junto da estatua de Frederico o Grande, que existe em Washington, perto da residencia do Presidente da Republica norte-americana, foi collocada uma bomba de dynamite. Um negro, de nome Jorge Ellis, passando por deante da estatua, viu a bomba, e embora conhecendo o perigo que poderia correr aproximando-se d'ella, foi buscá-la, entregando-a depois á policia. Sabedor d'este facto, o Imperador Guilherme da Allemanha quiz recomendar o negro, e enviou-lhe um rico relógio, em que mandou gravar o monogramma imperial. O presente acaba de ser entregue a Jorge Ellis pelo Ministro da Allemanha em Washington.

MORTE DO TENOR  
TAMAGNO

MORREU o celebre tenor Tamagno, com, cincoenta e cinco annos de idade. Era universalmente conhecido. O seu primeiro grande exito data de 1873, no theatro Bellini, em Palermo. Depois, a sua carreira artistica foi constantemente cheia de triumphos incomparaveis. Percorreu toda a Europa e toda a America, sollicitado sempre com um enthusiasmo que elle fazia pagar caro, exigindo quantias fabulosas por cada contracto que realisasse. Só a



O TENOR TAMAGNO

Patti tem ganho tanto como Tamagno chegou a ganhar pelo canto.

A fortuna que o famoso tenor italiano deixa é avaliada em quatro milhões de francos.

Dizia-se que Tamagno era avarento. Agora se averigua que não, parecendo certo que distribuía avultadas quantias por artistas pobres, mas gostando de o fazer sem alarde. Todos os seus lucros, durante os ultimos oito annos que cantou em Italia, tiveram esse destino.

Era afinal de contas um benemerito.

## Variedades

### FALSIFICAÇÃO DOS ALIMENTOS

**A**VISO ás nossas auctoridades sanitarias!  
Em 2:890 amostras de generos e liquidos diversos analysados no laboratorio municipal de Paris durante o mez de junho, encontraram-se apenas 1:387 boas! 1:019 eram soffríveis, 484 más. Em 773 amostras de leite, havia só 76 boas, 578 eram soffríveis, 119 más. Em 617 amostras de vinho, 341 eram soffríveis, 159 más, 117 boas. As cervejas são mais felizes: havia 13 boas, 18 soffríveis, e 2 más. Nos vinagres, 1 bom, 9 soffríveis e um mau. Os queijos e as manteigas são melhores: ha só 8 maus em 248. As aguas e os gelos: 140 amostras boas em 210. Os kirschs e espirituosos diversos: 114 bons em 136. As carnes e conservas: 138 boas em 163.

### ESTANCAMENTO DAS CASCATAS DO NIAGARA

**G**s americanos começam a preocupar-se, sob o ponto de vista pittoresco, com a multiplicação das installações hydro-electricas nas cascatas do Niagara, sobretudo n'este momento em que voga a ideia de se obter auctorisacão para arrancar mais meio milhão de cavallos a este desaguadouro dos grandes Lagos. O chefe do serviço geologico no Estado de New York officiou recentemente que, quando se tiverem desviado do Niagara 2:400 metros cubicos por segundo deixará de existir a grande catadupa americana.

### UMA EXPLOÇÃO DE 11:700 KG. DE DYNAMITE

**E**STA massa formidavel de explosivo foi empregado para fazer desabar um lanço de rocha, de 120 metros de altura, que margeava o Danubio em Greifenstein. Tinha sido distribuida por tres camaras subterraneas dispostas á distancia de 40 metros umas das outras, ao sopé d'uma muralha enorme. Em cada uma d'ellas não havia menos de

150 caixas de 25 kilos, alem das caixas com detonadores e fardos de enchimento. Foi por meio da electricidade que se deu fogo á mina. No mesmo instante, desabaram 180:000 metros cubicos de rocha, e nos dias seguintes ainda ruíram mais 100:000 metros cubicos. O preço por metro cubico não excedeu 30 réis.

### BARATEAMENTO DA FRANQUIA POSTAL

**E**M França projecta-se fixar em 10 centimos, para o serviço do interior e para as relações com as colonias francezas, o porte das cartas por cada 15 grammas ou fracção de 15 grammas. O Conselho Federal Suisso tenciona propôr no proximo Congresso da União Postal que a franquia das cartas para o extrangeiro seja fixada em 25 centimos para um peso de 18,5 grammas, em lugar de 15 grammas e que a franquia minima dos documentos commerciaes se reduza de 25 a 10 centimos.

### CONSCIENCIA DE CÃO

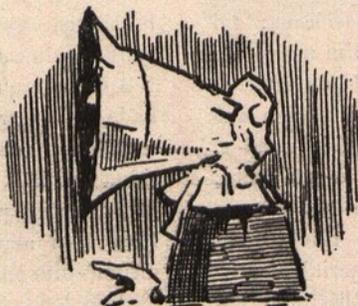
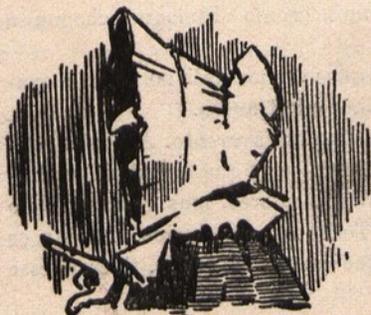
**U**M caçador principiante possuia um cão soberbo, que nunca falhava no apanhar da caça morta ou ferida.

Um dia o dono, cuja pontaria deixava muito a desejar, atirou a um coelho que atravessava inesperadamente o atalho, e ouviu em seguida um uivo doloroso.

Logo depois, appareceu o cão, trazendo na bocca um objecto negro, que depoz cuidadosamente aos pés do dono. Era a propria cauda que o animal tinha apanhado!

### A PRODUÇÃO DA PLATINA NO MUNDO

**A**o passo que as minas do mundo dão annualmente perto de 500:000 kg. d'esse metal precioso que se chama ouro, a produção total de platina não excede seis a sete toneladas.



A EVOLUÇÃO DA MACHINA FALANTE